

JOSÉ DIRCEU: Ex-ministro da Casa Civil revela ansiedade pelo seu julgamento no STF

SOCIOLOGIA

NUCLEO
CIÊNCIA
VIDA



TALENTO COM CORAGEM

Consciência social e política fizeram de Mercedes Sosa a cantora símbolo da América Latina



As transformações nos modelos de trabalho e os impactos econômicos e sociais dessas mudanças analisados por especialistas

REINVENÇÃO DO TRABALHO

SHOW DE ABSURDOS?

Culturas, crenças e pensamentos divergentes unidos a momentos vexatórios "abrilhantam" os reality shows

CONTRAPONTO

A visão da Igreja Católica sobre as mudanças trazidas pelo século XXI



EDITORA
escala

NÚMERO 27 - PREÇO R\$ 8,90
ISSN 1980-8747
9 771980 874004

CADERNO DE EXERCÍCIOS: A Sociologia nas questões da exploração espacial e do meio ambiente

SUMÁRIO

CAPA: SHUTTERSTOCK
SOCIOLOGIA | EDIÇÃO 27

06

ENTREVISTA

Ex-ministro da Casa Civil, **José Dirceu**, fala sobre sua vida na política e a espera pelo julgamento do Supremo Tribunal Federal



12

DE OLHOS VENDADOS

Presentes em vários países, os *reality shows* mostram diferentes culturas de pessoas encarceradas sendo observadas por milhares de telespectadores

16

BRAVA GENTE

"Diretas Já" - A importância desse movimento na redemocratização do País



22

REGISTRO

A oportunidade de reavaliar antigos e novos papéis pelo estágio mais recente de organização profissional dos sociólogos

26

CAPA

Novos modelos de trabalho: impactos sociais e econômicos advindos dessas mudanças



38

SOCIOLOGOS & SOCIOLOGIA

A trajetória e as pesquisas nas áreas da saúde e do pensamento social brasileiro da socióloga Nísia Trindade Lima

42

PENSAMENTO SOCIAL

A visão de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda sobre os objetos centrais do pensamento social brasileiro



46

RESENHA

"Marxismo, História e Revolução Brasileira: Encontros e Desencontros", de Augusto César Buonicore, é o livro apresentado nessa edição



48

FEZ DIFERENÇA

Mercedes Sosa: a cantora símbolo da América Latina



52

SOCIEDADE

Estrutura, interação, sociedade e indivíduo: como a teoria sociológica trabalha essas questões

58

SANTO PODER

Igreja Católica X Mudanças apresentadas pelo século XXI



64

ANTENADO

As melhores dicas para coleta de informações sobre Sociologia



CADERNO DE EXERCÍCIOS

Exploração espacial, meio ambiente e sociedade global: bem-vindo a uma interpretação sociológica em benefício da atualidade



Editorial

RELAÇÕES MUTANTES

A revista **Sociologia Ciência & Vida** chega a sua edição de número 27, abordando em sua matéria de capa um tema recorrente da Sociologia: o mundo do trabalho. O impacto das transformações no âmbito das organizações e, conseqüentemente, nos modos de produção e vínculos empregatícios gera incertezas e inseguranças quanto ao futuro. Como questiona o sociólogo Richard Sennett, autor de "A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo" (1999), *como se buscar objetivos de longo prazo numa sociedade de curto prazo? Como se podem manter as relações duráveis?*

Destacamos ainda a entrevista exclusiva concedida pelo ex-ministro da Casa Civil José Dirceu. Superministro do governo Lula até o estouro do Mensalão, Dirceu relembra o seu percurso na política desde os tempos de movimento estudantil e analisa os principais fatos políticos em que esteve envolvido recentemente, da CPI Collor/PC Farias até a cassação do seu mandato de deputado federal em 2005. Por falar em poder, confira o texto do sociólogo Luiz Eduardo Souza Pinto sobre os dilemas da Igreja Católica no século XXI. No artigo, religiosos e especialistas falam sobre o papel do catolicismo na modernidade.

A revista traz também um balanço da história das associações de sociólogos no Brasil e uma matéria sobre a importância do movimento "Diretas Já" para a nossa consolidação democrática, além do nosso já tradicional Caderno de Exercícios.

Boa leitura!

Conselho Editorial

Aldo Fornazieri é mestre e doutor em Ciências Políticas pela USP, pós-graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, licenciado em Física pela Universidade Federal de Santa Maria, diretor acadêmico e professor da Fundação Escola de Sociologia e Política. Possui artigos publicados no jornal O Estado de São Paulo, jornal O Globo, jornal da Tarde, na revista Teoria & Política, revista Teoria & Debates e revista Perspectiva da Fundação Seade de São Paulo.

Elisabeth da Fonseca Guimarães é bacharel e licenciada em Ciências Sociais e doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, professora de Prática de Ensino de Sociologia do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia - Faculdade de Arte, Filosofia e Ciências Sociais, membro do Colegiado do Curso de Ciências Sociais - Universidade Federal de Uberlândia e Membro da Comissão de Ensino de Sociologia - Sociedade Brasileira de Sociologia. Contato: elisabeth@ufu.br.

Gisela B. Taschner é bacharel, mestre e doutora em Sociologia pela USP, professora titular da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da FGV, fundadora e coordenadora do Centro de Estudos da Cultura e do Consumo (extinto) e do Centro de Estudos do Lazer e do Turismo da FGV, vice-presidente do Research Committee nº 13, Sociology of Leisure da International Sociological Association, visiting fellow da Universidade de Londres (Goldsmiths) e da Universidade do Texas (Austin).

Lorena Holzmann é bacharel em Ciências Sociais e mestre em Sociologia pela

Universidade Federal do Rio Grande do Sul e doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo. É professora titular do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Integra a atual diretoria da Sociedade Brasileira de Sociologia. Tem livros e artigos publicados na área da Sociologia do Trabalho.

Nildo Viana é bacharel em Ciências Sociais (UFG), especialista (UCB) e mestre em Filosofia (UFG), mestre e doutor em Sociologia (UnB), professor da Universidade Federal de Goiás, organizador de coletâneas, autor de diversos artigos em muitas publicações e de livros, entre eles: Introdução à Sociologia (Autêntica), Escritos Metodológicos de Marx (Alternativa), Universo Psíquico e reprodução do capital (São Paulo, Editora Escuta, 2008) e Como assistir um filme? (Rio de Janeiro, Editora Corfeu, 2009) e colaborador em várias revistas eletrônicas e impressas.

Paulo Roberto Martins é sociólogo, mestre em Desenvolvimento Agrícola, doutor em Ciências Sociais pela Unicamp, pesquisador do Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo (IPT), coordenador da Rede de Pesquisa em Nanotecnologia, Sociedade e Meio Ambiente (RENANOSOMA), presidente do Sindicato dos Sociólogos do Estado de São Paulo (Sinsp) e coordenador da Sessão Brasil de Sociólogos Sem Fronteiras.

Ronaldo Serôa da Motta é doutor em Economia pela University College London, coordenador de Estudos de Mercado e Regulação do IPEA e professor de Regulação Econômica e Ambiental de diversos MBA

(COPPE/UFRJ, PUC-RJ, FGV-RJ). Possui artigos e livros publicados, entre eles: *Analysing the environmental performance of the Brazilian industrial sector*, (Ecological Economics) e *Os impactos ambientais industriais da ALCA no Brasil*, (Economia Aplicada).

Samuel Feldberg é bacharel em Ciência Política com extensão em História pela Universidade de Tel Aviv, doutor em Ciência Política pela USP, pesquisador do Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais e membro do Grupo de Análise de Conjuntura Internacional da USP, colaborador do jornal Correio Braziliense, comentarista de política internacional da Rádio Eldorado, Rádio CBN e Rádio Auví-verde de Bauru, colaborador da Folha Online, site UOL e site Terra.

Tatiana Martins Alméri é socióloga pela Federal de Santa Catarina, mestre em Sociologia Política pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, professora da Universidade Paulista, leciona e faz a coordenação do setor de estágios na Faculdade de Tecnologia, é articulista da revista Carreiras&Negócios e colaboradora da revista Filosofia.

Thais Brito é bacharel em Ciências Sociais pela UNESP, mestre em Ciências Sociais-Antropologia pela PUC-SP, doutoranda em Antropologia Social pela USP, professora de Antropologia, Sociologia Geral, Sociologia das Organizações, Antropologia, Ética e Cidadania na Universidade Presbiteriana Mackenzie, professora dos cursos de pós-graduação, lato sensu, para o Senai/SP, colaboradora editorial da revista Cadernos de Campo e colunista da revista eletrônica Pronto!

por Priscila Gorzoni *

O RÉU

À espera de seu julgamento, previsto para 2011, o ex-ministro da Casa Civil José Dirceu fala sobre sua trajetória política e revela ansiedade pela decisão do Supremo Tribunal Federal

Nascido em Passa Quatro, uma pequena cidade do interior de Minas Gerais, o ex-ministro da Casa Civil José Dirceu de Oliveira e Silva apaixonou-se cedo pela política. Formado em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), teve destacada atuação como liderança do movimento estudantil nos "anos de chumbo" da ditadura militar. No dia 12 de outubro de 1968, durante o 30º Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE), realizado em um sítio de Ibiúna-SP, Dirceu acabou preso e conduzido para o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS). No início de setembro de 1969, em troca da libertação do embaixador

norte-americano Charles Burke Elbrick, sequestrado por integrantes das organizações guerrilheiras de esquerda Ação Libertadora Nacional (ALN) e Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), Dirceu e mais 14 presos políticos foram libertados pelos militares e expulsos do país. "Cassaram a minha nacionalidade, me baniram do país", afirma Dirceu, que exilou-se em Cuba e retornou na condição de clandestino para o Brasil. Após a anistia, ajudou a fundar o Partido dos Trabalhadores, em 1980. Eleito deputado federal, participou da CPI que levou ao *impeachment* e à suspensão dos direitos políticos do então presidente Fernando Collor de Mello.

Quando Luiz Inácio Lula da Silva foi eleito presidente da República em 2002, José Dirceu logo assumiu uma posição de protagonismo em Brasília. Nomeado ministro-chefe da Casa Civil, era o homem forte do Governo Lula até as denúncias do deputado federal Roberto Jefferson provocarem uma grande crise política, que culminou com a sua saída da equipe ministerial e a cassação do seu mandato de deputado federal. Nesta entrevista exclusiva para a revista Sociologia Ciência & Vida, José Dirceu conta como entrou para a política, relembra sua vida em Cuba, faz sua avaliação do caso PC Farias e do episódio de sua cassação em 2005.



Você nasceu na cidade de Passa Quatro, no interior de Minas Gerais. Lá, você já tinha contato com a política? Mostrava inclinação para essa vocação? Conte sobre o seu primeiro contato com a política e a militância na esquerda. Quais fatores ali podem ter influenciado sua trajetória política?

Meu pai era civilista, da ala do deputado Bilac Pinto (UDN-MG), e rompeu com o golpe na hora que a ditadura cortou figuras como o Lacerda e o Magalhães Pinto. Uma ala da UDN, partido extinto pelo AI-2 em 1965, se descolou e foi para a Frente Ampla, a união do JK, do Jango e do Lacerda, que foi extinta por decreto pela ditadura. Convivi com a política em casa, desde cedo. O sócio do meu pai na gráfica era do PTB, getulista. Aprendi a conviver com a diversidade desde criança.

Você se formou em Direito na PUC. O que o levou a fazer este curso? Detalhe sua liderança política naquela época.

Minha opção pelo Direito foi por via política. Queria estudar direito constitucional e internacional, além de penal. Na faculdade, me dei conta de que os professores ensinavam como se vivêssemos numa democracia e não falavam da ditadura, dos Atos Institucionais 1 e 2, da repressão, das cassações, da censura, das prisões, da proibição de greves e manifestações, do fim das eleições diretas. Comecei a protestar e a militar, a reativar o Centro Acadêmico, a participar de cineclubes, feiras de livro, reuniões e debates. Tudo proibido pela ditadura. Depois participei das lutas contra o aumento das anuidades, pela reabertura da UNE e das UEEs, as uniões estaduais de estudantes, e dos centros acadêmicos, até ser eleito presidente do CA 22 de Agosto, da minha faculdade, a PUC de São Paulo, e depois da UEE de São Paulo. Comecei a liderar minha classe

“Desencadeamos uma revolução cultural que poderia se comparar à Semana de Arte Moderna se não tivesse sido tolhida pelo AI-5. Em 1968, vimos surgir um Brasil urbano e uma geração jovem que trabalha e é independente dos pais”

e depois de participar de todas as lutas, aos poucos fui aprendendo com as lideranças de antes do golpe. Me filiei ao PCB [Partido Comunista Brasileiro] e depois à dissidência estudantil do PCB. Me lembro que quando entrei na faculdade de Direito da PUC, em 1965, encontrei um cemitério. Fui um daqueles jovens que se opunham ao golpe militar dado um ano antes e um militante do movimento estudantil e da rebelião de uma geração contra toda uma estrutura moral e de comportamento. Desencadeamos uma revolução cultural que poderia se comparar à Semana de Arte Moderna se não tivesse sido tolhida pelo AI-5. Em 1968, vimos surgir um Brasil urbano e uma geração jovem que trabalha e é independente dos pais. Começou a surgir um Brasil rebelde e libertário que misturava, por exemplo, as elites com as classes populares nas universidades. Quando ingressei nessa luta, o movimento estudantil vivia um cenário desolador: o golpe militar desfechado um ano antes fechava a maioria dos centros acadêmicos e instituições de movimentos sindical e popular, estabelecera censura (ainda que não institucionalizada) e até índice de livros proibidos.

O Brasil vivia o auge da repressão. Fale sobre a famosa Batalha da Maria Antonia.

A repressão permeava tudo: o ensino, a relação com os professores, a discriminação às mulheres, os movimentos e agremiações sociais e populares, enfim, toda a vida nacional. Da revolta contra

essa opressão e contra os padrões conservadores, nasceu, efetivamente, minha atuação política. Fui um dos participantes da batalha da rua Maria Antonia, em 3 de outubro de 1968, o histórico, gravíssimo e sangrento confronto entre estudantes da Faculdade de Filosofia da USP [Universidade de São Paulo] e uma minoria de estudantes da Universidade Mackenzie, este lado com o apoio de agentes infiltrados do DOPS e de membros do Comando de Caça aos Comunistas (CCC). O conflito, forjado para justificar a ocupação da Faculdade de Filosofia da USP, principal polo do movimento estudantil paulista, culminou na morte do secundarista José Carlos Guimarães, assassinado à bala pela repressão aos 20 anos. Após esse triste episódio, fizemos clandestinamente o 30º Congresso da UNE, em Ibiúna. “Caímos”. Os registros da mídia variam, mas o nosso cálculo é que mais de 800 estudantes foram presos, entre os quais eu.

Você foi um dos quinze presos liberados por exigência do sequestro do embaixador norte-americano. Por favor, relate como foram essas negociações e o que chegou até você nessa época. Qual era a sua relação com o grupo que sequestrou o embaixador?

Quando fomos presos durante o Congresso da UNE, primeiro fomos levados para o Forte de Itaipu, na Praia Grande, que na época era comandado pelo então tenente-coronel Erasmo Dias. Em seguida, fomos



“Vivi o exílio e a clandestinidade e, nas duas situações, a repressão, o endurecimento da ditadura, as mortes e desaparecimentos políticos provocados pela ditadura, a prisão e tortura infringidas aos idealistas que resistiam à ditadura, e a saga dos milhares de brasileiros que, como eu, foram obrigados a se exilar”

para o 2º BC em São Vicente, e depois passamos por uma delegacia na rua Onze de Junho, e pelo quartel do Exército em Quitaúna, bairro de Osasco. Lá eu fiquei sabendo por um preso que chamávamos de Cabeleira que seria um dos 15 presos políticos trocados pela libertação do embaixador americano Charles Burke Elbrick, e banido do país. Cassaram a minha nacionalidade, me baniram do país e me colocaram em um avião para o México. Fui recebido com outros companheiros pelo governo mexicano. Ficamos em um hotel que existe até hoje lá, no centro da Cidade do México. Depois de um mês, fomos para Havana, onde éramos hóspedes do governo cubano. Não tínhamos informações sobre as negociações, e minha relação com a ALN era política. A não ser pela presença na sua direção e nos grupos de combate de dezenas de companheiros que haviam lutado comigo no movimento estudantil, eu não tinha contato e não era militante da organização de Marighella. Alguns deles reencontrei em Cuba, daí a razão da minha ida para a Casa dos 28, onde me integrei ao grupo que estava em Cuba pela ALN para treinamento militar.

Durante o exílio em Cuba, como era a sua vida no país? Como era o seu relacionamento com os parentes e colegas no Brasil, e quais foram os momentos mais marcantes dessa fase? Depois, você voltou ao Brasil duas vezes clandestinamente. Como foram esses retornos?

Vivi o exílio e a clandestinidade e, nas duas situações, a repressão, o endurecimento da ditadura, as mortes e desaparecimentos políticos provocados pela ditadura, a prisão e tortura infringidas aos idealistas que resistiam à ditadura, e a saga dos milhares de brasileiros que, como eu, foram obrigados a se exilar. Em Cuba reencontrei os companheiros da Ação Libertadora Nacional e comecei a fazer

treinamento militar. Lá, estudei e trabalhei quando não estava fazendo treinamento ou me preparando para voltar ao Brasil. Nunca mantive contato com minha família durante o exílio e a clandestinidade, a não ser para avisar que estava vivo. De volta ao Brasil, lutei na clandestinidade entre 1971 e 1972. Sem condições de permanecer

zação, assim como eu, muitos militantes de esquerda, de vários grupos, da luta política e da luta sindical, sentíamos a necessidade de nos organizarmos em um partido que representasse os interesses dos setores progressistas e, principalmente, os interesses do povo brasileiro, do trabalhador brasileiro. Ha-

“Durante os anos que vivi no Paraná, aproveitei para conhecer o Brasil e estudar, ler, viajar. Só voltei a fazer contatos políticos no meio do ano de 1979, quando já estava claro que a anistia viria graças à luta democrática dirigida pelo MDB e à ascensão das greves operárias lideradas por Lula”

no país, voltei para Cuba por decisão de minha organização, o MOLIPO [Movimento de Libertação Popular]. E vivi também clandestinamente em Cruzeiro do Oeste, no Paraná, de 1975 a 1980, onde me casei com Clara Becker e tive um filho, José Carlos, hoje prefeito da cidade. Com a anistia em 1979, voltei à atuação política normal, ajudei a fundar e a organizar o PT. Durante os anos que vivi no Paraná, aproveitei para conhecer o Brasil e estudar, ler, viajar. Só voltei a fazer contatos políticos no meio do ano de 1979, quando já estava claro que a anistia viria graças à luta democrática dirigida pelo MDB e à ascensão das greves operárias lideradas por Lula.

Você foi um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores. Explique-nos sobre o início da formação desse partido e quais eram as maiores dificuldades. Fale sobre a sua atuação no partido no início e nos últimos tempos antes de sua cassação, em 2005.

Com a anistia e o início da redemocrati-

via um movimento sindical belíssimo no ABCD paulista, que foi berço para esse partido. Esse ideário de transformação, de construção do socialismo e de transformação ética da sociedade também cativou setores progressistas da classe média, da Igreja e mesmo do empresariado. Fui um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores, fui seu dirigente por anos. De 1981 a 1983, fui secretário de Formação Política do PT paulista; de 1983 a 1987, secretário-geral do seu Diretório Regional; e de 1987 a 1993 fui secretário-geral do Diretório Nacional. Em 1986 fui eleito deputado estadual em São Paulo. Em 1990, fui eleito deputado federal e em 1994, disputei o governo de São Paulo, recebendo dois milhões de votos. Voltei a ser eleito deputado federal em 1998 e 2002, quando fui o segundo mais votado do país. Em 1995, assumi a presidência do PT, sendo reeleito por três vezes. Na última, em 2001, fui escolhido diretamente pelos filiados em um processo inédito no Brasil de eleições diretas para todas as





direções de um partido político, e ocupei a função até 2002, quando me licenciei para participar do governo do presidente Lula. Fui integrante da coordenação das campanhas de Lula à presidência em 1989, 1994 e 1998, tendo sido o coordenador-geral em 2002. Com a vitória de Lula, assumi a função de coordenador político da equipe de transição. Quando o presidente assumiu, fui nomeado ministro da Casa Civil, cargo que ocupei de janeiro de 2003 a junho de 2005.

Você participou ativamente da CPI que levou a saída do então presidente Fernando Collor de Mello. Como avaliaria hoje o caso PC Farias?

Na Câmara dos Deputados, assinei, com Eduardo Suplicy, requerimento propondo a "CPI do PC" (Paulo César Farias), que levou ao *impeachment* do presidente Fernando Collor de Mello. Mas o que pedi era investigação para os fatos que se denunciavam à época. Collor renunciou para não ser cassado, para não ser condenado num julgamento político, e depois foi absolvido pelo Supremo Tribunal Federal. Como avalio hoje? Hoje, o ex-presidente Collor, depois de cumprir dez anos de suspensão

"Logo após as entrevistas de Roberto Jefferson para a 'Folha' e, principalmente depois que o 'Estadão' sugeriu a ele a ideia - e ele comprou - de me apontar como 'chefe da quadrilha', eu sabia que seria cassado"

de seus direitos políticos, é senador pelo seu Estado, Alagoas. Assim, acredito que respondeu por seus atos com a cassação e a suspensão dos direitos políticos por dez anos.

Durante o processo que culminou com a sua cassação, em 2005, como você enfrentou as acusações? Hoje, de que forma você analisa essas acusações e o que faria de diferente se pudesse voltar no tempo?

Logo após as entrevistas de Roberto Jefferson para a "Folha" e, principalmente depois que o "Estadão" sugeriu a ele a ideia - e ele comprou - de me apontar como "chefe da quadrilha", eu sabia que seria cassado, sabia que a Câmara teria de dar uma resposta e que a oposição não perderia a oportunidade de fazer tudo para me tirar o mandato. Nesse período, entre as denúncias e a votação da perda do mandato, eu fiz minha defesa com todas as forças, mas também me preparei para a vida longe do Executivo e do Legislativo. Mais ainda, me preparei para enfrentar os próximos anos à espera do julgamento no Supremo Tribunal Federal, que deve acontecer em 2011. Se considerarmos que o processo de cassação foi em 2005, posso dizer que falta pouco. No mais, já fui absolvido em ação de improbidade administrativa que corre na Justiça Federal em Brasília; todas as seis investigações abertas no chamado caso Waldomiro Diniz - duas CPIs, dois inquéritos policiais e dois procedimentos do MP - nada apontaram contra mim e nem arrolado como testemunha eu fui; e sobrevivi a uma devassa de 17 meses feita pela Receita Federal, que não encontrou nada de irregular nas minhas contas, principalmente no que se refere à variação patrimonial incompatível. Praticamente recebi um atestado de idoneidade. Só resta aguardar o julgamento no Supremo.

Quais são seus planos futuros?

Neste momento, aguardo ansiosamente meu julgamento no Supremo Tribunal Federal. ■

De olhos vendados

ZOOLÓGIA HUMANA?

Hábitos e pensamentos são observados por atentos telespectadores sedentos por ocasiões degradantes

por Tatiana Martins Alméri *

IMAGE: SHUTTERSTOCK

Começam novamente as apresentações dos zoológicos dos humanos. Nesses zoológicos você pode observar os hábitos, os costumes, as maneiras de relacionamentos, as bases da alimentação, as disputas entre grupos e como se comunicam. Você poderia imaginar que um dia isso iria ocorrer? Algumas pessoas ficariam trancadas – em uma casa-jaula – e você poderia observar vários pontos de suas intimidades. Quais seriam as propostas de se fazer algo parecido com isso? Para que realmente serviriam esses tais zoológicos dos humanos?

O mais curioso é que os humanos que se submetem a essa exposição, ou melhor, a essa clausura, sentem-se estrelas, personalidades, famosos, como se, no momento da reclusão, fizessem algo que trouxesse um crescimento ou um acréscimo social a ponto de se tornar um ídolo¹ nacional.

Clausura? Palavra de significado extremamente forte, porém, considerado como elemento necessário na tentativa de manter a ordem social. Se a existência de clausura é adequada ou não, temos teorias diferenciadas que apresentam de maneira metódica e ampla pontos divergentes, cada qual com suas contribuições. No entanto, à parte dessas contradições teóricas, na prática, clausura é uma pena escolhida socialmente àqueles que não seguem as normas e leis sociais. Portanto, clausura é uma punição, algo que é visto de uma maneira negativa socialmente, mas no caso do

zoológico dos humanos a clausura passou a ser um desejo nacional.

Ficar conhecido no Brasil inteiro de um dia para o outro, ser um participante do zoológico humano, um deles mais conhecido como Big Brother Brasil (BBB), tornou-se uma das metas da sociedade brasileira, e não só dela: na esteira da globalização, os zoológicos dos humanos ocorrem em vários países.

O senso comum sempre apresentou os seres humanos como melhores que os outros animais, como os detentores do topo da hierarquia dos seres vivos do planeta Terra, mas a Antropologia e a Sociologia sempre estiveram em um caminho mais coerente: somos todos seres necessários ao ciclo alimentar (e não pirâmide, a qual coloca os homens no topo. Afinal, quando morre-

veis a uma observação constante por outras pessoas, que constroem máscaras sociais². E tudo isso por quê? Para que outras pessoas, essas sim estão no topo da hierarquia dos humanos, possam ganhar dinheiro como consequência da clausura.

Isso já ocorreu anteriormente com outros seres humanos, na época da imigração italiana ao Brasil. Passando pelo porto de Dakar, existiam algumas gaiolas que tinham famílias de negros presos, e caso os imigrantes quisessem conhecer pagavam uma quantia para – consciente ou inconscientemente – dar estímulos à escravidão que tinha, utopicamente, acabado (PATRON, 1928).

Nesta época as discussões do fim da exploração com relação à escravidão fo-

Na prática, clausura é uma pena escolhida socialmente àqueles que não seguem as normas e leis sociais. Portanto, clausura é uma punição, algo que é visto de uma maneira negativa socialmente, mas no caso do zoológico dos humanos a clausura passou a ser um desejo nacional

mos, ninguém se alimenta do nosso corpo? Se estamos no topo seria porque ninguém, nem os vermes, se alimentariam da gente; o que, como sabemos, não é o que ocorre) e, por isso, possuidores da mesma importância no planeta.

Utilizo a expressão “zoológico dos humanos” por ser um parâmetro social que pode ser visto dessa maneira: pessoas que estão presas em um certo local, que são alimentadas, estimuladas a praticar certas atuações, que estão sob supervisão e susceti-

ram muito intensas. Hoje, nas reflexões da maioria da sociedade brasileira, é inadmissível prender pessoas que nada fizeram de prejudicial segundo as regras sociais, po-

2. As máscaras sociais implicam na “ideia de interações sociais, sobretudo a de interações simbólicas”, no sentido de Goffman. Mas, acima de tudo, implica interações sociais em um espaço social específico e histórico, carregado de significados e relações desiguais entre agentes portadores de diferentes capitais sociais. Implica, por fim, um campo, eivado de diferenças de posição e estruturado. Dentro dessa matriz, o habitus gera diferenças contínuas entre indivíduos como maneira de arranjar-se estruturalmente” (MONTAGNER, 2006).

1. Figura que representa uma divindade que se adora/ Pessoa à qual se prodigam louvores excessivos ou que se ama apaixonadamente. Diz-se de certas figuras que desfrutam de grande popularidade (artistas de cinema, cantores populares, jogadores de futebol, etc.) Cf. HOUAISS, 2000.

A "Febre" dos Reality Shows

O chamado *reality show* não é um formato recente na televisão. Eles surgiram nos EUA no final da década de 1940 e início de 1950, baseados em programas de rádio. São considerados pioneiros o "Esta é sua vida", apresentado por Ralph Edwards, e o "The Original Amateur Hour", este precursor dos shows de calouros e talentos. Em 1973, o documentário televisivo "An American Family" trouxe em doze episódios o cotidiano da família Laud. Por conta de sua fórmula, este é tido por especialistas como, de fato, o primeiro *reality show* da TV.

Em 1992, a Music Television (MTV) levou ao ar o "The Real World" e provocou inúmeras cópias e versões. Na atração da MTV, sete jovens permaneceram juntos por três meses. A ideia era observar a interação entre eles, com direito a brigas, romances, intrigas, etc. Depois disso, emissoras de TV e produtoras lançaram produtos parecidos. Fundador da Endemol, o holandês John de Mol criou em 1999 o sucesso mundial Big Brother. No Brasil, a febre dos *reality* começou com "Casa dos Artistas" (SBT) e intensificou-se com "No Limite" e "Big Brother Brasil" (Globo) e "A Fazenda" (Rede Record).

Fontes:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Reality_show (Wikipedia.org)
<http://lazer.hsw.uol.com.br/reality-show.htm> (HowStuffWorks)

rém, os *reality shows* não são classificados dessa maneira, pelo contrário, são vistos como comuns e altamente divertidos.

Por incrível que pareça, a submissão à exposição do próprio ser é legítima, como teorizou La Boétie. Existem várias razões pelas quais as pessoas se submetem à dominação, entretanto a principal delas consiste na submissão calcada no espírito de servidão voluntária (LA BOÉTIE, 2009)³. Além disso, a "submissão legítima" passa a ser a mais eficiente, pois é nela que o submisso se sente livre e assim dá abertura a uma maior supremacia do dominador.

A existência dessa submissão e exposição de pessoas nesses zoológicos humanos, entre outros parâmetros, é, além do caráter de exploração, uma real comparação e nivelamento do que somos com outros animais. Tratamos os homens de maneira indigna e atroz, tal como lidamos com os outros animais. Sempre em troca da base do sistema capitalista: o dinheiro.

Dê uma "espiadinha" só nisto: até as inspirações e modelos de hoje passaram a ser essas "grandes estrelas do país", que ascendem de um dia para o outro e, na maioria das vezes, se apagam com a mesma velocidade. Daí fica a pergunta: será que a existência desses zoológicos dos humanos serve simplesmente para enclausurar pessoas a troco de dinheiro ou para restringir discussões socialmente mais relevantes?

A segunda questão é a mais cabível atualmente. Restringir pensamentos a ponto de chegar a uma "não reflexão" da população com relação a parâmetros sociais, políticos e econômicos é algo que torna mais fácil o domínio e consequentemente a submissão. A política do pão e circo de Júlio Cesar tem funcionado há muitos anos.

É de dessa maneira que a clausura continua: nos vendemos a cada dia e, principal-

3. As máscaras sociais implicam na "idéia de interações sociais, sobretudo a de interações simbólicas", no sentido de Goffman. Mas, acima de tudo, implica interações sociais em um espaço social específico e histórico, carregado de significados e relações desiguais entre agentes portadores de diferentes capitais sociais. Implica, por fim, um campo, eivado de diferenças de posição e estruturado. Dentro dessa matriz, o habitus gera diferenças contínuas entre indivíduos como maneira de arranjar-las estruturalmente" (MONTAGNER, 2006).

REFERÊNCIAS

- BOETIE**, Etienne de La. *Discurso sobre a Servidão Voluntária*. Coleção RT textos fundamentais. São Paulo: RT, 2009.
- HOUAISS**, Antônio. *Koogan Larousse Dicionário Enciclopédico*. Rio de Janeiro, 2000.
- MONTAGNER** Pierre Bourdieu. *O corpo e a saúde: algumas possibilidades teóricas*. In: *Ciência e saúde coletiva*. Vol.11, N° 2, Rio de Janeiro. Apr./June 2006. ISSN 1413-8123.
- PATRON**, Solidea. *Relatos de imigrantes vindos da Itália*. Província di Treviso. Saída da Itália: 21 de agosto de 1928 / Chegada ao Brasil: 5 de outubro de 1928.

mente, a servidão voluntária se prolonga a medida que nascemos, já em um cerco que pretende não dar a nós a abertura para a reflexão. E para divertir um povo que não discute pontos necessários à construção social, os *reality* estão entre nós há 10 anos, construindo cabeças irreflexivas e submissas voluntariamente.

E, dessa maneira, nos sentimos livres; no início, a troca da exposição do ser como mercadoria era julgada, a ética social não permitia que joelhos e colos aparecessem de uma maneira tão exposta na televisão, hoje, sentimo-nos livres por podermos vender nosso corpo, praticamente nus, na íntegra, voluntariamente, submetendo-nos certamente ao sistema capitalista e aos que estão no topo da pirâmide financeira. Porém, temos em nossas mãos a escolha. O que não podemos é julgar as diferentes formas de vender o corpo, pois todas estão à busca do Deus do capitalismo, o Dinheiro. ■

* Tatiana Martins Alméri é socióloga pela Universidade Federal de Santa Catarina, mestre em Sociologia Política e docente na UNIP e na FATEC (taalméri2@hotmail.com)

ESPERANÇA E DEMOCRACIA

Após 26 anos dos comícios da campanha "Diretas Já", um balanço sobre a importância do movimento para o processo de redemocratização do Brasil

por Priscila Gorzoni *





No ano de 1984, o Brasil chegou ao auge das mobilizações populares contra a Ditadura Militar (1964-1985). Batizada de “Diretas Já”, a campanha liderada do palanque por políticos, intelectuais e artistas incentivou a população a sair às ruas para exigir o direito de votar. Esse momento de esperança e comunhão contribuiu para a consolidação da Abertura Política, iniciada no ano seguinte, e para a retomada das eleições diretas para presidente em 1989.

Apesar dessas conquistas, o professor da Faculdade de Ciências Sociais da PUCSP, Luiz Antônio Dias, doutor em História Social, reforça o caráter processual da democracia. A obtenção da democracia plena ainda está em andamento. “Acreditamos que ao longo desse processo de redemocratização, pontuado pelas lutas e manifestações, ocorreu um amadurecimento dos eleitores, da população de forma geral, que percebeu e ampliou suas possibilidades de ação. Como um bom vinho, a democracia necessita de um tempo de maturação, a nossa tem apenas vinte e cinco anos”. De qualquer forma, a luta pelas “Diretas Já” de 1984, passando pela eleição direta de Collor em 1989 e as manifestações pelo seu afastamento em 1992, mostram que a população conhece o seu papel e sua importância na consolidação democrática.

A história das Diretas Já começa no início de 1983, quando o deputado federal Dante de Oliveira (PMDB-MT), que havia acabado de ser reeleito, descobriu que as emendas por eleições diretas existentes no Congresso estavam prejudicadas. Urgia um projeto de lei bem fundamentado! O parlamentar mato-grossense então formulou uma proposta de emenda constitucional (PEC), logo apelidada de Emenda Dante de Oliveira.

O primeiro evento pelas Diretas Já aconteceu na Praça da Sé, em São Paulo, no dia do aniversário de 430 anos da cidade, 25 de janeiro de 1984. O grande comício reuniu cerca de 300 mil pessoas dispostas a reivindicar pelo direito de eleger o presi-

dente da República em 1985. “Um, dois, três, quatro, cinco mil! Queremos eleger o presidente do Brasil”, gritavam os presentes, em uníssono, puxados pelo locutor esportivo e mestre-de-cerimônias Osmar Santos. Bandeiras amarelas alusivas à cor da campanha misturavam-se às do PT, do PC do B, do PCB e do PMDB. Outros comícios semelhantes ocorreram por todo o Brasil. “Nesse momento, mobilizou-se milhões de pessoas em todo o País. Desta forma, a possibilidade de eleger um presidente através do voto direto passou a ser vista como a única forma para a superação da crise econômica e política que assolava o País”, relata Dias.

Para compreender todo esse processo, e a formação de nossa democracia, é necessário deixar claro que antes das Diretas Já, o cenário político brasileiro era de um profundo desencanto deixado pela sucessão de governos militares. “A ausência de eleições diretas para presidente, para governadores (até 1982) e para prefeitos (dos principais municípios) dava uma sensação de inutilidade ao processo eleitoral, posto que os atos do legislativo (única instituição composta pelo voto direto) passam, comumente, despercebidos pela maioria dos eleitores”, explica Dias.

O professor de História Social da PUC de São Paulo lembra que havia um desgaste na relação da população com o regime militar, percebido no crescimento de votos dados à oposição, representada pelo MDB até o retorno do pluripartidarismo, em 1979. No pleito de 1974, o MDB recebeu 39,8% dos votos para a Câmara Federal; em 1978 recebeu 39,3% e em 1982, após a reforma partidária, a oposição representada nesse momento pelo PT, PDT e PMDB conseguiu quase 45% dos votos. “Além disso, ao último governo militar, João Figueiredo (1979-1985), veio se juntar uma grave crise econômica, com queda do Produto Interno Bruto, recessão, desemprego e alta inflacionária. O “milagre econômico” havia chegado ao fim, e a população via-se duramente punida”, complementa o professor.

“Como um bom vinho, a democracia necessita de um tempo de maturação, a nossa tem apenas vinte e cinco anos”

LUIZ ANTÔNIO DIAS, DOUTOR EM HISTÓRIA SOCIAL E PROFESSOR DA FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA PUC-SP

MOBILIZAÇÃO POLÍTICA E POPULAR

Pode ser exagero do sociólogo Emir Sader, quando ele afirma que pela primeira vez existiu um consenso nacional, mas poucas vezes na história da República tantas pessoas concordavam que a democracia devia reassumir o seu lugar. De acordo com uma pesquisa publicada pelo jornal Folha de S. Paulo, em 26 de fevereiro de 1984, mais de 70% dos eleitores do PDS, nova sigla da Arena, queriam eleições diretas para presidente. Isto é muito significativo, principalmente se pensarmos que o PDS era o partido de sustentação do governo militar e contrário à eleição direta. Para Luiz Antônio Dias, “justamente por isso, a campanha ‘Diretas Já’ tornou-se um importante elemento aglutinador na história recente do País. Ela teve o mérito de reunir em um único palanque as principais forças políticas – PT, PMDB, PDT, PCB, PC do B – além das principais lideranças de oposição ao regime militar, dentre as quais Lula, Brizola e Ulisses Guimarães”.

Enquanto manifestação popular, a campanha começou de forma bastante tímida, em novembro de 1983, porém, rapidamente ganhou impulso. Às vésperas da votação da Emenda Dante de Oliveira, marcada para o dia 25 de abril de 1984, dois grandes comícios ficaram marcados como símbolos da celebração da cidadania. A 10 de abril, no Rio de Janeiro, estimados 1,5 milhão de pessoas bradaram pelas Diretas em frente à Igreja da Candelária. No dia 16, 1,7 milhão de paulistanos – e brasileiros de todos os Estados – uniram-se no Vale do Anhangabaú com o mesmo intuito.

Além de atores, cantores, juristas e políticos de diferentes legendas políticas, os jogadores do Sport Club Corinthians Paulista, Sócrates, Wladimir e Casagrande, líderes do movimento Democracia Corinthiana, também compareceram ao Anhangabaú. Em seu livro “Democracia Corinthiana: práticas de liberdade no futebol brasileiro” (Educ, 2009), o sociólogo José Paulo Florenzano, professor do Departamento de Antropologia da PUC-SP, relata o diálogo ao microfone entre Os-

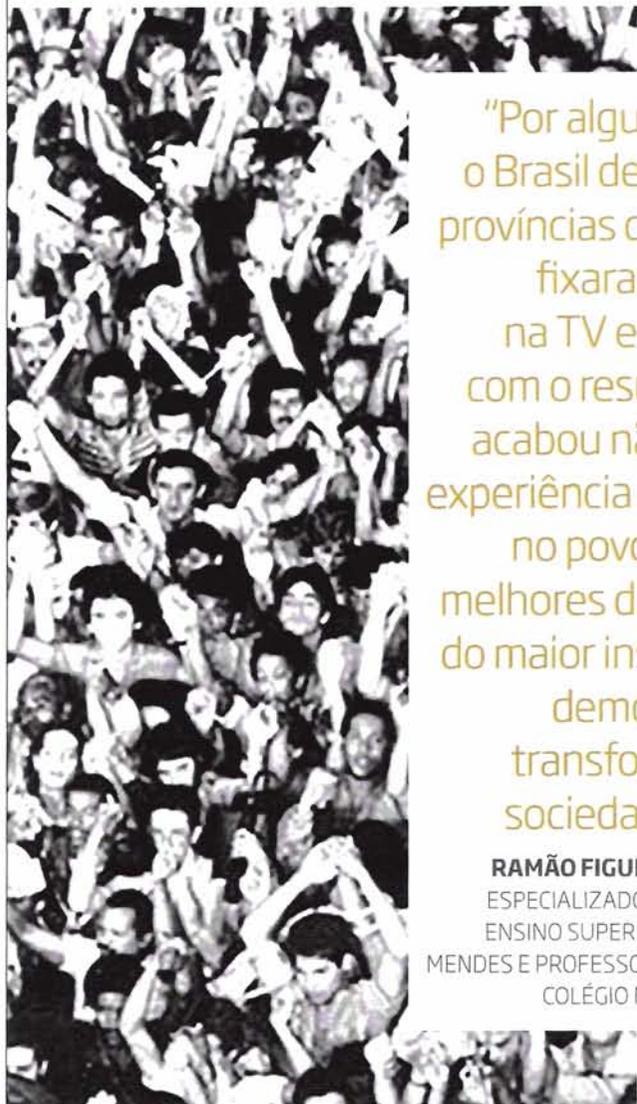
“Justamente por isso, a campanha ‘Diretas Já’ tornou-se um importante elemento aglutinador na história recente do Brasil. Ela teve o mérito de reunir em um único palanque as principais forças políticas do país, além das principais lideranças de oposição ao regime militar”

LUIZ ANTÔNIO DIAS, DOUTOR EM HISTÓRIA SOCIAL E PROFESSOR DA FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA PUC-SP

O carisma na política brasileira

Um passo para compreender a nossa forma de democracia é analisar a política brasileira e seus governantes. Essa área sempre foi marcada por figuras carismáticas, como Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek. “A população, alheia a questões partidárias e ideológicas, vota, quase sempre, no indivíduo, em seu carisma e acredita piamente que o presidente poderá ser a solução de todos os problemas”, diz Luiz Antônio Dias. Fica fácil encaixar Max Weber nessa observação. Segundo o sociólogo, o Estado só existe mediante a relação de dominação justificada por um ou mais dos seguintes três elementos: a) os costumes tradicionais; b) a autoridade fundada nos dons pessoais do indivíduo, chamado de carisma, que seria o heroísmo particular do soberano (eleito); c) a legalidade conferida pelas regras racionalmente estabelecidas. De forma geral, na concepção de Dias, o carisma e o heroísmo, sob suas mais variadas formas, sempre tiveram um forte

predomínio na história política brasileira. “As características pessoais do soberano situam-se em um ponto muito acima das estruturas partidárias e, em alguns casos, até mesmo acima das ‘regras racionalmente estabelecidas’, ou seja, acima das leis”, exemplifica. A eleição de Tancredo Neves, por exemplo, deve ser vista dentro deste contexto. Apesar de ter sido eleito por um Colégio Eleitoral, Tancredo recebeu o apoio de grande parte da população. Esta falta de identificação partidária também servirá para explicar a eleição de Fernando Collor por uma sigla inexpressiva como era o PRN. No entanto, Dias adverte: “Apesar do apoio e simpatia que a população nutria por Tancredo, a comemoração por sua vitória não levou grandes multidões às ruas, como ocorreu durante a campanha pelas diretas. Talvez, numa demonstração de decepção por não terem participado da ‘festa eleitoral’, as comemorações tenham sido tão tímidas”.



“Por algumas horas o Brasil de sudeste e províncias da periferia fixaram os olhos na TV e sonharam com o resultado que acabou não vindo. A experiência despertou no povo a luta por melhores dias através do maior instrumento democrático de transformação da sociedade: o voto”

RAMÃO FIGUEIRA GUTIERREZ,
ESPECIALIZADO EM DOCÊNCIA NO
ENSINO SUPERIOR PELA CÂNDIDO
MENDES E PROFESSOR DE HISTÓRIA DO
COLÉGIO MARIA IMACULADA

mar Santos e o Doutor Sócrates, capitão da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1982 e sondado para atuar no futebol europeu:

Sócrates: - Se a emenda Dante de Oliveira for aprovada na Câmara e no Senado, não vou embora do meu país.

Osmar Santos: - O que acontece se ela passar, Doutor?

Sócrates: - Eu não vou embora do meu país!

O público vai ao delírio. No entanto, no aguardado dia 25, a emenda Dante de Oliveira acabou derrotada no Congresso Nacional. Curiosamente, o placar final foi de 298 a 65 a favor das eleições diretas, com mais de cinquenta deputados do PDS votando a favor do projeto de lei de Dante. A rejeição deveu-se a ausência do quórum mínimo de dois terços para a autorização de modificações na Constituição. Faltaram apenas 22 votos para o triunfo. “A frustração pôde ser percebida diante da desmobilização do movimento, que não foi canalizado de forma organizada para outras lutas. Por outro lado, as lideranças envolvidas acabaram agrupando-se para apoiar uma candidatura de oposição ao governo militar”, esclarece Dias.

Segundo o professor, este apoio acabou recaindo sobre Tancredo Neves, o candidato da “Aliança Democrática” no Colégio Eleitoral marcado para 15 de janeiro de 1985. Articulador arguto, com trânsito livre entre governo e oposição, Tancredo, indicado pelo

A “Nova República” e o desencanto com os políticos

A derrota das “Diretas Já”, a morte de Tancredo Neves e a posse de José Sarney, acabaram impedindo aos olhos de grande parte da população, a desejada renovação política. Na opinião de Luiz Antônio Dias, estes fatos, aliados à crise econômica, acabaram contribuindo para o

desencanto do eleitorado com os políticos. “De fato, Tancredo Neves seria o elemento simbólico, após a negação do Congresso de eleições diretas para presidente, de ruptura com o regime militar”, lembra. Após o falecimento de Tancredo, em 21 de abril de 1985, o simbolismo

de superação do passado perdeu grande parte de sua força, assim como já havia ocorrido com a derrota das Diretas Já. “Isso porque Sarney, egresso do PDS, partido de sustentação do governo, não teria a legitimidade necessária para uma representação

de ruptura. Dessa forma, a “Nova República” já nasceu sob o símbolo do desencanto e da falta de representatividade/legitimidade”, conclui. O governo Collor começou em meio ao auge da crise que caracterizou a economia brasileira nos anos 1980. O cenário



PMDB, era apoiado por congressistas dissidentes do PDS, que formaram o PFL. “Além disso, Tancredo recebeu também o apoio de grupos de esquerda – à exceção do PT que se recusou a participar do processo – como PCB e PC do B, que optavam definitivamente pela luta através das urnas”, informa.

Eleito com ampla margem de votos no pleito indireto (480 contra 180 de Paulo Maluf), Tancredo Neves tornou-se a principal esperança da população. O país finalmente voltaria a ter um presidente civil, mesmo que escolhido pelos parlamentares. “Por algumas horas o Brasil de sudeste e províncias da periferia fixaram os olhos na TV e sonharam com o resultado que acabou não vindo. A experiência despertou no povo a luta por melhores dias através do maior instrumento democrático de transformação da sociedade: o voto”, ressalta Ramão Figueira Gutierrez, licenciado em História pela Suam, professor de História no Colégio Maria Imaculada para o Ensino Médio e Diretor da Escola Estadual de Ensino Supletivo Dr. Cocio Barcellos, no Rio de Janeiro.

Na visão de Gutierrez, todo o sistema ditatorial articulava com a “oposição amiga” uma maneira de conduzir o processo. “No Brasil, o ‘grupo sorbonista’ desenhou uma retomada democrática de forma lenta, gradual e negociada para evitar surpresas, tipo a ocorrida na Argentina, onde muitos envolvidos na ação ditatorial enfrentaram os tribunais civis e militares e acabaram condenados pelos crimes cometidos”, completa.

O movimento “Diretas Já”, segundo Gutierrez, foi lido pelo governo como um acoadamento da oposição, e os bastidores do poder trabalharam para votação ser desfavorável aos interesses das massas e da sociedade organizada, que entregaram nas mãos do deputado Dante de Oliveira o projeto levado à plenária para a votação. Para o professor de História, “se não tivesse existido as ‘Diretas Já’ há vinte anos, muitos fatos não teriam acontecido, que ajudaram de certa forma na consolidação da redemocratização, como o retorno dos exilados, a reorganização dos partidos. Talvez não tivéssemos as experiências políticas e econômicas que tivemos”.

Quando reflete sobre o que é a democracia e como ela é concebida no Brasil, Gutierrez é objetivo: “Entendo pelo conceito puro herdado dos gregos que democracia é o governo do povo exercido pelos representantes do povo, que legislam em função das necessidades do povo. As autoridades mudaram, mas as práticas retrógradas e pusilâmines continuam. A democracia está a reboque dos grupos que dispõem de recursos econômicos que alteram a regra do jogo quando percebem a possibilidade de perder a médio prazo”. Na verdade, acredita, o que existe é exercício democrático pontual teórico nos laboratórios, academias e salas de aulas. “No cotidiano o povo é violentado e achincalhado, bitributado, sem o direito de ir e vir, pois o ausente Estado é mínimo”, finaliza. ■

era de terror. A inflação ultrapassava a barreira dos 70% ao mês. Para tentar aplacar o problema, como primeira medida, o governo lançou o plano Collor de estabilização econômica, que, dentre outras medidas, confiscou parte do dinheiro da população depositado nos bancos.

“Acredito que o veto às ‘Diretas Já’ serviu como lição aos parlamentares, que foram execrados por alguns meios de comunicação de massas e obrigados a carregarem esse peso político. Quando o deputado Aécio de Borba (PDS-CE) votou, na CPI, a favor da abertura

do processo contra Collor, ouviu de Paulo Maluf: “Eu pedi a você que votasse contra as ‘Diretas Já’ em 1984, mas não pediria que cometesse outro erro”. O erro em questão não é um erro moral ou ético, mas sim um erro político, de manter-se distante do apelo popular”, finaliza Dias.

REFERÊNCIAS:

- FERNANDES**, Florestan. *Que tipo de república*. São Paulo: Editora Globo, 2007.
- LAMOUNIER**, Bolívar (org.). *De Geisel a Collor: o balanço da transição*. São Paulo: Ed. Sumaré, 1990.
- LEONELLI**, Domingos; **OLIVEIRA**, Dante. *Diretas Já - 15 meses que abalaram a ditadura*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- RIDENTI**, Marcelo. *Política pra quê?*. São Paulo: Atual, 1992.
- SADER**, Emir. *A transição no Brasil: da ditadura à democracia?*. 2ª ed., São Paulo: Atual, 1990.
- WEBER**, Max. *Ciência e Política. Duas Vocações*. 4ª ed., Trad. Leônidas Hegeberg e Octany S. da Mota. São Paulo: Cultrix.

* Priscila Gorzoni é jornalista e escreve para esta publicação



HISTÓRIA E DESAFIOS DE UMA TRAJETÓRIA

O estágio mais recente de organização profissional dos sociólogos reflete protagonismos e virtualidades, reabre o debate e traz a oportunidade de repensar antigos e novos papéis

por **Sérgio Sanandaj Mattos***

As origens das diferentes formas de constituição das organizações de sociólogos no Brasil podem ser compreendidas a partir de três orientações básicas. A primeira, de natureza científica, remonta a constituição da Sociedade de Sociologia de São Paulo (1934-1950); a segunda, a reorganização da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS, 1950) e ao caráter internacional da Sociologia, com a UNESCO, em 1949, estimulando a formação de organizações científicas; e a terceira, sem abstrair aspectos científicos, desdobra seus papéis em uma perspectiva profissional, a partir de meados da década de 1960 até os dias atuais. A primeira entidade, de caráter essencialmente científica, surge em 1934. A Sociedade de Sociologia de São Paulo, fundada em 1934, que se tornou, em janeiro de 1950, a Sociedade Brasileira de Sociologia, tem como objetivo

“estimular o ensino e a pesquisa em Sociologia e desenvolver iniciativas úteis ao desenvolvimento das ciências sociais”. O Primeiro Congresso Brasileiro de Sociologia teve lugar em São Paulo, em junho de 1954. Em 1949, Arthur Ramos assume a direção do Departamento de Ciências Sociais da UNESCO, e participa do congresso constituinte da International Sociological Association, realizado de 5 a 11 de setembro de 1949 na cidade de Oslo, Noruega.

SURGIMENTOS PELO BRASIL

O Rio Grande do Sul foi pioneiro na congregação dos profissionais sociólogos, pois em 1965 foi fundada a Associação Gaúcha dos Sociólogos. No dia 21 de maio de 1965, uma assembleia realizada no auditório do velho edifício Castelo na Siqueira Campos, em Porto Alegre, reunindo profissionais e estudantes de Sociologia, foi responsável pelo acontecimento que deu

origem à Associação Gaúcha dos Sociólogos (PETERSEN, 1994). No Brasil, o movimento associativo dos sociólogos emerge, a partir de meados da década de 1960 e início de 1970, quando surgem as primeiras associações civis de sociólogos, por um lado, como forma de resistência democrática da sociedade civil, particularmente na fase da crise da Sociologia e o estado de tensão da sociedade brasileira (1965 - 1979), e por outro lado, no entanto, como formas de representação e estratégia simbólica de afirmação, legitimação e identidade no espaço social e político brasileiro. A partir de 1961, começaram a tramitar no Senado e na Câmara projetos de regulamentação da profissão de sociólogo. É um fenômeno historicamente recente que posteriormente na fase da profissionalização (1980) adquire o status do reconhecimento da profissão, e que a partir de 1985, impulsionado pelo surgimento de entidades

profissionais, adquire conformações de natureza sindical. Entre 1976 e 1977, foram realizados sete encontros que reuniram as diversas entidades de sociólogos existentes na época. Em 1976, sob o governo militar do general Ernesto Geisel, é realizado em Brasília, entre os dias 9 e 14 de julho, durante a XXVII Reunião Anual da SBPC, o I Encontro Nacional de Associações de Sociólogos e de Cientistas Sociais. Desse evento, de iniciativa da Associação dos Sociólogos do Estado de São Paulo (Asesp), participam sociólogos dos Estados do Rio Grande do Sul, Bahia e Minas Gerais. Ainda nesse mesmo ano, são realizados o II Encontro Nacional de Associações de Sociólogos, entre os dias 30 e 31 de agosto, na cidade de Belo Horizonte, e o III Encontro, na cidade de Porto Alegre-RS, entre os dias 30 de outubro e 2 de novembro de 1976. O IV Encontro acontece no dia 30 de janeiro de 1977, na cidade de São Paulo; o V Encontro, entre os dias 8 e 9 de abril, na cidade de Brasília; o VI Encontro, entre os dias 7 e 13 de julho, durante a realização da XXVIII Reunião Nacional da SBPC, na cidade de São Paulo; e o VII Encontro, que funda a Associação dos Sociólogos do Brasil - ASB, acontece entre os dias 13 e 14 de novembro de 1977, na cidade de Belo Horizonte. Em 14 de novembro de 1977, na sede da

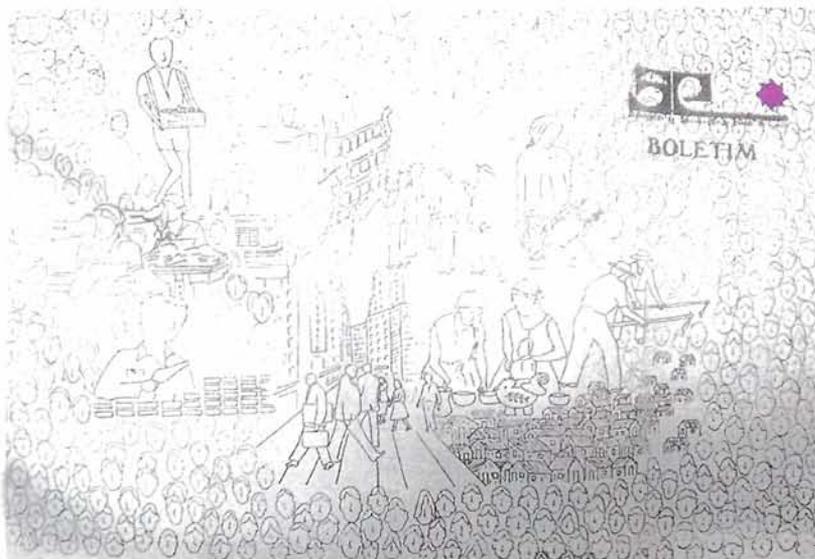
Sociedade Mineira de Sociologia, entidade surgida em 27 de outubro de 1967 e transformada em entidade pré-sindical em 1983, em Belo Horizonte, as associações de sociólogos e os sociólogos presentes ao VII encontro nacional realizado em Minas Gerais nos dias 13 e 14, após seis encontros anteriores, resolveram tornar efetiva a criação da sua primeira entidade nacional - Associação dos Sociólogos do Brasil (ASB), entidade que a nível nacional se propõe defender os direitos dos profissionais da área da sociologia, contribuir e participar

Os responsáveis

A carta de criação da Associação dos Sociólogos do Brasil (ASB) foi assinada pelos sociólogos representantes da Associação Gaúcha dos Sociólogos, Associação Regional de Sociólogos (Para), Associação dos Sociólogos do Distrito Federal, Associação dos Sociólogos do Ceará, Associação dos Sociólogos de Pernambuco, Sociedade Mineira de Sociologia e Sociedade Paranaense de Sociologia.

do debate imprescindível à transformação democrática da sociedade brasileira. A Associação dos Sociólogos do Brasil (ASB) consistia em ser uma espécie de federação de entidades estaduais de sociólogos - associações civis, profissionais e sindicatos. No ato de fundação da Associação dos Sociólogos do Brasil - ASB, foram aprovados os estatutos e eleitos os seus diretores, respectivamente, para presidente a socióloga e servidora pública do Rio Grande do Sul, Maria Luiza Jaeger, que presidiu a entidade entre 1977 e 1980. Além dela, a diretoria foi composta por cinco vice-presidentes, um para cada região do País: Mariano Klantau de Araújo, vice-presidente Norte, Délio Mendes, vice-presidente Nordeste, Jose Walter Nunes, vice-presidente Centro-Oeste, Wellington Teixeira Gomes, vice-presidente Sudeste, Eliana Graça Garcia, vice-presidente Sul, Maria Claudia N. Lima, secretária-geral, e Lincoln Moraes, tesoureiro. Com a criação da ASB, em 1977, intensificase a criação de associações profissionais - pré-sindicais, exigência na época para se chegar a sindicato - em vários Estados, inclusive naqueles com menor número de sociólogos. Nesta época, existiam apenas Associações Civis. Nem sequer a profissão havia sido reconhecida. A Associação dos

IMAGENS - REPRODUÇÃO



VII Congresso Nacional dos Sociólogos.



Sociólogos do Brasil – ASB cumpriu um grande papel articulando nacionalmente a luta pelo reconhecimento da profissão e posteriormente pela regulamentação, além de ter participado dos embates políticos contra o regime militar. Mais tarde, coordenou também a luta pela criação das Associações Profissionais, as chamadas Associações de Profissões, de caráter pré-sindical, que eram exigidas pelo Ministério do Trabalho como etapa para a fundação e o reconhecimento de Sindicatos.

A "CARTA"
 É a seguinte a "Carta de Fundação" da Associação dos Sociólogos do Brasil:
 "No exercício de sua profissão, o sociólogo pode contribuir para o conhecimento objetivo da realidade, atuando criticamente em relação às estruturas de dominação existentes na sociedade, e desta forma, tanto ao nível da pesquisa e do estudo mais geral, quanto da prática diária nas instituições, orientar-se no sentido de servir aos interesses da maioria da população. Por outro lado, sua prática também pode caracterizar-se pela utilização e fortalecimento de uma Sociologia que sirva para obscurecer a visão da realidade, contribuindo para manter a situação de dominação social e assegurar os privilégios de uma minoria.

"Nesse sentido é importante questionarmos as características assumidas hoje pelo trabalho do sociólogo no Brasil, que se encontra, nas empresas, limitado e estrangulado pela orientação tecnocrática que lhe é imposta; a produção científica, a pesquisa, o estudo, submetidos a um modelo econômico, social e político calcado na exclusão da participação popular, e que não pode se permitir à crítica e o debate de ideias. As mesmas características marcam o trabalho de planejamento e a formação do sociólogo nos cursos de Ciências Sociais. Assiste-se à tentativa sistemática de evitar esses cursos onde se impõe uma Sociologia retrógrada e se formam profissionais completamente despreparados para o exercício da profissão, ao mesmo tempo, estabelece-se toda sorte de limitações e pressões institucionais, para que o trabalho profissional cumpra um papel de reprodutor das condições sociais dominantes; cerceia-se a liberdade de expressão e o direito a informação, chegando ao extremo de impedir a livre circulação de livros.

"Dessa maneira, o sociólogo, preocupado com o exercício crítico de sua profissão e com a defesa dos interesses populares, que, pelo próprio caráter da ciência que pratica deve procurar captar, vê-se impossibilitado de exercer livremente sua profissão, ao lado de um grande contingente de profissionais que nem acesso ao mercado de trabalho consegue ter, em decorrência da discriminação estabelecida em relação à profissão.

"Nesse sentido, pelo conhecimento da realidade social em que estão inseridos, os sociólogos, como categoria profissional, também se colocam entre aqueles setores da sociedade que lutam por melhores condições de vida para a população — por uma justa distribuição de rendas, por melhores condições de habitação e transportes, pelo direito de todos à educação e por uma utilização racional dos recursos naturais e por liberdades democráticas que garantam à população a defesa de seus interesses.

"Paralelamente a garantia do exercício das liberdades democráticas no trabalho profissional é também condição imprescindível para o pleno desenvolvimento da Sociologia no País, e do Trabalho de cada sociólogo em sua área de atuação e nos seus órgãos de classe."

ENCONTROS OFICIAIS

O primeiro congresso nacional dos sociólogos – o primeiro encontro de profissionais e estudantes em toda a história da categoria – realizado em Belo Horizonte, de 22 a 26 de maio de 1979, discutiu questões relevantes da sociedade brasileira, e em particular os problemas que tocam diretamente os sociólogos, enquanto categoria profissional. O congresso contou com a expressiva presença de 653 congressistas. Já no V Congresso Nacional dos Sociólogos foi eleita e empossada a quarta diretoria da ASB.

Com temário suficientemente amplo para comportar as inquietações teóricas, as imposições da prática profissional e a diversidade de perspectivas de análise para os processos sociais, a Associação dos Sociólogos do Brasil (ASB), antecessora da Federação Nacional dos Sociólogos, promoveu diversos congressos que discutiram temas como Sociedade e Sociologia no Brasil (BH, 1979), Por uma Sociedade Democrática, (Recife, 1980), Atuação Profissional e Prática Política do Sociólogo, (Brasília, 1981), Conjuntura e Prática Política do Sociólogo, (Fortaleza, 1982), Os Sociólogos e a Construção da Democracia, (Rio de Janeiro, 1984), O Sociólogo e a Constituinte, (Curitiba,

1986), Sociedade Brasileira: Crise e Perspectivas, (Salvador, 1988). A partir de 1988, a Associação de Sociólogos do Brasil (ASB) tem como sucessora a Federação Nacional dos Sociólogos – FNS. Nesta época, existiam cinco sindicatos (Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Pernambuco), sete Associações Profissionais (Rio de Janeiro, Santa Catarina, Rio Grande do Norte, Ceará, Pará, Bahia e Goiás) e três Associações Cívicas (São Paulo, Bahia e Pernambuco).

Na década de 1980, o papel da

Quarta diretoria

Os sociólogos Maria Sílvia Portela de Castro, Adauto Doringhan, Adalberto dos Santos Capelo, Vera Lucia Ciampomi, João dos Santos Filho e Cacilda Maria Ascitti formaram a quarta diretoria da ASB (biênio 1984/1985). A então nova diretoria foi eleita e empossada no V Congresso Nacional dos Sociólogos, realizado nas dependências da Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ, na cidade do Rio de Janeiro, em 1984.

A B: informe

7

V Congresso Nacional dos Sociólogos.

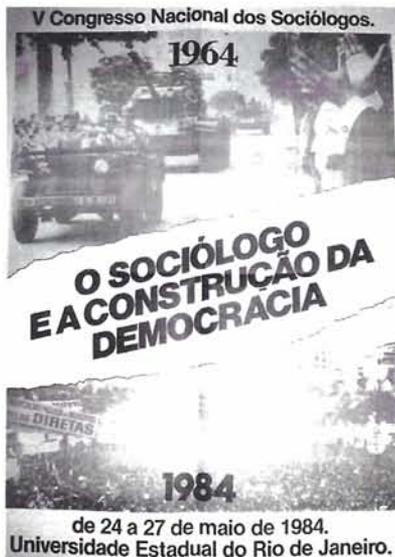


V CONGRESSO NACIONAL DOS SOCIOLOGOS
 1984/1985 - 22 a 26 de maio de 1984 - 653
 (1979/1980) - 22 a 26 de maio de 1979 - 653

IV CONGRESSO NACIONAL DOS SOCIOLOGOS



FORTALEZA
 7 a 10 de setembro de 1982
 Centro de Convenções



Em Minas

em Belo Horizonte (Sucessor) —
 Belo Horizonte. Foi em Belo Horizonte,
 em 1964, que se realizou o V Congresso Nacional dos Sociólogos do Brasil, que tem sua sede jurídica em Belo Horizonte, contando com regionais em todos os Estados. Seu objetivo é defender os interesses da categoria e regulamentar a profissão.

Wellington Teixeira Gomes, vice-presidente da ASB para a região sudeste, conta que a ideia não é nova. Já tendo sido discutida nos últimos sete encontros de sociólogos. No sexto, que transcorreu em julho, na 29ª Reunião Anual do SBPC, em São Paulo, ficou marcada a fundação da Associação para o sétimo, que foi em Belo Horizonte. Entre os dois encontros, a ideia foi debatida a nível estadual, pelas diversas entidades de classe.

Após a fundação da ASB, foi aprovado um estatuto provisório, eleita a diretoria provisória e redigida a "Carta de Fundação", que tem como objetivo fundamentar o surgimento da nova Associação. Uma das funções principais da ASB é regulamentar a profissão, além de defender a liberdade de expressão, de trabalho e de realizar atividades intelectuais de seus membros.

O presidente provisório da ASB é a socióloga Maria Luiza Jaeger, do Rio Grande do Sul. Além dela, a diretoria é composta por cinco vice-presidentes, um para cada região do País. Até julho, o estatuto provisório deverá ser discutido em todos os Estados. Ainda este mês deverá ocorrer, também, a eleição da diretoria efetiva, que terá mandato de dois anos.

BIBLIOGRAFIA

CARVALHO, Lejeune Mato Grosso X. & **MATTOS,** Sérgio Sanandaj. *Sociólogos & Sociologia. História das suas entidades no Brasil e no mundo. Vol. I,* São Paulo: Editora Anita Garibaldi, 2005.

CARVALHO, Lejeune Mato Grosso X. & **MATTOS,** Sérgio S. *Sociólogos e Sociologia: Breve Cronologia da História da Ciência, da Organização Estadual e Nacional e da Profissionalização no Brasil.* Caderno da Federação Nacional dos Sociólogos, n. 1, março, São Paulo: 1997, 19 p.

MARINHO, Marcelo Jacques Martins da Cunha. *A Profissionalização da Sociologia no Brasil.* Dados Revista de Ciências Sociais, Vol. 30, no. 2. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1987.

PETERSEN, Áurea et al. *Os sociólogos do Rio Grande do Sul: uma tentativa de recuperar a história.* Associação Gaúcha dos Sociólogos, Porto Alegre: 1994, 19 p.; mimeo

Associação dos Sociólogos do Brasil (ASB) foi marcado por uma atuação no sentido de ampliar o processo de formação das associações profissionais. Embora considerando que a produção científica tenha outros fóruns de debates, é marcante, na década de 1980, o papel da ASB em termos de intercâmbio científico e aproximação com sociólogos e entidades da América Latina e Caribe. No congresso da ALAS (XVI Congresso Latino-Americano de Sociologia, "La democracia em América Latina", Rio de Janeiro, Brasil, Universidade Estadual do

Chile, Uruguai e Brasil iniciam um processo de intercâmbio e articulação política. Em 1985, a ASB participou do I Encontro das entidades do Cone Sul, realizado em Buenos Aires, em agosto de 1985. No início de 1985, desenvolveu iniciativas e articulações visando a participação dos sociólogos brasileiros na IV Conferência Nacional de Ciências Sociais nos dias 25, 26 e 27 de fevereiro de 1985, no marco de comemoração do 257º aniversário de fundação da Universidade de Havana, e também em relação a V Conferência Científica de

Sociólogos, tendo como tema "Sociedade Brasileira: Crise e Perspectivas", realizado em Salvador entre os dias 24 e 27 de maio de 1988 no Centro de Convenções, por decisão congressual, surge a Federação Nacional dos Sociólogos, organização composta pelos sindicatos estaduais de sociólogos do Brasil, sucedendo à Associação dos Sociólogos do Brasil (ASB). O evento contou com a participação de cerca de 500 profissionais de dez Estados, dentre os quais Anete Leal Ivo, diretora do Centro de Recursos Humanos da UFBA; Vinicius Caldeira Brant, de São Paulo; Miriam Costa de Oliveira, de Minas Gerais; Manuel Aires de Moura, de Pernambuco; Lejeune Mato Grosso Carvalho, de São Paulo; entre outros.

Há todo um processo precedendo e acompanhando contextualmente a concepção de organização profissional, social, política, de expressão nacional dos sociólogos e, a partir de 1988, a Associação de Sociólogos do Brasil (ASB), tem como sucessora a Federação Nacional dos Sociólogos – FNS. ■

A Associação dos Sociólogos do Brasil (ASB) consistia em ser uma espécie de federação de entidades estaduais de sociólogos - as associações civis, profissionais e sindicatos

Rio de Janeiro (UERJ), de 2 a 7 de março de 1986), em plena fase do processo de redemocratização brasileiro, a Associação dos Sociólogos do Brasil (ASB) organizou o Encontro de Sociólogos da América do Sul, paralelamente ao congresso latino americano. Durante o congresso, as entidades de sociólogos da Argentina,

Ciências Sociais, (Havana, fev., 1987). Posteriormente, com a transformação em sindicato de cinco das associações profissionais, a Associação dos Sociólogos do Brasil - ASB passa a intensificar os debates visando a sua transformação em federação. No VII Congresso Nacional dos

* **Sérgio Sanandaj Mattos** é sociólogo, professor e ex-diretor da Associação dos Sociólogos do Estado de São Paulo (ASESP). É coautor do livro *Sociólogos & Sociologia. Histórias das suas entidades no Brasil e no mundo* (ss. mattos@uol.com.br)



CAPA

ADMIRÁVEL TRABALHO NOVO?

Os impactos econômicos e sociais das mudanças no mundo do trabalho e a posição de especialistas e profissionais diante dessas transformações

por Priscila Gorzoni*

Ao longo dos últimos anos vem se observando, em diversas partes do mundo, uma modificação nas formas e estruturas de trabalho. Se por um lado percebemos a alta taxa de desemprego, a falta de estabilidade nas empresas, a tercerização e a ausência de registros profissionais, de outro ouvimos de consultores promessas de mais flexibilidade nos horários de trabalho, maior autonomia na produção, mais capacitação e interação do profissional. Devemos boa parte dessas modificações às mudanças dos paradigmas do trabalho, às inovações tecnológicas e à globalização, que rompeu com as barreiras da distância. Quais são os impactos positivos e os negativos dessas modificações?



Trabalho

Assim como a sociedade industrial do início do século XX se viu centrada nas relações trabalhador e indústria, vivemos hoje uma nova dinâmica social moldada não só pela era digital, na qual outras interações se criam e transformam a forma de vermos o mundo, mas pela rapidez e instabilidade derivada dela. Entretanto, essas mesmas armas que em certo aspecto facilitam, em outros tantos dificultam, exigindo ainda mais dos profissionais, que agora não se sustentam ao dominar apenas o conhecimento de sua função. Além disso, existe um outro fator de angústia: ter de lidar com a falta de vínculos, o desemprego e a efemeridade dos contratos trabalhistas.

As modificações nas relações de trabalho não afetam apenas o setor profissional, mas a dinâmica social. “O mundo vive transformações radicais, a produção do conhecimento e as conquistas tecnológicas assumem uma velocidade muito intensa. Estas modificações influenciam o mercado de trabalho exigindo um profissional que se atualize constantemente e que se aproprie da tecnologia a serviço de

“O mundo vive transformações radicais, a produção do conhecimento e as conquistas tecnológicas assumem uma velocidade muito intensa”

ALEXANDRE RIVERO,
PSICÓLOGO

seu foco profissional”, exemplifica o psicólogo Alexandre Rivero.

Entretanto, como afirma o sociólogo e historiador norte-americano Richard Sennett, professor de Sociologia e História na London School of Economics e autor de um livro clássico sobre o mundo do trabalho, “A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo” (Editora Record), os últimos anos não foram os melhores para os trabalhadores. Um dos fatores é o aumento do volume de atividades sem a elevação compatível de salário e benefícios. O sociólogo também vê com preocupação uma das principais mudanças na organização do trabalho, que é a perda da identidade. Sennett aponta ainda para questões como a falta de vínculo com o local de trabalho, a diminuição, ou melhor, a perda dos laços de solidariedade dentro da empresa, a degradação e humilhação na seleção de profissionais. Para completar, o alto escalão de uma empresa e os níveis gerenciais mostram-se pouco comprometidos com essas “consequências pessoais do novo capitalismo” (não por acaso o subtítulo da obra de Sennett), ou mascaram isso com ações recreativas supostamente voltadas para uma maior “qualidade de vida” dos seus “colaboradores”.

Trabalho x Emprego

A discussão fundamental é diferenciar trabalho de emprego. Embora muitas pessoas misturem os dois, eles são totalmente distintos. Trabalho é o esforço humano com um objetivo específico, envolvendo a transformação da natureza por meio do esforço físico e mental. Emprego é um conceito que surgiu por volta da Revolução Industrial, é uma relação entre homens que vendem sua força de trabalho e homens que compram essa força de trabalho pagando em troca um valor como remuneração ou salário. O conceito de emprego também traz em seu bojo a figura jurídica do vínculo regido por legislação específica. “Debruçando-nos

sobre estes dois conceitos, observamos hoje no mercado de trabalho uma tendência em valorizar mais aqueles que buscam o Trabalho e não um Emprego. Os que buscam o trabalho não se prendem muito ao nível de remuneração que irão receber, desde que estejam desempenhando atividades que projetem crescimento e aprendizado futuros. Quem busca o trabalho é pró-ativo, criativo, determinado, persistente, voltado para a coletividade e por isto muitas vezes engajado em projetos de voluntariado, inquieto; mais humilde para aceitar tarefas às vezes aquém de sua capacidade ou status e mais vocacionado para lidar com

situações mais instáveis”, exemplifica a consultora Maria Aparecida A. Araújo. O psicólogo Alexandre Rivero vai além e define o trabalho como um processo amplo que envolve desenvolver ações de transformação da realidade com implicações de adaptabilidade para o homem frente os desafios que a natureza e a civilização impõem. Já emprego refere-se à relação de trabalho entre as forças que detêm os meios de produção empregando os serviços de forças de produção (trabalhadores), dentro de um contexto histórico, social e econômico com instituições e um ordenamento jurídico que vão mediar esta relação. “No



A análise de Sennett vai longe e aprofunda-se na dinâmica social. Em “A corrosão do caráter”, ele afirma que o capitalismo vive na atualidade um novo momento, de natureza flexível. Sennett inicia o prefácio do livro lembrando que “A expressão ‘capitalismo flexível’ descreve hoje um sistema que é mais que uma variação do mesmo tema. Enfatiza-se a flexibilidade. Atacam-se as formas rígidas da burocracia, e também os males da rotina cega. Pede-se que os trabalhadores sejam ágeis, estejam abertos a mudanças de curto prazo, assumam riscos continuamente, dependam cada vez menos de leis e procedimentos formais”.

Portanto, de acordo com o autor, essa “nova ordem” capitalista afeta a tal ponto os indivíduos, que não lhes oferece condições para uma construção linear de vida baseada em suas experiências. Ao contrário do trabalhador no modelo fordista do passado que, embora imerso na burocracia, rotina e alienação, possuía uma trajetória constante e expectativas de longo prazo. Atualmente, isso já não é tão possível devido a uma dinâmica de incertezas, mudanças de emprego e de cidade e o sucessivo rompimento de laços. As relações centrais, outrora vistas e sentidas na cole-

tividade, passam a ser individualizadas, extrapolam o mundo do trabalho e se estendem a toda forma de sociabilidade. Em um mundo fragmentado, de relações efêmeras, cortadas, instáveis, sem continuidade, tampouco margem de segurança, tudo, inclusive o trabalho, perde a referência e a compreensão.

Não são apenas as formas de trabalho que se tornaram flexíveis, mas as de poder. Em um sociedade em que nada é contínuo, é preciso reinventar a estrutura das instituições. No entanto, embora na superfície pareça que a equipe possui autonomia, ainda é o capitalista quem dá as cartas. A única novidade nesse processo é a maneira e o lugar onde, em muitas áreas e profissões, ocorre tal expediente. Troca-se a empresa pela casa e o controle face a face pelo meio eletrônico.

Essa estrutura de trabalho não só enfatiza a já comentada ausência de vínculos estáveis entre empregado e empresa, como gera uma desordem social e na identidade do trabalhador. Dentro desse sistema passa-se também a valorizar o jovem (embora, paradoxalmente, exija-se dele experiência), pois eles seriam mais flexíveis e adaptáveis a várias circunstâncias.

Para finalizar as colocações aterradoras

mundo contemporâneo estas forças estão passando por inúmeras transformações, desorganizando os conceitos dicotômicos entre forças que detêm os meios de produção e forças que produzem. A sociedade subverte estes conceitos numa rede intrincada de produção e trabalho, onde quem produz se apropria do conhecimento e da tecnologia de produção cada vez mais graças aos recursos da virtualização e da socialização do saber na sociedade do conhecimento. E os grupos que detêm os meios de produção cada vez mais se submetem a outros grupos num sistema de complexidade e contradição”, finaliza Rivero.



Um salto histórico

Não devemos nos alongar em buscas sobre as relações de trabalho desde os primórdios da humanidade, mas salta aos olhos o que se observa a partir da Revolução Industrial, com o chamado “gerenciamento científico”, modelo de gestão criado por Frederick Taylor, no final do século XIX. “É importante voltarmos até esta época, porque aqui no Brasil, estamos já no final da primeira década do século XXI e várias empresas ainda persistem adotando o modelo de gestão taylorista”, afirma Maria Aparecida Araújo.

O trabalho de Taylor baseou-se em suas observações da rotina dos operários da Bethlehem Steel, vendo-os carregarem seus caminhões de frete, com peças fundidas de ferro. Ele analisou como levantavam a carga, organizavam-se, com que frequência descarregavam e se dispôs a lhes ensinar como aumentar sua produtividade com o mesmo esforço. Naquela época a fábrica era um lugar caótico, comparado aos padrões que hoje conhecemos. O engenheiro fazia o projeto, o mecânico decidia como fazer a peça, solicitava o material, passava as instruções de feitura e esta ficava pronta. Não havia controle de estoques e muito menos produção programada. Tudo dependia do mecânico- chefe.

Taylor então transferiu a autoridade deste mecânico- chefe para o chefe de produção e o resultado foi um aumento espantoso na produtividade, elevando-se com isto o padrão de vida dos operários americanos, que passaram a ser os mais bem pagos no mundo naquela época. Apesar disso, o enfoque de Taylor teve um lado desastroso, pois

sua mensagem para os operários era: “Deixem seus cérebros do lado de fora da empresa!”. Isto gerou um antagonismo entre operários e gerentes, pois confirmava a ideia de que só eles deveriam pensar, ficando os operários encarregados somente da execução. Usavam, portanto, somente sua força física. A produtividade era então um conceito associado somente à quantidade de produção.

Para os operários, a alternativa era aceitar esta situação, pois eram remunerados e permaneciam nas empresas durante anos, fazendo as mesmas coisas. Apesar da falsa impressão de estabilidade, eles se ressentiam por não terem status nem participação nas decisões. Segundo o economista Cláudio Pelizari, os conceitos tayloristas levaram a ganhos enormes, bem como definiram os papéis de gerentes e subordinados por muito tempo. Essa assimetria manifestava-se nas atitudes centralizadoras e autocráticas. O empregado era considerado um mero recurso que poderia ser sacrificado por motivos estratégicos, podendo ser

substituído sempre que necessário, tal como as máquinas.

Este modelo persistiu confortavelmente até o final dos anos 1960, ainda colhendo os frutos residuais da grande demanda por bens e serviços surgida depois da Segunda Guerra Mundial. Com a primeira crise do petróleo, no início da década de 1970, houve um período de recessão, e as empresas norte-americanas começaram a ter que competir num mercado cada vez mais agressivo e mundializado, enfrentando a concorrência dos países que agora se reerguiam: Alemanha e Japão. Porém, viu-se

Saía-se do foco no produto, para o foco no cliente e em suas necessidades e requisitos. Juntamente com esta mudança de paradigma, veio a nova concepção do homem dentro das empresas





que a pátria de Henry Ford – e seu modelo fordista – acostumara-se aos modelos obsoletos de produtividade e que visava somente ao lucro financeiro imediato.

Nesta época dois cidadãos norte-americanos, Edward Demming e J. Juran, depois de fracassadas tentativas de conscientizarem seus compatriotas sobre a necessidade de mudar seus paradigmas de gestão, encontraram grande receptividade no Japão. Os japoneses não só os ouviram como adotaram seu modelo, e dentro de alguns anos tornaram-se os principais concorrentes da Ford e GM, vendendo seus carros no próprio mercado interno dos EUA.

Só na década de 1980 as empresas americanas acordaram para o que já se transformara numa espécie de segunda revolução industrial.

Segundo o discurso das empresas, a produtividade passou agora a ser vista não mais como a quantidade de produtos e sim a união de quantidade com qualidade. Saía-se do foco no produto, para o foco no cliente e em suas necessidades e requisitos.

Juntamente com esta mudança de paradigma, veio a nova concepção do homem dentro das empresas. Para se fazer algo com qualidade é preciso do comprometimento das pessoas.

Elas é que fazem a qualidade. Elas é que aumentam a produtividade, elas é que fazem crescer o lucro, elas é que fidelizam os clientes. Não pôde existir qualidade sem que o homem exercite sua criatividade. O cliente busca a inovação. A inovação só acontece quando as pessoas não têm medo de tentar fazer as coisas. Resumindo: agora o cérebro tem que estar dentro das empresas. Obviamente, o “gênio criativo” deve submeter-se às regras do mercado.

“A expressão ‘capitalismo flexível’ descreve hoje um sistema que é mais que uma variação do mesmo tema. Enfatiza-se a flexibilidade. Atacam-se as formas rígidas da burocracia, e também os males da rotina cega. Pedese que os trabalhadores sejam ágeis, estejam abertos a mudanças de curto prazo, assumam riscos continuamente, dependam cada vez menos de leis e procedimentos formais”

RICHARD SENNETT, SOCIOLOGO E AUTOR DE “A CORROSÃO DO CARÁTER: CONSEQUÊNCIAS PESSOAIS DO TRABALHO NO NOVO CAPITALISMO”.

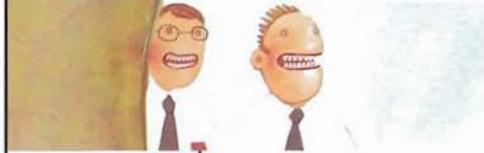
de Sennett, as relações impessoais de trabalho irão afetar diretamente as sociais e vice-versa. Estabelecendo relações superficiais, descartáveis, cujos laços de lealdade e compromissos são tão frouxos quanto a efemeridade do curto prazo de trabalho. “Em um regime que não oferece aos seres humanos motivos para ligarem uns para os outros não pode preservar sua legitimidade por muito tempo”, ressalta o autor.

GLOBALIZAÇÃO E PÓS-MODERNISMO

A preocupação com as modificações e influências da globalização no mercado de trabalho e na vida social não são ressaltadas apenas por Richard Sennett. Pesquisadores como Sônia Maria Guimarães Laranjeira, professora titular do Departamento de Sociologia e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (IFCH- UFRGS), discorrem sobre a questão a partir de enfoques variados, com o intuito de refletir – e encontrar caminhos

– para uma nova relação entre o profissional e o trabalho. Em seu texto “As transformações do trabalho num mundo globalizado” (Rev. Sociologias, n.º 4, 2000), Sônia Laranjeira entende que a digitalização, por exemplo, representa uma mudança de paradigma, pois por intermédio dessa tecnologia estrutura-se uma nova lógica de ação sobre o mundo.

Um dos maiores sociólogos brasileiros de todos os tempos, Octávio Ianni (1926-2004) dedicou boa parte de seus estudos para examinar o “enigma da modernidade-mundo” e as “teorias da globalização”, por sinal títulos de dois de seus livros publicados pela editora Civilização Brasileira. No artigo “As ciências sociais e a modernidade-mundo: uma ruptura epistemológica”, publicado em 2001 na Revista de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Ianni analisa o mundo como sendo atravessado por uma ruptura histórica tão avassaladora quanto um terremoto inesperado, por isso capaz de transformar os modos de vida e de trabalho radicalmente, bem como suas formas de



“O mundo vive transformações radicais, a produção do conhecimento e as conquistas tecnológicas assumem uma velocidade muito intensa. Estas modificações influenciam o mercado de trabalho exigindo um profissional que se atualize constantemente e que se aproprie da tecnologia a serviço de seu foco profissional”

ALEXANDRE RIVERO, PSICÓLOGO



sociabilidade e ideais. Ianni complementa: “Tudo o que parecia estável, transforma-se, recria-se ou dissolve-se. Nada permanece. E o que permanece já não é mais a mesma coisa. Alteram-se as relações do presente com o passado; e o futuro parece ainda mais incerto. O que predomina é o dado imediato do que se vê, ouve, sente, faz, produz, consome, desfruta, carece, sofre, padece”.

As modificações ainda estão em curso, sugere o sociólogo no artigo, e resultarão em um abalo nos quadros sociais, na mentalidade e nos referenciais da coletividade e dos indivíduos de todo o planeta. No cerne dessas transformações estarão os conceitos de tempo e espaço, que gerem a noção de lugar, território, fronteira, presente, passado, próximo, remoto, arcaico, moderno, contemporâneo e não contemporâneo.

Nas palavras do geógrafo e cientista social britânico David Harvey, professor de Geografia Humana da Universidade Cidade de Nova York e autor de “Condição pós-moderna” (2002), podemos chamar esse momento pelo termo “pós-moderno”, embora essas classificações sejam sempre discutíveis no âmbito da teoria e da pesquisa sociológica. A partir de um resgate

histórico, Harvey considera o pós-modernismo, época em que vivemos, como uma reação a monotonia, modernismo universal, verdades absolutas, positivismo, padronização do conhecimento e da produção. Como resposta, temos um mundo que privilegia a heterogeneidade, a fragmentação e a indeterminação.

O economista marxista Ernest Mandel (1923-1995) explica: “Passamos para uma nova era a partir do início dos anos 1960, quando a produção da cultura tornou-se integrada à produção de mercadorias em geral: a frenética urgência de produzir novas ondas de bens com aparência cada vez mais nova (de roupas a aviões), em taxas de transferência cada vez mais essenciais à inovação e à experimentação estéticas. As lutas antes travadas exclusivamente na arena da produção se espalharam, em consequência disso, tornando a produção cultural uma arena de implacáveis conflitos sociais. Essa mudança envolve uma transformação definida nos hábitos e atitudes de consumo, bem como num novo papel para as definições e intervenções estéticas. Por isso, a produção cultural popular pós-modernista apenas procurou satisfazer da melhor maneira possível em



forma de mercadoria, outros sugerem que o capitalismo, para manter seus mercados, viu-se forçado a produzir desejos e, portanto, estimular sensibilidades individuais para criar uma nova estética que superasse e se opusesse às formas tradicionais de alta cultura”.

O raciocínio é completado por Harvey: “As condições de modernização capitalista formam o contexto material a partir do qual pensadores e produtores culturais modernos e pós-modernos forjam suas sensibilidades, princípios e práticas estéticos; parece razoável concluir que a virada para o pós-modernismo não reflete nenhuma mudança fundamental na condição social. A ascensão do pós-modernismo ou representa um afastamento de modos de pensar sobre o que pode ou deve ser feito com relação a essa condição social, ou reflete uma mudança na maneira de operação do capitalismo em nossos dias. Em ambos os casos, a descrição do capitalismo feita por Marx nos oferece, se for correta, uma base muito sólida para pensar as relações gerais entre a modernização, a modernidade e os movimentos estéticos que extraem energias dessas condições”.

O “NOVO TRABALHADOR”

O mercado de trabalho tem passado por muitas – e aceleradas – mudanças nos últimos quarenta anos. Essas formas de produção contribuíram para formar uma nova concepção do trabalhador desejado pelas organizações. “O trabalho cada vez mais vai exigindo as funções cognitivas superiores: atenção, concentração, discernimento, pensamento lógico, criatividade, tomada de decisão, planejamento, organização. O trabalho mecânico vai sendo substituído pela máquina. Um modelo de trabalho mais saudável aceita o desafio de conciliar produção, lucro e valorização da pessoa humana. Resgata a saúde com patrimônio fundamental para justificar a vida e o trabalho. Entende o trabalho como ação de transformação da realidade interna do trabalhador e da realidade externa. Num processo de diálogo e aprendizagem cons-

tante”, ressalta Alexandre Rivero.

Para tanto, é preciso cultivar um bom clima interno, proporcionar bem-estar aos seus colaboradores, “facilitando” oportunidades de convivência com a família e mantendo-as atentas à necessidade de treinamento constante. São as chamadas “Learning Organizations”. O ser humano deve sentir-se pleno para produzir plenamente. Desse modo, o mercado privilegia o profissional que usa a sua inteligência para resolver problemas, buscar soluções e desenvolver-se mesmo que a empresa não lhe forneça as condições. Esse é o discurso padrão das empresas, consultores e recrutadores. Nesse sentido, ouvir o que tem a dizer os mediadores e especialistas é entender como é feita a elaboração dos discursos acerca das qualidades do “novo trabalhador”.

O trabalhador, por essa ótica, teria a autonomia para decidir a maneira que julga adequada para atingir o resultado esperado. “O que importa é que este resultado venha e que satisfaça os requisitos da em-

De onde vem?

Segundo Deonísio da Silva, autor de “De onde vem as palavras”, da editora Novo Século, a palavra “trabalho” nasceu do latim *tripalium*, **tripálio** (foto, abaixo), que é o nome de um instrumento de tortura composto de três estacas, ao qual era submetido o condenado, isso quando não empalado em uma delas e ali deixado para morrer. Entretanto, segundo o autor, a ideia do trabalho como sofrimento não estava presente na etimologia latina, pois o verbo trabalhar era *laborare* e trabalho, *labor*. No italiano predominou as palavras *laborare* e *lavoro*.

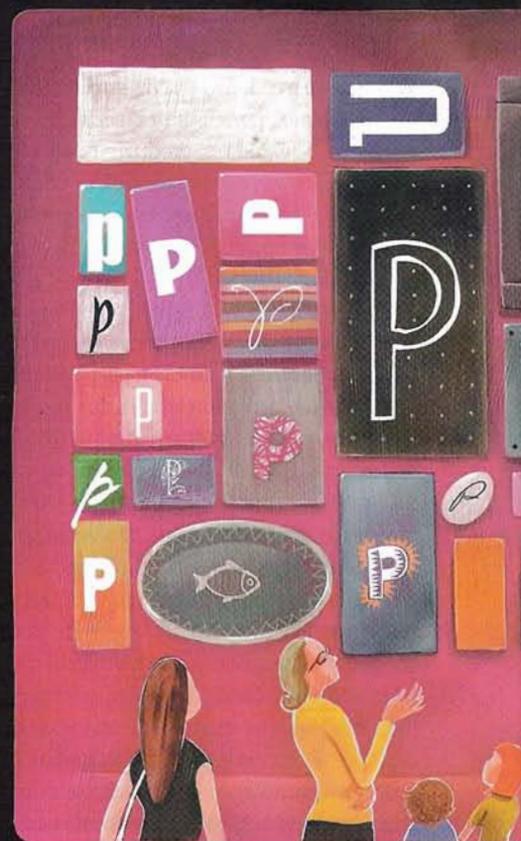


O ócio pode ser criativo

A criatividade é o maior capital de uma empresa. Apesar dessa máxima pregada feito mantra pelos consultores e empregadores, a sociedade do trabalhador do conhecimento ainda é gerenciada por critérios da sociedade industrial. Crítico desse modelo, o sociólogo italiano Domenico De Masi propôs um modelo social não centrado na idolatria do trabalho, mas sim na simultaneidade entre trabalho, estudo e lazer. Suas ideias se fundamentam na constatação de que hoje teríamos um maior tempo livre e o ser humano executaria muito mais trabalhos intelectuais que manuais – cada vez mais realizados por máquinas e ferramentas. Imagine as transições do mundo, passando da Era do Caçador/Coletor para a Era Agrícola, depois para a Era Industrial até a Era do Conhecimento.

Cada momento representou um aumento na produtividade de pelo menos 50 vezes o que se conseguia na era anterior. Isto significa que o tempo gasto na obtenção das coisas necessárias à manutenção da vida diminuiu muito. Além do mais, é importante lembrar que a expectativa de vida da população, que no caso do Brasil era de 43 anos em 1940, aumentou muito, ultrapassando os 73 anos. Nossos avós viviam 300 mil horas e trabalhavam 120 mil, hoje nós vivemos mais de 700 mil horas e trabalhamos 70 mil horas. Enquanto eles trabalhavam quase metade da vida, nós trabalhamos um décimo e, não fomos educados para ter tanto tempo livre.

A empresa tampouco ajuda nisso. As práticas gerenciais da Era Industrial fazem com que um executivo que pode realizar o seu trabalho diário em cinco



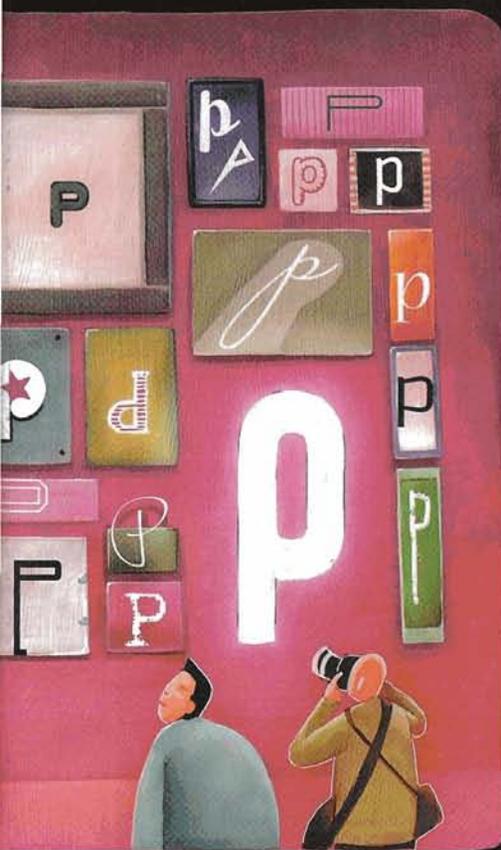
“O que importa é que este resultado venha e que satisfaça os requisitos da empresa ou do cliente. Já encontramos muitos profissionais trabalhando em home-offices, conectados à Internet com seus notebooks e Blackberrys, sem necessariamente terem que bater ponto em um escritório”

CLÁUDIO PELIZARI, ECONOMISTA, PALESTRANTE E CONSULTOR

presa ou do cliente. Já encontramos muitos profissionais trabalhando em home-offices, conectados à Internet com seus notebooks e Blackberrys, sem necessariamente terem que bater ponto em um escritório”, explica Cláudio Pelizari, economista, palestrante e consultor de Qualidade de Vida, Etiqueta Profissional e Marketing Pessoal.

Não se pode esquecer, é claro, de um aspecto significativo das relações trabalhistas “flexíveis” adotadas nos últimos anos: a desburocratização crescente dos registros e vínculos profissionais. Essa situação tornou-se comum em várias áreas. No cenário brasileiro, uma das justificativas seria a contenção dos custos dos impostos e encargos da legislação trabalhista agrupada na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), assinada em 1º de maio de 1943 por Getúlio Vargas à época do Estado Novo. Os empregadores argumentam que manter um empregado com carteira assinada custa, para a empresa, o dobro de um não-registrado. Portanto, várias empresas, dependendo do tamanho e do ramo de atividade, optam por estabelecer contratos flexíveis, deixando que os padrões de remuneração estejam ligados efetivamente ao resultado apresentado pelo colaborador, agora chamado de “parceiro”.

Segundo a consultora Maria Aparecida



ou seis horas acabe trabalhando até dez horas. No fim de semana leva trabalho para a casa, e quando está em férias liga sempre para o escritório. Quando aos 55 ou 60 anos se aposenta tem ainda 20 ou 30 anos de vida e, muitas vezes não sabe o que fazer.

A distinção entre tempo de estudo quando jovem, tempo de trabalho na maturidade e aposentadoria quando velho é um contrassenso. A velhice não se calcula em relação ao nascimento, mas em relação à morte; somente podemos ser considerados velhos nos dois últimos anos de vida. A vida fisicamente produtiva pode chegar a 80 anos, portanto é razoável que o seja também psiquicamente. É uma grande perda para a sociedade como um todo que se desperdice esse talento.

Quando De Masi fala em "ócio criativo", ressalta-se a forma como uma pessoa deve utilizar o seu tempo. Trabalho, aprendizado e lazer devem se confundir em todas as fases da vida. "A grande importância da criatividade reside no fato de que é a partir dela que surgem

inovações e melhores formas de fazer muitas coisas do dia a dia. A criatividade de um país ou de uma empresa é medida pelo número de patentes registradas por ano", lembra Cláudio F. Pelizari. Segundo De Masi, o estímulo da criatividade humana pode vir por meio de atividades lúdicas, devaneios, imaginação ou até fora do local de trabalho. Uma boa ideia não tem hora para acontecer, pode acontecer no banho, num momento de introspecção, no cinema ou brincando com uma criança. Mas essa criatividade em muitas situações se circunscreve dentro dos parâmetros da produtividade e da lógica capitalista. Tem um caráter utilitarista flagrante. Se a pessoa não se sente bem no escritório, seja porque não há um bom clima, os gerentes e colegas são antipáticos e mal-educados, não existe respeito e motivação, será muito difícil que surjam novas ideias. Para as teorias administrativas contemporâneas, obcecadas pela inovação, uma pessoa criativa é uma promessa de futuro e lucratividade.

A. Araújo, autora do livro "Etiqueta empresarial - ser bem educado é..." (Qualimark), o lado "positivo" dessa nova relação é que, trabalhando em casa, por exemplo, não se fica privado da convivência com a família, o profissional pode determinar a quantidade de tempo gasto na atividade profissional e dividi-lo adequadamente entre o social e o familiar. Não se fica muito exposto à violência das grandes cidades, não se sobrecarrega o trânsito, tem-se uma alimentação mais balanceada e goza-se de períodos de descanso intercalados com o trabalho.

O lado "negativo" é que se fica mais aliado da convivência com a comunidade empresarial e, portanto, dos centros de decisão. Neste sistema, deve-se também ter o dobro da disciplina no uso do tempo e vontade férrea de realizar as tarefas propostas para não perder o foco. É muito fácil também começar a permitir que o familiar e o social interfiram nas rotinas empresariais, prejudicando com isto a produtividade.

Para Rivero os trabalhadores atuais são cada vez mais convidados a empreenderem seus trabalhos, assumindo riscos e soluções pró-ativas. "Entretanto este fenômeno mundial continua sendo muito desigual em determinados países e grupos. Parece-me uma marcha sem volta. É possível que apesar das limitações, riscos, desigualdades, contradições, que estamos vivendo neste momento no mundo do trabalho, possamos encontrar um novo mundo que surja nesta transição. Uma brecha para o homem recuperar depois de perdido seu emprego, sua verdadeira profissão com compromisso pela sua vocação e responsabilidade frente à comunidade", finaliza.

Por todos os ângulos e em todos os seus sentidos e implicações (inclusive psicológicas e psicopatológicas), as rápidas transformações no universo do trabalho constituem um objeto fundamental de reflexão. Seja para os gurus da produtividade, acadêmicos, patrões ou empregados. ■

PARA SABER MAIS:

MASI, Domenico de. *O ócio criativo*. Rio de Janeiro: Editora Sexante, 2000.

LEON, Vicki. *Meu chefe é um senhor de escravos*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2007.

SILVA, Deonísio. *De onde vem as palavras*. Editora Novo Século, 2009
A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo (Editora Record, 1999).

ANTUNES, Ricardo. *Os Sentidos do trabalho - Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. Boitempo Editorial, 2000.

DEJOURS, Christophe. *A loucura do trabalho*. Editora Cortez, 2003.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. Editora Loyola, 1992.

ANTUNES, Ricardo; **BRAGA**, Ruy. *Infoproletários: degradação real do trabalho virtual*. Boitempo Editorial, 2009.



UM OLHAR SOCIOLÓGICO PARA A SAÚDE

Pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz, a socióloga Nísia Trindade Lima fala sobre a sua trajetória e de suas pesquisas nas áreas da saúde e do pensamento social brasileiro

por Lejeune Mato Grosso de Carvalho *

Ao longo de quase três anos, temos entrevistado sociólogos(as) proeminentes que atuam nas diversas áreas da Sociologia no mercado de trabalho. Uma dessas áreas é a da saúde, campo muito vasto da nossa ciência. Uma delas é a Dr^a Nísia Trindade Lima, da Fundação Oswaldo Cruz. Socióloga, nascida na cidade do Rio de Janeiro, sempre se interessou e pesquisou a história das Ciências Sociais, a Sociologia da cultura e o pensamento social brasileiro. cursou a graduação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), fez seu doutorado no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ) e ingressou na Fundação Oswaldo Cruz em 1987, como pesquisadora da Casa de Oswaldo Cruz, unidade dedicada à pesquisa histórica, à

preservação do patrimônio histórico da saúde e à divulgação científica. Pesquisa hoje a experiência de implantação do Sistema Único de Saúde.

Por que você decidiu fazer Ciências Sociais?

Sempre tive interesses muito diversificados, mas, por volta dos 16 anos, a definição pelas humanidades ficou clara. Entretanto, oscilava entre estudar Letras, Literatura mais precisamente, ou História. A decisão de estudar Ciências Sociais decorreu de meu encantamento com uma disciplina intitulada Problemas Econômicos, Políticos e Sociais do Mundo Contemporâneo, ministrada de forma muito criativa e instigante por uma das minhas professoras durante o Ensino Médio na Escola Estadual Ignácio do Azevedo

Amaral. Após conversar com essa professora, que era socióloga, optei por prestar exame vestibular para as Ciências Sociais. Também contribuiu nessa escolha meu interesse por assuntos políticos, a despeito, ou paradoxalmente principalmente por isto, de ter vivido durante a infância e a adolescência sob o clima de censura e ausência de democracia, durante os anos do regime militar.

Fale-nos, de forma resumida, como é a rotina de uma socióloga e pesquisadora na Casa "Oswaldo Cruz", da Fundação que tem o mesmo nome, que se dedica à história da saúde e da ciência no Brasil.

A rotina de uma pesquisadora e professora de pós-graduação, além de realizar atividade de pesquisa, ministrou cursos e

oriento estudantes candidatos aos títulos de mestre e doutor(a) pela instituição. Atualmente coordeno o projeto de pesquisa "Sob o signo do desenvolvimento: Ciências Sociais, educação sanitária e alimentação (1945-1964)", que conta com o apoio da Faperj pelo Edital Cientista do Nosso Estado, e sou líder do grupo de pesquisa Ciência, saúde e pensamento social. Do grupo, participam pesquisadores, estudantes de pós-graduação e também estudantes de graduação por intermédio do Programa de Iniciação Científica (PIBIC/Fiocruz). Como não temos curso de graduação, o PIBIC nos permite algo muito importante - o contato com estudantes desse nível de ensino e a possibilidade de atrair jovens para as linhas de pesquisa em curso na Casa de Oswaldo Cruz. Além dessas atividades, sou, em colaboração com Ricardo Ventura Santos, Editora Científica da Editora Fiocruz, o que considero um reconhecimento do papel que um sociólogo(a) pode desempenhar na atividade científica de natureza inter e multidisciplinar, uma vez que as linhas editoriais da Fiocruz incluem a pesquisa básica na área biomédica, a pesquisa clínica, a saúde coletiva e as abordagens em ciências sociais voltadas para a saúde.

Sabemos que tem feito pesquisas no campo das Ciências Sociais aplicadas à saúde. Conte-nos um pouco desses resultados que têm obtido.

Minhas pesquisas têm se voltado para a reflexão sobre os intelectuais, a atividade científica e as representações sobre o Brasil, tema ao qual venho me dedicando nos últimos 20 anos e considero que traz uma contribuição à perspectiva que há em "Paradigma e história: a ordem burguesa na Imaginação Social brasileira", de Wanderley Guilherme dos Santos, um marco importante. Parto, desse modo, da abordagem que se

opõe à divisão da história das Ciências Sociais em duas fases - pré-científica e científica, identificando esta última com a institucionalização universitária - e que ressalta a contribuição de diversos intérpretes de nossa formação social e política, tratando-os efetivamente como autores a oferecer contribuições relevantes para a análise social. Entre esses intérpretes, dediquei-me ao estudo do papel de alguns médicos na elaboração de retratos do Brasil, com destaque para os que participaram do movimento sanitário da Primeira República e para a obra e a trajetória de Edgard Roquette-Pinto, tendo organizado com Dominichi Miranda de Sá o livro "Antropologia brasileira: ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto" (Editora UFMG/ Editora Fiocruz, 2008). Procurei também contribuir para uma linha de investigação muito importante no debate contemporâneo sobre as políticas de saúde, tendo realizado em colaboração com Cristina Fonseca e Gilberto Hochman estudo sobre a saúde na construção do Estado Nacional no Brasil, no qual procuramos situar em perspectiva histórica os temas da reforma sanitária e da constituição, em 1988, do Sistema Único de Saúde. Atualmente realizo em colaboração com Marcos Chor Maio pesquisa sobre os cientistas sociais que atuaram no Serviço Especial de Saúde Pública (Sesp), procurando analisar seus papéis em programas de educação sanitária e desenvolvimento de comunidades rurais. O Sesp, agência criada em 1942 por meio de acordo de cooperação entre os governos brasileiro e norte-americano, instituiu a Seção de Pesquisas Sociais em 1953, e a análise dos registros das atividades dos cientistas sociais que nela atuaram permite conhecer os limites e impasses inerentes aos programas de mudança social dirigida ou provocada que caracterizaram a década de 1950.



INVESTIGAÇÃO

"Minhas pesquisas têm se voltado para a reflexão sobre os intelectuais, a atividade científica e as representações sobre o Brasil, tema ao qual venho me dedicando nos últimos 20 anos"

Você coordena o GT de Pensamento Social no Brasil da ANPOCS. Fale-nos um pouco dos debates realizados do 33º Encontro Anual dessa entidade realizado em outubro de 2009, em Caxambu, Minas Gerais.

Assumi, em conjunto com Ângela Alonso, a coordenação do GT Pensamento Social neste último encontro da Anpocs. De 2006 até aquele momento, o GT foi coordenado por André Botelho e Lília Schwarcz, que realizaram um trabalho de muito dinamismo com a organização de fóruns acadêmicos e de obras coletivas a exemplo do livro "Um enigma chamado Brasil". Durante o 33º Encontro, o GT Pensamento Social discutiu intensamente questões teóricas e metodológicas em torno de três temas: arte e sociedade; interpretações do Brasil e Ciências Sociais; e cultura e processo social. No que se refere aos debates mais gerais, alcançaram grande repercussão as sessões dedicadas à conjuntura nacional e ao lugar das Ciências Sociais na política nacional de ciência, tecnologia e inovação.

Conte-nos como foi a exposição dos 60 anos da SBS, realizada em julho de 2009 no Rio de Janeiro da qual você foi a organizadora.

A exposição representou um grande desafio, pois em pouco tempo tive que coordenar pesquisas em diferentes acervos. Os problemas enfrentados

consistiram na dificuldade de encontrar material iconográfico e nas lacunas de informações que dificultavam expor de modo equilibrado os diferentes períodos da história dessa instituição. Felizmente contei com o apoio entusiasmado de Tom Dwyer, então presidente da SBS, e de Gláucia Villas-Bôas, presidente do XIV Congresso Brasileiro de Sociologia, e conseguimos muitas informações e material com ex-presidentes e diretores. Pude também me beneficiar de livros sobre a história do associativismo dos sociólogos, como é o caso de "Sociólogos e Sociologia", escrito pelos sociólogos Lejeune Mato Grosso de Carvalho e Sérgio Sanandaj Mattos, e de uma agora já extensa produção acadêmica sobre a história das Ciências Sociais no Brasil, na qual se incluem meus próprios trabalhos, e que têm entre suas obras de referência os dois volumes organizados por Sérgio Miceli.

Na mostra, pretendeu-se expor as diferentes fases da SBS, desde sua criação por Fernando de Azevedo até o momento atual. Na primeira parte, foram abordadas as atividades iniciais, a relação da entidade brasileira com a International Sociological Association (ISA), os primeiros congressos realizados e o período em que as atividades foram interrompidas durante o regime militar. A re-fundação da SBS em 1985 e as atividades que se seguiram, com

ênfase nos debates realizados durante os congressos brasileiros de Sociologia, foram abordadas nas partes seguintes. Fotografias, publicações e correspondência foram exibidas tanto em painéis como em vitrines confeccionadas para a exposição de documentos diversos, tais como planos de aula de Sociologia elaborados nas décadas de 1930 e 1940, primeiros manuais e atas de fundação e recriação da SBS.

A pesquisa realizada durante o processo de concepção e montagem da exposição permitiu também a identificação de novas fontes e acervos. A necessidade de dar continuidade a esse esforço foi reconhecida pelas assembleias realizadas durante o XIV Congresso da SBS e do 33º Encontro Anual da Anpocs, que deliberaram pela realização de ações sistemáticas para preservar a memória, reconstituir e divulgar a história da SBS.

Quais conselhos você daria para um profissional da Sociologia, nossos jovens colegas sociólogos que entram agora no mercado de trabalho, que queira atuar especificamente na sua área de pesquisa histórica de Ciências Sociais voltada para a área da saúde?

Não acho que seja propriamente o caso de aconselhar, mesmo porque com a profissionalização das Ciências Sociais e as mudanças no mundo do trabalho, os jovens sociólogos experimentarão novos desafios e poderão trilhar caminhos bastante distintos daqueles de minha geração. Considero, entretanto, que o conhecimento da teoria sociológica, condição para uma visão mais ampla sobre a disciplina, e a participação em projetos de pesquisa desde a graduação, por intermédio da iniciação científica, são fatores muito importantes. Ou seja, considero positiva a combinação de duas atitudes equivocadamente contrapostas

"Considero positiva a combinação de duas atitudes equivocadamente contrapostas por alguns profissionais: visão mais ampla das Ciências Sociais e especialização em um campo de pesquisa"

“A Sociologia que está nos livros é imprescindível, mas também a observação da vida cotidiana e a imersão nos debates intelectuais do mundo contemporâneo são cruciais para o jovem sociólogo”



por alguns profissionais: visão mais ampla das Ciências Sociais e especialização em um campo de pesquisa. Além disso, diria que a Sociologia que está nos livros é imprescindível, mas também a observação da vida cotidiana e a imersão nos debates intelectuais do mundo contemporâneo são cruciais para o jovem sociólogo.

Para os que se interessam pela minha área de atuação, sugiro que se informem sobre o Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde (www.ppghcs.coc.fiocruz.br). Outra referência importante é o grupo de trabalho Pensamento Social no Brasil, da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (www.anpocs.br).

Por fim, fale-nos um pouco do seu livro intitulado “Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional”.

O livro decorreu do prêmio de publicação para a melhor tese de doutorado em Sociologia, concedido pelo IUPERJ em 1998. Nele, procuro explicar as razões para a persistência e a ênfase com que a oposição entre o Brasil do litoral e o dos “sertões” foi abordada no pensamento social brasileiro. Argumento que a presença do tema pode ser associada a duas explicações complementares – de um lado, à forma como os intelectuais percebem os caminhos da modernidade na sociedade brasileira, particularmente no

que se refere às distâncias sociais e culturais e, de outro, à forma como eles têm representado seu lugar – o de exilados, ou “desterrados na própria terra”.

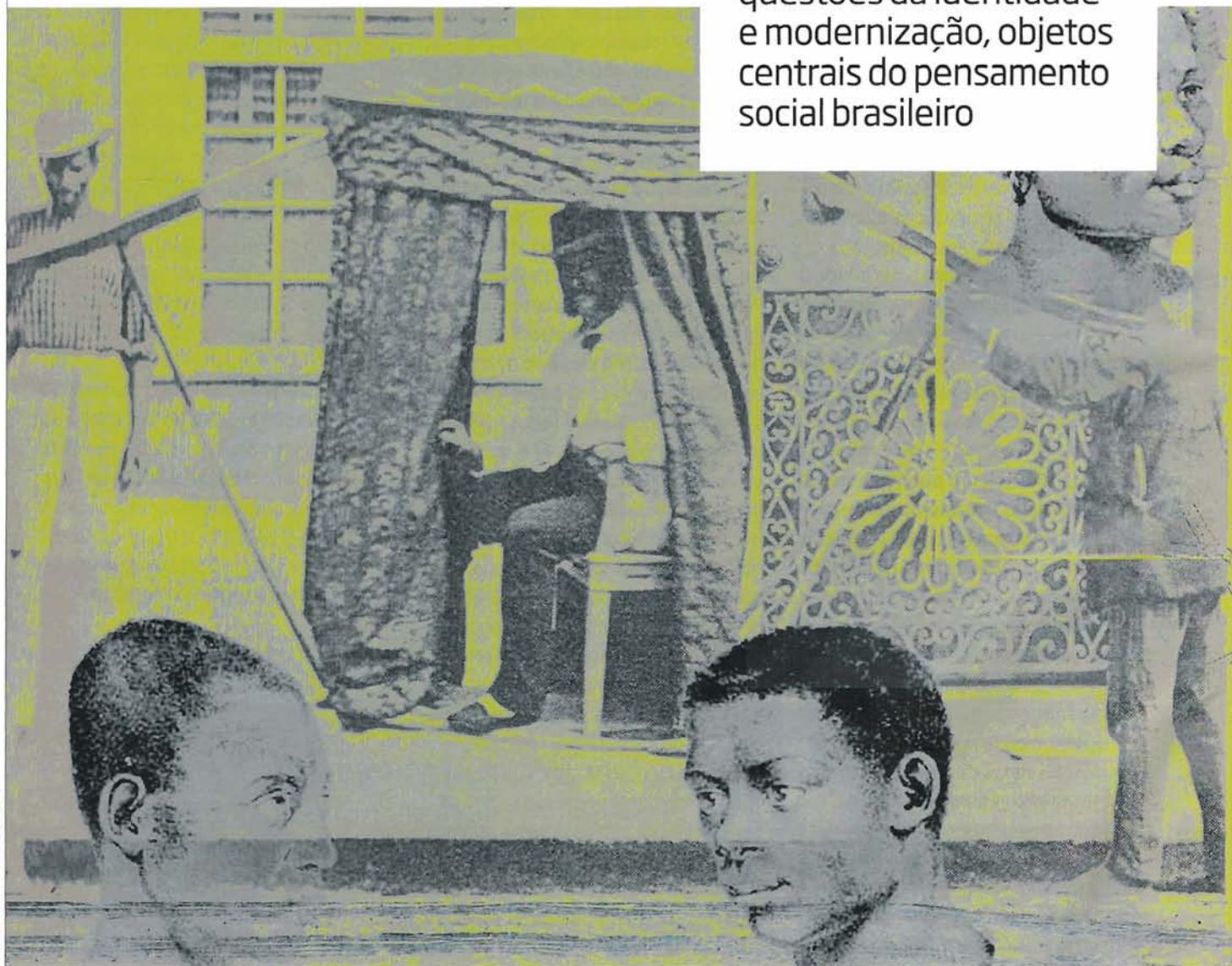
Ao longo do trabalho, identifico a existência de uma continuidade temática e de perspectiva de interpretação social que nos permitiria falar de uma corrente de pensamento voltada para o tema da “incorporação dos sertões”. Reunindo Euclides da Cunha, Vicente Licínio Cardoso, Roquette-Pinto, Belizário Penna e Monteiro Lobato, entre outros intelectuais, ela criou imagens fortes e duradouras sobre o brasileiro do interior, além de apresentar propostas como as do saneamento do Brasil, da educação como meio de incorporação social e do desenvolvimento de uma etnografia sertaneja. Construiu-se, assim, um repertório de temas e questões que continuaria presente nas investigações sociológicas que se desenvolveram após 1930. O brasileiro do interior foi um dos objetos privilegiados nos textos de cunho sociológico produzidos na segunda metade do século XIX, nas três primeiras décadas do século XX e na fase de institucionalização universitária das Ciências Sociais, que pode ser aproximadamente demarcada entre os anos de 1933 a 1964. Em suma, durante o período em que o Brasil foi considerado o grande enigma a ser decifrado em seus aspectos sócio-antropológicos, étnicos e culturais. ■

* **Lejeune Mato Grosso de Carvalho** é sociólogo, professor, escritor, arabista e presidente do Sindicato dos Sociólogos do Estado de São Paulo (Sinsesp). Possui diversos livros e artigos científicos publicados sobre a profissão. E-mail: lejeunemgxc@uol.com.br

O BRASIL E SEUS INTÉRPRETES

por Daniel Rodrigues Aurélio *

Como Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda pensaram as questões da identidade e modernização, objetos centrais do pensamento social brasileiro





As questões relativas à identidade e modernização constituem o objeto central do pensamento social brasileiro. Das formulações influenciadas pelo evolucionismo social (Silvio Romero, Raimundo Nina Rodrigues) à análise do patronato político contida em “Os donos do poder”, do jurista e historiador Raymundo Faoro, passando ainda pelo nacionalismo autoritário (Azevedo Amaral, Alberto Torres), muito se refletiu sobre os dilemas de um suposto “caráter nacional” – “quem somos nós?” – e da relação do Brasil com o modelo moderno democrático. Mas, a despeito da importância de todas essas contribuições ao debate, o paradigma da abordagem encontra-se na triade de obras de formação publicadas entre o pós-Revolução de 1930 e o Estado Novo: “Casa-grande & Senzala” (Gilberto Freyre, 1933); “Raízes do Brasil” (Sérgio Buarque de Holanda, 1936); e “Formação do Brasil Contemporâneo” (Caio Prado Jr., 1942).

A trinca de teses mobiliza alguns temas-chave, tais como a perspectiva de longa duração (passagem da Colônia à Nação); os fatores de ordem histórico-cultural que singularizariam o Brasil e o brasileiro; e a transplantação da cultura europeia, com seus ideários e instituições, cuja introdução em território “largamente estranho” a essa tradição, afirma Sérgio Buarque no capítulo “Fronteiras da Europa”, de “Raízes do Brasil”, faria-nos “uns desterrados em nossa terra”. O arcabouço teórico e metodológico dessa geração de ensaístas também chama a atenção, na medida em que eles realizaram a gradual transição do determinismo biológico, outrora sobreposto à dinâmica

Gilberto Freyre

Nascido em 15 de março de 1900, no bairro do Apipucos, no Recife (daí seu apelido “Mestre de Apipucos”), o antropólogo, sociólogo e escritor Gilberto Freyre teve acesso a uma educação ilustrada na infância e juventude. É autor de livros considerados clássicos para os estudos de história e sociologia do Brasil, dentre eles a trilogia “Casa-grande & Senzala” (1933), “Sobrados e Mucambos” (1936) e “Ordem e Progresso” (1957). Conservador na política, Freyre foi eleito deputado constituinte pela União Democrática Nacional (UDN) em 1946 e aderiu ao golpe civil-militar de 1964. Faleceu em Recife, no dia 18 de julho de 1987.



FUNDAÇÃO GILBERTO FREYRE



ARQUIVO CENTRAL USARIO

Sérgio Buarque de Holanda

O historiador Sérgio Buarque de Holanda (São Paulo, 11 de julho de 1902) produziu uma vasta obra abrangendo a história, as ciências sociais e a crítica literária, mas é com “Raízes do Brasil” (1936) que ele adentra ao panteão dos “intérpretes do Brasil”. Pai do compositor e escritor Chico Buarque e da cantora Miucha, Sérgio Buarque deu aulas na Universidade de São Paulo e na Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Ao contrário de Gilberto Freyre, vinculou-se politicamente à esquerda, participando da fundação do Partido dos Trabalhadores (PT) em 1980. Morreu em 24 de abril de 1982, em São Paulo, cerca de três meses antes de completar 80 anos.



FUNDAÇÃO GILBERTO FREYRE

das culturas, para uma decisiva aproximação com a antropologia cultural e a sociologia weberiana. Mais adiante, serão englobados o marxismo, a sociologia de Karl Mannheim, as técnicas da Escola de Chicago e o funcionalismo na linha de Parsons, estas já na fase institucional e “científica” do *fazer ciências sociais* no (e do) Brasil.

Para tentar sintetizar o contexto e as distinções desse universo relativamente extenso de teorias e métodos, pretendo enfocar, brevemente, as obras de Sérgio Buarque e Gilberto Freyre. Considero que ambas representam um ponto de transição entre a primeira fase do pensamento social brasileiro – a qual esses autores superam – e a ascensão das ciências sociais voltadas para a pesquisa de campo e o esforço científico. Se, por um lado, o ensaísmo de

observar na obra dos dois pensadores certos consensos, como o destaque dado à influência ibérica em nossa formação e à dificuldade, perceptível até os dias de hoje, em demarcarmos uma fronteira entre as esferas pública e privada.

A densidade analítica é garantida pela utilização de recursos da história cultural, especialmente a alemã (a *kultur* e as teorias decorrentes dela), já que a Alemanha, sendo país de unificação recente e modernização tardia (final do século XIX), teria se deparado com alguns problemas similares aos nossos, guardadas as respectivas e enormes diferenças. Gilberto Freyre serviu-se do culturalismo disseminado na Universidade de Columbia pelo antropólogo Franz Boas, um alemão radicado nos EUA. E Sérgio Buarque de Holanda, con-

Freyre e Buarque demonstraram aguda sensibilidade sociológica ao interpretar a formação do Brasil, pois souberam articular as questões de “identidade” e “modernização” com elegância de estilo e apuro documental, valendo-se de fontes que vão da memorialística às correspondências, dos ofícios às ações da vida cotidiana, das obras de arte à alimentação e ao vestuário



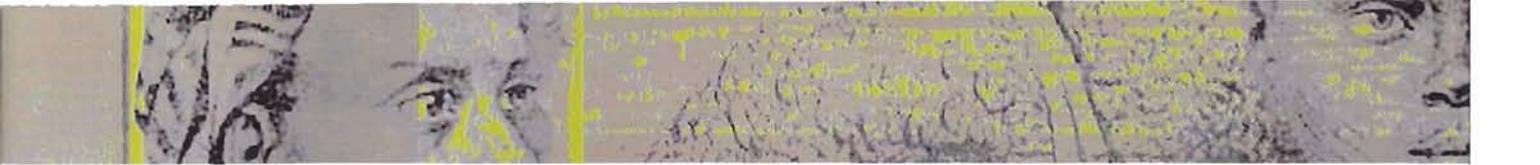
ARQUIVO CENTRAL USIARO

Freyre e Buarque rompe oportunamente com o darwinismo social e as diatribes do “conde” Joseph Arthur de Gobineau, por outro recebe forte crítica de Florestan Fernandes, este preocupado em afirmar a Sociologia como ciência *strictu sensu*, livre dos recursos literários e de formas externas à metodologia científica (segundo seu entendimento, é claro).

Freyre e Buarque demonstraram aguda sensibilidade sociológica ao interpretar a formação do Brasil, pois souberam articular as questões de “identidade” e “modernização” com elegância de estilo e apuro documental, valendo-se de fontes que vão da memorialística às correspondências, dos ofícios às ações da vida cotidiana, das obras de arte à alimentação e ao vestuário. Descontada as diferenças conceituais de ambos (elas são flagrantes), é possível

forme esclarece o brilhante prefácio de Antonio Cândido, teve o argumento de “Raízes do Brasil” suscitado a partir de sua temporada em Berlim, onde tomou contato com a história cultural produzida ali e com os fundamentos da Sociologia compreensiva de Max Weber.

É curioso – e sintomático – como se buscou suplantar e/ou reler Freyre e Buarque por meio de outras teorias importadas: a escola francesa, o materialismo histórico, o funcionalismo praticado por sociólogos americanos. Essa prática explícita, aliás, as preocupações inerentes ao pensamento social brasileiro: descobrir as nossas possíveis singularidades a partir da comparação com as teses produzidas segundo os modelos externos, para então pensar a inserção das estruturas modernas na nossa realidade. Dai a prevalência da Psicologia



O arcabouço teórico e metodológico dessa geração de ensaístas também chama a atenção, na medida em que eles realizaram a gradual transição do determinismo biológico, outrora sobreposto à dinâmica das culturas, para uma decisiva aproximação com a antropologia cultural e a sociologia weberiana

Social, da História e da Sociologia geradas – em suas teorias, métodos e técnicas – no ventre do próprio modelo.

OS BRASILEIROS DE FREYRE E BUARQUE

Os livros de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda contribuíram para uma análise psicossocial do povo brasileiro. Seus conceitos, de tão fascinantes e penetrantes, incorporaram-se, nem sempre com correção, ao senso comum, ao nosso imaginário coletivo. Esta é uma das consequências causadas pelas obras de vulto. Por sinal, o talento de escritor os torna alvo de ressalvas acadêmicas. A narrativa de Freyre é frequentemente taxada de impressionista e não-científica. No entanto, Sérgio Buarque reconhecerá, numa série de três ensaios para a Folha da Manhã publicados em 1951 (e disponíveis no site especial Banco de Dados Folha), a fundamental contribuição “proustiana” de Freyre para os estudos da formação da sociedade brasileira. A fruição estética, em suma, não anularia o poder argumentativo do sociólogo pernambucano. O mesmo se aplica à prosa límpida e concisa do pai de Chico Buarque.

A divergência entre Freyre e Buarque está, porém, no valor atribuído à colonização portuguesa. Em ambos fica patente que o homem ibérico possuía uma certa inclinação, a “plasticidade”, para adaptar seus costumes ao clima, as gentes, a terra e a geografia nativa. Mas, aquilo que Freyre vê como virtude, Buarque visualiza uma sina. A visão freireana é de que a passagem de Colônia a Nação é um processo criador de uma sociabilidade original. Seu vaticínio é conservador se comparado às

conclusões buarquianas. O historiador paulista era um tanto cético quanto ao “homem cordial”, apegado ao mundo doméstico e à “intimidade” nas horas impróprias, cujo modo de ser seria o entrave para o fortalecimento institucional, que necessita de homens talhados para as relações formais e para o império das leis. Segundo Buarque, “na tão malsinada primazia das conveniências particulares sobre os interesses da ordem coletiva revela-se nitidamente o predomínio do elemento emotivo sobre o racional” (2004, pg. 182).

O autor de “Casa-grande & Senzala” foi um entusiasta de nossa identidade resultante de uma nação multifacetada em sua construção social, étnica e cultural. Já Buarque ponderaria: esse perfil não facilitaria a hegemonia de uma elite que se desdobra na tarefa de se perpetuar? Que tipo de revolução haveríamos de promover? Aquela voltada para a manutenção do *status quo*? Por essa razão, a “revolução brasileira” seria “lenta e concertada”, operada devagar, no curso do tempo, na completa superação dos efeitos da colonização.

É natural associar a identidade nacional aos símbolos patrióticos (bandeiras e hino) e aos elementos culturais (samba, futebol). Contudo, é imprescindível ir além dos ícones, e estudar o modo como foi estabelecido o diálogo entre a realidade e o pensamento sócio-político. Freyre e Buarque, portanto, investem sobre os aspectos nucleares da formação social brasileira e extraem a matéria-prima de suas concepções reveladoras e originais acerca de uma possível “identidade brasileira” e, principalmente, das características e do devir do Brasil. ■

BIBLIOGRAFIA

CANDIDO, Antonio. *A sociologia no Brasil*. In: Tempo Social, vol. 18, nº1, junho de 2006.

BASTOS, Elide Rugai. *Gilberto Freyre – Casa Grande & Senzala*. In: Introdução ao Brasil – um banquete no trópico, vol. 1. MOTA, Lourenço Dantas (org). São Paulo: Senac, 4 ed., 2004.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & Senzala: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 26ª ed., 19ª reimp., 2004.

SALLUM JR., Brasília. *Sérgio Buarque de Holanda – Raízes do Brasil*. In: Introdução ao Brasil – um banquete no trópico, vol. 1. MOTA, Lourenço Dantas (org). São Paulo: Senac, 4ª ed., 2004.

RICUPERO, Bernardo. *Sete Lições sobre as interpretações do Brasil*. São Paulo: Alameda Editorial, 2ª ed., 2008.

* **Daniel Rodrigues Aurélio** é bacharel em Sociologia e Política pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo e pós-graduado em Globalização e Cultura pela Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais. É autor, entre outros livros, de “Dossiê Getúlio Vargas” (Universo dos Livros, 2009) Blog: www.danielraurelio.blogspot.com

O MARXISMO DE OLHO NO BRASIL

por Lejeune Mato Grosso de Carvalho *

O marxismo nesses últimos anos adquiriu uma dramática atualidade. Depois de estar ameaçado pelos arautos da pós-modernidade de ser jogado num museu ao lado de machados de pedras, ele “reapareceu” como instrumento teórico essencial para entender a crise por que passa o mundo atual. O próprio projeto socialista – realização prática dos pressupostos teóricos e políticos do marxismo – recobrou energia diante da falência da globalização neoliberal e das ideologias que lhe deram suporte. O livro de Buonicore se insere nessa nova fase da luta teórica – e porque não dizer ideológica – travada em nosso país. É, em primeiro lugar, uma obra que visa afirmar a imprescindibilidade do marxismo para aqueles pesquisadores e militantes que desejam conhecer e transformar a realidade em que vivem. Essa, afinal, é uma das marcas essenciais e originais do pensamento de Marx. Para o pensador alemão, a teoria não deveria ser separada da prática. O desenvolvimento do conhecimento só teria sentido se ele fosse

colocado a serviço da transformação social e da construção de um mundo melhor.

Como diz o autor: “O conjunto dos textos se insere em um movimento mais amplo iniciado em meados da década de 1990 e que teve por motor a necessidade de interpretar a sociedade brasileira – sua formação econômica, política, social e cultural – a partir de uma perspectiva histórico-crítica do marxismo. Um movimento que, na ocasião, foi sintetizado na consigna ‘Marxismo mais Brasil’. Começava, assim, um processo que visava a, entre outras coisas, cobrir uma lacuna importante na formação dos militantes da esquerda brasileira: a da articulação do instrumental teórico marxista, agora desprovido de sua carga dogmática, e conhecimento do Brasil”. O marxismo dogmático – e esquemático – procurava reduzir a complexidade do mundo às fórmulas simplistas e entendia a complexa história humana como simples reflexo, sem mediação, das relações econômicas. Por isso mesmo, o instrumento para análise da história do



Brasil deveria ser um marxismo redimido dos desvios “economicistas”. É claro, esse marxismo renovado, precisamente por ser marxismo, não perde a referência dos níveis econômicos – determinantes apenas em “última instância” – mas afirma que as sociedades concretas só podem ser compreendidas pela articulação dinâmica das várias instâncias (ou estruturas) do real: econômica, ideológica, política e cultural. Nem as classes, nem a luta de classes, nem o Estado, nem a revolução são resultados naturais do simples desenvolvimento das forças produtivas. É, justamente, através desse marxismo que o autor procurou analisar a evolução e as contradições da sociedade brasileira, tratando de temas como: a história das classes e da luta de classes, a formação do Estado, as diversas interpretações da revolução e do povo brasileiro. Por

fim, o livro traz uma original reflexão das leituras marxistas sobre a questão racial. Cada um desses ensaios é aberto com a apresentação breve dos pressupostos teóricos marxistas que permitiriam analisar esses fenômenos. E tudo isso é feito em uma linguagem simples para qualquer estudante ou trabalhador consciente. Não devemos confundir, aqui, simplicidade com falta de profundidade teórica ou analítica. Nem todo pensamento denso deve ser hermético. No primeiro ensaio, Buonicore faz uma rica resenha do pensamento dos principais autores marxistas que trataram do problema da revolução burguesa. Começando por Marx e Engels, passando por Lênin, Gramsci e Lukács. O ponto culminante, no entanto, é o tratamento dado ao estudo da chamada revolução brasileira. Ali apresenta, sem preconceito, as contribuições dos principais autores marxistas brasileiros, como Nelson Werneck Sodré, Caio Prado Jr, Jacob Gorender e Carlos Nelson Coutinho.

O autor chegou à conclusão que a revolução burguesa no Brasil se deu pelo processo que Lênin e outros autores chamaram de "Via Prussiana". O seu transcurso teria sido longo e tortuoso. Teria existido "todo um período de transição que vai da década de 1880 até 1950 – e que, para alguns, ainda está inconcluso. Esse processo teve na Independência (1822), na Abolição da escravidão (1888), na proclamação da República (1889) e na Revolução de 1930 seus marcos decisivos". A "via prussiana" teria dado "um forte teor conservador ao processo de transição capitalista no Brasil, impedindo a realização do que seria uma das principais tarefas de uma revolução democrática burguesa: a reforma agrária antilatifundiária. O reflexo superestrutural dessa política de conciliação com o atraso foi a dificuldade de implantação de uma democracia estável e ampliada". Isso explicaria também a exclusão dos camponeses, que representavam a maioria da população, de uma série de direitos sociais.

Mas, para Buonicore, falar em "via prussiana" não significa desconhecer a

existência e a centralidade da luta das classes populares. Todo um capítulo do livro é dedicado à análise do desenvolvimento das classes e da luta de classes em nosso país. Quando trata das nossas transições, ele afirma: "A história brasileira e o país que temos hoje são, em última instância, os resultados de séculos de uma acirrada luta de classes – ora cruenta, ora incruenta, ora aberta, ora mascarada (...). A Nação tem as marcas das lutas do nosso povo – dos escravos, camponeses, operários, intelectualidade progressista – às vezes derrotadas e às vezes vitoriosas. Mesmo quando derrotadas e banhadas em sangue, as lutas populares ajudaram a empurrar a roda da história para frente". Assim, não existe nenhuma visão negativista sobre a nossa história, apenas a constatação crítica dos limites desses processos que, em geral, não se completaram e mantiveram elementos do atraso, como o latifúndio, a dependência externa e a exclusão de parte de nosso povo de uma cidadania plena. ■

"A história brasileira e o país que temos hoje são, em última instância, os resultados de séculos de uma acirrada luta de classes – ora cruenta, ora incruenta, ora aberta, ora mascarada (...). A Nação tem as marcas das lutas do nosso povo – dos escravos, camponeses, operários, intelectualidade progressista – às vezes derrotadas e às vezes vitoriosas. Mesmo quando derrotadas e banhadas em sangue, as lutas populares ajudaram a empurrar a roda da história para frente"

AUGUSTO CESAR BUONICORE, AUTOR DE MARXISMO, HISTÓRIA E REVOLUÇÃO BRASILEIRA: ENCONTROS E DESENCONTROS



■ **Livro:** Marxismo, História e Revolução Brasileira: Encontros e desencontros
Autor: Augusto César Buonicore
Editora: Anita Garibaldi
Ano: 2009
Páginas: 319
Preço informado: R\$35,00

* **Lejeune Mato Grosso de Carvalho** é sociólogo, professor, escritor e arabista. Lecionou na Unimep de 1985 até 2006. Preside hoje o Sindicato dos Sociólogos do Estado de SP, tendo sido presidente da FNSB de 1996 a 2002.



MERCEDES SOSA: A VOZ DA ESPERANÇA

Carisma, cultura popular e consciência social e política marcaram a carreira da cantora símbolo da América Latina

por **Yago Euzébio Bueno de Paiva Junho***
ilustração **Leandro Valquer**

No dia 4 de outubro de 2009, aos 74 anos, o coração latino-americano de Mercedes Sosa parou. E com ele fechou-se a cortina de um dos maiores espetáculos pela afirmação social, política e cultural dos povos latinos. Voz, coragem e paixão, para mim, são os termos que definem a cantora argentina. Dotada de um talento impressionante e um carisma ímpar, Mercedes Sosa encantou plateias do mundo inteiro. Herdeira cultural de Violeta Parra, o folclore foi sua arma para valorizar o seu local de enunciação, para falar como Walter Mignolo. Este artigo homenagem tem por objetivo analisar o trabalho de Mercedes Sosa sob o prisma dos Estudos Culturais.

Interessante o projeto de intelectuais la-

tino-americanos na procura de uma linguagem própria para falar de nossos problemas particulares. Embora irmanados no subdesenvolvimento, os países da América Latina guardam particularidades, fazendo com que as soluções para os desequilíbrios estruturais das diversas nacionalidades não possam ser padronizadas.

Walter Mignolo, por exemplo, defende a construção teórica da razão pós-colonial como instrumento de análise das sociedades outrora coloniais. Sua lente, porém, não mira as condições históricas do pós-colonial, até porque seria muito complicado enquadrar os Estados Unidos nessa conceitualização. Ontem colônia. Hoje império. A ênfase do ensaísta recai nos locais de enunciação do pós-colonial (MIGNOLO, 1996).

O raciocínio do crítico está calcado na crítica aos mitos gerados pelo projeto moderno colonial: a civilização europeia se autodefinindo como superior em relação as demais civilizações. Derivando daí o aspecto salvacionista que revestiu sua relação com os países recém-descobertos, tais como: a imposição cultural, religiosa, linguística e econômica. Porém, a história da modernidade inclui não só os impérios coloniais, mas também "... a história silenciosa das periferias..." (MIGNOLO, 1996, p.14).

Ligada aos países terceiro-mundistas, a razão pós-colonial quer acabar justamente com o silêncio da margem. "A razão pós-colonial é entendida como um grupo diverso de práticas teóricas que se manifestam na raiz das heranças coloniais, na intersecção

da história moderna europeia e as histórias contramodernas coloniais”.

Essa reflexão faz com que a periferia seja um local de enunciação diferencial. Por conseguinte, relativiza o discurso metropolitano sobre nós, desmistificando assim a divisão de tarefas intelectuais no mundo: temos a cultura e o centro os sistemas teóricos. A prática pós-colonial pressupõe quem fala e de onde se fala. Em outras palavras, há conexão entre produção teórica e “lugar geocultural”.

Não é possível um único lugar geocultural ser o gerador de discursos e valores. Por isso, as teorias pós-coloniais, afirma Walter Mignolo, promovem “(...) a emancipação das categorias de conhecimento fabricadas e estabelecidas na Europa, as quais formam parte da modernidade e foram construídas, parcialmente, em cumplicidade com a expansão colonial” (MIGNOLO, 1996, p.25).

Chegamos a um ponto chave na reflexão sobre a possibilidade ou não de emancipação dos povos situados à margem do capitalismo mundial. A globalização traz consigo a proposição de homogeneidade econômica e financeira de todos os países do planeta. Resta saber se a consequência dessa standardização na infraestrutura das sociedades é a uniformização nas suas superestruturas. Será que teremos uma central reguladora de ideias ditando as normas culturais para o resto do mundo?

Hugo Achugar acredita que não. Para o teórico o que existe de fato são globalizações diferenciadas. São diferenciadas porque os diversos atores sociais das mais diferentes nacionalidades não desempenham o mesmo papel na esfera econômica (ACHUGAR, 1996, p. 848). Sem contar, é claro, com as singulares heranças culturais dos países periféricos. Achugar questiona com razão as teorizações que afirmam a não pertinência da manutenção da dicotomia centro e periferia. Pensar a globalização a partir da periferia é diferente de pensá-la no centro do capitalismo mundial. A periferia é um espaço cultu-

ral distinto, por conseguinte cria produtos simbólicos distintos. Por isso “... a nação – entendida como comunidade imaginária – segue tendo vigência em amplos setores da cultura da América Latina ainda quando já não se trate da nação em sua formulação homogeneizada do século XIX” (ACHUGAR, 1996, 849).

A tal homogeneidade nada mais é do que estratégia política de representação do centro para encobrir a real heterogeneidade existente no mundo. Neste sentido, a construção teórica da heterogeneidade latino-americana configura-se um novo local de enunciação.

A heterogeneidade é um conceito, tal qual a razão pós-colonial, que se refere ao “Terceiro Mundo”, articulando os dois lados da esfera cultural – a oralidade e a escrita. Fruto do processo de formação desses países, sua formulação encontra-se nas frestas das oposições centro/periferia, local/universal.

“Repensando a Heterogeneidade na América Latina...”, de Hugo Achugar, é um texto mais de dúvidas do que de certezas. Todavia, fica a mensagem: os discursos sobre a América Latina produzidos no centro não são os únicos válidos. Pelo contrário, carregados de valores que não são os nossos, esses discursos obstaculizam o real entendimento da dinâmica sócio-cultural do lugar onde vivemos.

O projeto das navegações é um projeto patriarcal, branco e cristão. Evidentemente, essa marca está presente nos sistemas representacionais criados para descrever o Novo Mundo. De acordo com Nelly Richard, toda teoria é a “(...) forma de consciência acerca do caráter discursivo da realidade (...)” (RICHARD, 1996, p. 735), culminando com a organização de uma ideologia cultural; sendo que esta é produzida e instrumentalizada pela linguagem. Se por um lado, a teoria possibilita a cristalização de ideologias, por outro lado nos permite seu questionamento. Reside aí o barato da ensaísta: a possibilidade de rearticular os “mecanismos significantes”.

Dotada de um talento impressionante e um carisma impar, Mercedes Sosa encantou plateias do mundo inteiro. Herdeira cultural de Violeta Parra, o folclore foi sua arma para valorizar o seu local de enunciação, para falar como Walter Mignolo

O feminismo enquanto crítica da razão patriarcal, eis o recado de Richard.

Os significantes homem e mulher são experiências recortadas pela linguagem em categorias mentais, quer dizer, são convenções sociais, “construções discursivas”. É a história feita pelo macho. “O Logos do Ocidente (consciência, espírito, história, técnicas e ideologias) representaria, segundo alguns autores, o domínio masculino de um projeto civilizador que tem se dedicado a reprimir seu outro lado mais obscuro e selvagem (natureza, corpo, inconsciente, rito e mito) cuja natureza mais viva se expressa na oralidade feminina e popular...” (RICHARD, 1996, p. 737).

O que se pretende é romper com a conexão sexo – mulher, gênero-feminino. É preciso re-semantizar o conceito. Transformá-lo em um conceito sobre a marginalidade, rompendo com a determinação naturalista de homem e mulher. Uma forma de transgressão do império do masculino que pode servir inclusive para os homens. Atenção: não é substituição – sai o paradigma masculino e entra o feminino. Não! É, isto sim, uma reordenação dos signos em busca de uma convivência

Mercedes Sosa encarava a música como sua arma política. Cantar equivalia a um discurso para despertar consciências, como na música "Si Se Calla El Cantor"

harmoniosa, na qual se prevaleça o respeito às diferenças.

Pós-colonialismo, Heterogeneidade, Feminino são formulações que tentam embasar uma posição política e teórica para os intelectuais latino-americanos. O trabalho mais interessante seguindo esta linha de raciocínio é o de John Beverly – "Post-literatura: Sujeito subalterno e impasse das humanidades", que é a procura de uma expressão para a subalternidade.

Rigoberta Menchú é uma índia guatemalteca cujo testemunho à antropóloga

Elisabeth Burgos Debray foi transformado em livro nos anos 1980. Quando a Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, o incluiu na bibliografia de um curso de graduação em Cultura Ocidental, a grita da direita norte-americana foi geral, culminando com a intervenção do secretário de educação do governo Reagan.

Beverly nos mostra algumas razões da emocionante comoção reacionária da direita ianque: o papel central da universidade no projeto político que a partir da globalização tenta enquadrar o "sujeito subalterno"; influência de setores da esquerda; incapacidade dos "sistemas cognitivos" hegemônicos nos meios acadêmicos de compreender o subalterno; o problema da desterritorialização e suas consequências nos planos político, linguístico e cultural e a incorporação de estudos marginais no programa de ensino de literatura, tais como cinema e cultura popular (BEVERLY, 1996).

Os argumentos acima reunidos nos mostram o quão problemático pode ser o sistema educacional centrado única e exclusivamente na cultura do livro. No processo de colonização da América Latina, alfabetização significou dominação cultural. Roger Bastide narra esse movimento no Brasil: "os jesuítas contudo logo compreenderam que não havia grande vantagem em acometer gerações já formadas, cristalizadas em suas tradições, e que conviria antes minar a civilização ameríndia, separando as crianças dos pais, modelá-las nos colégios e em seguida enviá-las como missionários da nova fé" (BASTIDE, 1959, p. 16).

Alerta do texto de Menchú: a oralidade foi para a margem após o processo de modernização cultural. O testemunho de Rigoberta Menchú, diz John Beverly, não pretende que escrita e oralidade sejam incompatíveis, mas realça que a articulação daquelas duas esferas podem servir às "necessidades de luta, resistência, ou simplesmente de sobrevivência, que estão envolvidas em sua situação de enunciação" (BEVERLY, 1996, p. 133).

MÚSICA COMO ARMA POLÍTICA

Haydée Mercedes Sosa vem à luz no ano da graça de 1935, no dia 9 de julho em San Miguel de Tucumán. Desde muito cedo se apegava às manifestações artísticas folclóricas. Sua primeira experiência como cantora foi participando de um concurso promovido pela rádio LV12 de Tucumán. Desse concurso consegue um contrato de dois meses com a rádio.

Nos fins dos anos 1950 aproxima-se de um grupo de intelectuais que buscavam modernizar a música argentina. Em fevereiro de 1963, na cidade de Mendoza, surge o movimento Novo Cancioneiro, cujos expoentes são Armando Tejada Gómez, Oscar Matus, Tito Francia e Juan Carlos Sederó.

Segundo Maria Inês Garcia, professora da Universidade Nacional de Cuyo, o movimento pretendia modernizar a música nacional argentina, inspirando-se nas tradições folclóricas. Estavam atrás de uma música nacional de conteúdo popular, para traduzir o modo de ser e sen-

Discografia

- ▷ La voz de la zafra (1962)
- ▷ Canciones con fundamento (1965)
- ▷ Yo no canto por cantar (1966)
- ▷ Hermano (1966)
- ▷ Para cantarle a mi gente (1967)
- ▷ Con sabor a Mercedes Sosa (1968)
- ▷ Mujeres argentinas (1969)
- ▷ Navidad con Mercedes Sosa (1970)
- ▷ El grito de la tierra (1970)
- ▷ Homenaje a Violeta Parra (1971)

- ▷ Hasta la victoria (1972)
- ▷ Cantata Sudamericana (1972)
- ▷ Traigo un pueblo en mi voz (1973)
- ▷ Niño de mañana (1975)
- ▷ A que florezca mi pueblo (1975)
- ▷ La mamancy (1976)
- ▷ En dirección del viento (1976)
- ▷ O cio da terra (1977)
- ▷ Mercedes Sosa interpreta a Atahualpa Yupanquí (1977)

- ▷ Si se calla el cantor (1977)
- ▷ Serenata para la tierra de uno (1979)
- ▷ A quién doy (1980)
- ▷ Gravado ao vivo no Brasil (1980)
- ▷ Mercedes Sosa en Argentina (1982)
- ▷ Mercedes Sosa (1983)
- ▷ Como un pájaro libre (1983)
- ▷ Recital (1983)
- ▷ ¿Será posible el sur? (1984)
- ▷ Vengo a ofrecer mi corazón (1985)

tir de amplas camadas populares. E mais: com a música, objetivavam que o povo argentino tomasse consciência de sua situação sócio-econômica-cultural.

O que possibilitou o surgimento do Cancioneiro Novo foi a modificação na estrutura urbana e social da Argentina: o início do processo de migração interna no início dos anos de 1950 em virtude da industrialização; a visão cosmopolita que começa a influenciar os argentinos; consciência da cultura regional nos meios intelectuais e a nacionalização da classe média, que inicia um processo de autocritica em razão da internacionalização da economia argentina, levando o país à beira do abismo.

O que chama a atenção nesse movimento é o fato de que seus agentes entendiam que o folclore possibilitaria o conhecimento real da Argentina. Buscando, assim, construir um discurso próprio que revelasse aos argentinos sua situação no mundo. A grande divulgadora do Cancioneiro Novo, sem sombra de dúvida, foi Mercedes Sosa. Entretanto, o movimento na voz de Mercedes Sosa transcendeu as fronteiras argentinas, transformando-se num grito de alerta para a união dos povos latino-americanos.

Mercedes Sosa encarava a música como sua arma política. Cantar equivalia a um discurso para despertar consciências, como na música "Si Se Calla El Cantor":

*"Que há de ser de la vida si el que canta
No levanta su voz. em las tribunas
Por el que sufre, por el que no hay*

*Ninguna razón que lo condene a andar
sin manta*

Si se calla el cantor muere la rosa

De que serve la rosa sin el canto

*Debe el canto ser a luz sobre os campos
Iluminando siempre a los abajo.*

Que no calla el cantor porque el silencio

Cobarde apaña la maldade que oprime,

No saben los cantores de agachadas

No callarán jamás de frente al crimén".

Mercedes Sosa cumpriu esse papel de ser a cantora da América Latina, levantando sua voz pela união, confraternização, amizade e solidariedade dos povos latinos. Seu trabalho constitui um local de enunciação pós-colonial. Sua música se encontra nas frestas centro/periferia, local/universal.

Falar dos nossos problemas com uma linguagem própria. Estabelecer nós mesmos um discurso sobre nossos problemas e suas soluções. Todos juntos, respeitando as especificidades de cada país, de mãos dadas Homens e Mulheres na construção daquilo que Darcy Ribeiro chamava de Pátria Grande.

Encerro aqui com um trecho da música Canción Con Todos:

"Salgo a caminar

Por la cintura cósmica del sur

Piso em la región

Más vegetal del tiempo y de la luz

Siento al caminar

Toda la piel de América em mi piel

Y anda em mi voz

Su caudal [...]" ■

- ▷ Corazón Americano (1985) (com Milton Nascimento e León Gieco)
- ▷ Mercedes Sosa '86 (1986)
- ▷ Mercedes Sosa '87 (1987)
- ▷ Gracias a la vida (1987)
- ▷ Amigos míos (1988)
- ▷ En vivo en Europa (1990)
- ▷ De mí (1991)
- ▷ 30 años (1993)
- ▷ Sino (1993)

- ▷ Gestos de amor (1994)
- ▷ Oro (1995)
- ▷ Escondido en mi país (1996)
- ▷ Alta fidelidad (1997) (com Charly García)
- ▷ Al despertar (1998)
- ▷ Misa Criolla (2000)
- ▷ Acústico (2002)
- ▷ Argentina quiere cantar (2003) (com Víctor Heredia e León Gieco)
- ▷ Corazón Libre (2005)
- ▷ Cantora (2009)

REFERÊNCIAS

- ACHUGAR**, Hugo. *Repensando La heterogeneidad Latinoamericana* (a propósito de lugares, paisajes y territorios). Revista Iberoamericana. Vol. I, XII, n 176-177, p. 845 - 861, jul/dez. 1996.
- BASTIDE**, Roger. *Sociologia do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Editora Anhembi S.A, 1959.
- BEVERLY**, John. *Post-literatura: Sujeito subalterno*. Revista Iberoamericana. Vol. I, XII, n 176-177, p. 30 - 41, jul/dez. 1996.
- GARCÍA**, Maria Inês. *El Nuevo Cancionero - Aproximación a una expresión de modernismo en Mendoza*, s/d. Disponível em: <<http://www.hist.puc.cl/iaspm/lahabana/articulosPDF/MariaInesGarcia.pdf>>. Acesso em: 27 de dez de 2009.
- MIGNOLO**, Walter. *La Razón Postcolonial - herencias Coloniales y teorías postcoloniales*. Gragoatá, N1, p.7-29. 2 sem. 1996.
- RICHARD**, Nelly. *Feminismo, Experiencia y Representación*. Revista Iberoamericana, n. 176 - 177, p.733-744, jul/dez 1996.
- TERRA**. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/mercedes-sosa/63291/#enviar-traducao>>. Acesso em: 29 de dez. de 2009.
- Wikipedia** Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mercedes_Sosa>. Acesso em: 29 de dez. de 2009.



* Yago Euzébio Bueno de Paiva Junho é sociólogo e mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Juiz de Fora. É professor de Sociologia e Antropologia da Faculdade de Administração e Informática (FAI) e do Instituto Superior de Educação (ISE) de Santa Rita do Sapucaí - MG.



A SOCIEDADE EM QUEDA LIVRE?

por Emerson Sena da Silveira *

A sociedade sobrepõe-se ao indivíduo ou o contrário?
A resposta a essa pergunta passa pelo adequado entendimento de como se dá a complexa relação entre a estrutura social e a interação entre os indivíduos

Uma imagem banalizada, divulgada pela mídia e senso-comum, compara a sociedade, e em algumas versões o Estado e sua aparelhagem, a um “tijolo” caindo sobre as cabeças dos indivíduos ou um rolo compressor, em face do qual pouca coisa pode exercer oposição, exceto a mobilização permanente e coletiva das gentes. A imagem é de que, “coitado”, o indivíduo deve seguir as regras da sociedade, caso contrário, será punido de duas formas: sanções formais (direito positivo moderno) e sanções informais (controle social exercido pela família, grupos primários. etc.).

A sociedade aparece com um enorme poder de determinação do comportamento das pessoas. Isso resvala em ideias como o exercício tirânico da maioria sobre a minoria. Evoca o famoso romance denominado “1984”, do escritor inglês, adepto do socialismo, George Orwell, cuja personagem principal é o Big Brother, O Grande Irmão, expressão devidamente apropriada pela produtora holandesa Endemol e pela Rede Globo de Televisão. Uma das ênfases do livro é a ideia de uma sociedade que controla os mínimos movimentos dos indivíduos, realizando uma “lavagem cerebral”. A propósito da décima edição do BBB, o reality-show “global”, uma das passagens do livro mostra como o controle milimétrico é feito sobre os indivíduos: aparelhos de TV que funcionam como espíões, como “olhos” do Big Brother.

Do outro lado, constrói-se, em exata inversão, a imagem da sociedade como uma massa compacta, pronta a triturar as pessoas, a imagem do indivíduo livre, leve e solto. Seria ele que, por meio de suas ações e em interação com outros indivíduos, cria o social, e toda a estrutura que dá suporte ao nosso mundo. O indivíduo que pode optar por qualquer raio de ação porque possui liberdade de escolha e se move, sendo a sociedade, no máximo, o delírio de um sociólogo fanático, adorador durkheimiano da sociedade. O indivíduo, que aparece como “vítima”, aparece ao mesmo tempo como princípio social, tanto

Essa percepção de um “eu interior”, oposto a um “mundo externo”, é típica das sociedades com alto grau de individualização, sociedades complexas que vivenciam o “processo de individualização”. Um complexo processo que envolve, além de questões sociais, a mediação do simbólico, da cultura

para ajudar na compreensão da realidade, quanto para servir de baliza para as políticas sociais e econômicas. As teorias econômicas do livre-mercado desde Adam Smith, e da Escolha Racional, não abrem mão dessa imagem. Porém, aos olhos de marxistas inveterados, o indivíduo é uma invenção burguesa cuja função, maquiavélica, é dominar e entorpecer as consciências e impedir a “luta de classes”.

Obviamente as tintas estão carregadas, há uma caricatura. Provocação. Mas acentuar determinados traços pode aumentar a sensibilidade a certas incongruências e fragilidades de ambas as posições.

Norbert Elias, sociólogo alemão pouco debatido no âmbito da divulgação sociológica em nosso país, faz uma excelente crítica ao que chama de antíteses ou dicotomias como esta: “indivíduo” e “sociedade”, e esta outra: “natureza” e “cultura”. Essas dicotomias não explicam de forma satisfatória a realidade social e deslizam imperceptivelmente, ou acintosamente, para uma oposição. Daí, ao invés de se falar “indivíduo-e-sociedade”, impõe-se uma escolha: ‘indivíduo ou sociedade’; e um imperativo surge: ou bem você escolhe uma coisa, ou bem outra. A metafísica popular, como denomina Elias, aponta a sociedade como aquilo que impede as pessoas de desfrutarem uma vida “autêntica”. Na verdade, essa percepção de um ‘eu interior’, oposto a um ‘mundo externo’, é típica das sociedades com alto grau de individualização, sociedades complexas que vivenciam o “processo de individualização”. Um complexo processo que envolve, além de questões so-

ciais, a mediação do simbólico, da cultura.

O sociólogo norte-americano Peter Berger (1996, p. 173, 179) aponta um dilema básico nas ciências sociais: qual é o limite entre as estruturas sociais e a liberdade e escolhas individuais? Os homens são completamente determinados? Eles têm margens de manobra para escolher? Ou essas margens são limitadas pelas estruturas sociais? E a liberdade, onde fica?

É importante frisar que a Sociologia não tem uma única teoria que explique tudo. Isso mostra a importância da diversidade de pontos de vista. E quem é que pode ter ou pretende ter uma visão total e absoluta de todos os fenômenos? Isso coloca o que é chamado de dilemas ou tensões na Sociologia¹:

a) estudar a sociedade a partir dos grupos sociais ou dos indivíduos e suas ações?

b) Para que conhecer? Para transformar a sociedade ou para compreendê-la?

Correntes de pensamento, que atravessaram os séculos XVIII e XIX, defendiam que o conhecimento e o desejo de mudança andavam juntos. Condorcet e Montesquieu, filósofos franceses, queriam estudar as instituições da época para demonstrar sua irracionalidade e injustiça, pois essas atentavam contra a liberdade do indivíduo. No século XIX, Karl Marx defendeu uma ideia importante: a “produção intrínseca da desigualdade” no capitalismo

1. Esse dilema é chamado tecnicamente da oposição entre dois paradigmas: o individualismo e o holismo metodológico, ou seja, de qual fundamento se parte para explicar a sociedade: do indivíduo ou da sociedade? Seja qual for o fundamento, ele acaba sendo assumido como natural, e, portanto, burla a explicação sociológica.

Quando formas de viver, consideradas como “anormais” por certa parcela da sociedade, lançam dúvidas sobre instituições tradicionais, as pessoas podem recusar-se a reexaminar suas próprias crenças e tenderão a rejeitar as proposições da Sociologia, por exemplo, mas poderão também discriminar e, por vezes, reprimir com violência esses modos de ser

e que era necessária uma posição política, e não apenas estudos teóricos.

Outra corrente segue a pressuposição de que as ciências humanas, como as naturais, devem perseguir apenas a neutralidade e a objetividade, ou seja, a ciência social não se pode pronunciar sobre questões de valor (se uma sociedade deve ou não aprovar medidas como a união civil homossexual). O sociólogo francês Émile Durkheim defendia tal ponto de vista.

Nesse caso, acredita-se que os pesquisadores devem separar sua opinião da investigação e não deixar que suas crenças e valores morais, religiosos, estéticos interfiram em suas pesquisas e na forma como estudam os fenômenos sociais. Muitos defendem que a Sociologia tenha um papel

transformador de fato: não basta estudar, mas é preciso agir, mudar a sociedade em direção àquilo que se crê que deva ser mudado. Outros pensam que isso pode retirar dela a neutralidade/objetividade, que devem caracterizar o conhecimento científico. Ai, temem alguns, a Sociologia ficaria presa demais aos compromissos políticos, o que poderia produzir imagens erradas sobre os objetos estudados ou colocar nela tendências que prejudiquem uma visão compreensiva do fenômeno.

De qualquer forma, existiriam dois níveis básicos de análise sociológica:

- a) nível macrossocial: estrutura, funcionamento e dinâmica dos grandes fenômenos e instituições sociais – burocracia, igreja, Estado, família, aparato jurídico e militar, a escola e as sociedades. A abordagem macrossocial é uma óptica pela qual os fenômenos são interpretados e explicados por causas externas, sociais, e remetidos a esquemas teóricos nos quais se enfatizam os aspectos institucional, formal, geral, global e “objetivo” das estruturas. Os comportamentos e as crenças individuais são explicados como oriundas dessa estrutura maior;
- b) nível microssocial: o plano da individualidade é fundamental – negociação e ação. Cotidiano. Só existem as grandes “estruturas” porque essas são mantidas

O passado define nossas escolhas amorosas?

Peter Berger, em “Perspectivas sociológicas: uma visão humanista” (Vozes: Petrópolis, 1999), ao abordar o que seria uma situação social, nos dá uma interessante fala:

Um conceito usado em sociologia é o de definição da situação e significa que uma situação social é o que seus participantes creem que ela seja. Em outras palavras, a realidade é uma questão de definição. É por isso que o sociólogo deve analisar

atentamente muitas facetas da conduta humana que em si mesmas são absurdas ou ilusivas. No caso de um sistema racial, um biólogo ou antropólogo poderá olhar as convicções dos brancos sulistas norte-americanos e declarar que tais convicções são falsas. Poderá então negá-las como apenas uma mitologia produzida pela ignorância e má vontade, arrumar suas coisas e ir embora. A tarefa do sociólogo, porém, só começa. Não adianta rejeitar a ideologia racial sulista como uma imbecilidade científica. Muitas situações sociais são na verdade controladas por definições imbecis. A imbecilidade que

define a situação faz parte do material da análise sociológica. Importa observar que os controles inexoráveis pelos quais a localização social determina nossa vida, não são eliminadas com o desmascaramento das ideias que sustentam esses controles. Nossas vidas são dominadas não só pelas imbecilidades de nossos contemporâneos, como também pelas de homens que já morreram há várias gerações. Além disso muitas adquirem credibilidade. Isto significa que cada situação social que encontramos não só é definida pelos nossos contemporâneos, como anda pré-definida pelos nossos predecessores. Como não

pelos agentes e suas negociações de sentido feitas no dia a dia. Atenção: a palavra "negociação" tem um sentido pejorativo, mas não é esse o significado que a Sociologia busca ou para o qual este texto aponta. Negociação, aqui, tem o sentido de jogos de poder.

Mas esses dois níveis estão em complexa relação. Um não existe sem o outro. Ambos existem simultaneamente. Para esses dois níveis, desenvolvem-se dois tipos de abordagem:

a) Abordagem macrosocial; e

b) Abordagem microssocial. Ou seja:

a) Uma abordagem que leva em conta a estrutura, a dinâmica e o funcionamento das instituições e fenômenos da sociedade e diz que tudo pode ser explicado pelas estruturas.

b) Uma abordagem em que a ação social, a negociação, o plano onde está situada a individualidade dos atores e agentes sociais são o mais importante para explicar, inclusive, as grandes estruturas.

Concebe-se que o agente social detém mais liberdade de ação. Muitos sociólogos importantes fazem essa abordagem.

CONSTRUÇÃO SOCIAL E SIMBÓLICA

As pessoas que acreditam que a falta de ambição seja uma fraqueza tendem a não

aceitar (ou nunca aceitam) o ponto de vista segundo o qual a falta de ambição possa, na verdade, ser resultado de um processo social ao qual as ausências de oportunidades de trabalho, de ascensão e de estímulo à criatividade, ao empreendedorismo, estão ligadas entre si. E isso está na linguagem cotidiana dos meios de comunicação, como a TV.

Os fluxos de comunicação, na sociedade atual, tornaram-se mais intensos, muito mais dinâmicos e plurais. Por toda parte, as pessoas estão expostas a diferentes valores e costumes, e isso pode levá-las a olhar de outra forma para os seus próprios. Quando formas de viver, consideradas como "anormais" por certa parcela da sociedade, lançam dúvidas sobre instituições tradicionais, as pessoas podem recusar-se a reexaminar suas próprias crenças e tenderão a rejeitar as proposições da Sociologia, por exemplo, mas poderão também discriminar e, por vezes, reprimir com violência esses modos de ser.

Pierre Bourdieu, um dos maiores sociólogos franceses, disse que existem dois tipos de Sociologia: a espontânea e a crítica ou "científica". A primeira existe como mera opinião superficial. Todo mundo opina sobre a família, o casamento, a morte, a vida, o Estado, o desemprego, a religião, o futebol. Cria-se uma ilusão: a do saber imediato, ou seja, a opinião superficial seria o

bastante para conhecer um fenômeno, um evento, um fato. A TV e a Internet aceleram a sensação da imagem como elemento indiscutível da verdade. A frase que condensa isso seria: "Eu vi na TV, na Internet, por isso é verdade, por isso é real". No entanto, as noções mais familiares são as mais "perigosas", porque são transmissoras de um conhecimento muitas vezes distorcido da realidade, ou embaçam os olhos e impedem uma visão sociológica.

Outros pensadores criticam as tendências teóricas que mostram os meios de comunicação como "alienadores". Nos estudos atuais sobre recepção, não é razoável supor que os indivíduos sejam "robôs" que assimilem mecanicamente o que é produzido nos meios de comunicação. Na verdade, eles dão novos significados às mensagens e informações, de acordo com sua rede de relações e formas de pertencimento (classes sociais, religiosidades, nível cultural e educacional e outros fatores dentro desses níveis citados). É preciso lembrar que, na estrutura da teoria da comunicação, supõe-se a existência de dois polos, entre os quais circula a mensagem: o emissor e o receptor.

Bourdieu identifica um senso comum popular e outro erudito. O primeiro está na mente e na boca da população em geral. O segundo, na mente e na boca de especialis-

se pode discordar de nossos ancestrais, comumente é mais difícil nos livrarmos de suas fatídicas heranças dos que das tolices criadas em nossa própria geração. É esse ponto fundamental porque ele demonstra que até mesmo em áreas que a sociedade aparentemente nos dá opção, como o namoro, a mão poderosa do passado estreita ainda mais essa opção. Como exemplo imaginemos uma cena: um casal de namorados ao luar. Imaginemos que essa ocasião seja decisiva, na qual uma proposta de casamento é feita e aceita. Ora, sabemos que a sociedade contemporânea impõe consideráveis limitações a essa escolha,

facilitando-a bastante no caso de casais que se ajustam nas mesmas categorias sócio-econômicas e dificultando os casos em que não existe essa concordância. Até mesmo nos pontos em que "eles" (os que estão vivos) não fizeram nenhuma tentativa consciente para limitar a escolha dos participantes nesse drama específico, "eles" (que já morreram) escreveram a pauta de quase toda essa cena. A ideia de que atração sexual pode ser traduzida em emoção romântica foi pensada por menestres de vozes aveludadas que excitavam a imaginação de damas aristocráticas por volta do século XII (anos 1100). A ideia de que um

homem deveria fixar seu impulso sexual de modo permanente e exclusivo numa única mulher, com quem ele deve dividir o leito, o banheiro e o tédio de milhares de cafés-damanhã foi produzida por teólogos um século antes. Da mesma forma como todos esses antigos personagens prepararam a estrutura básica dentro da qual se desenrolarão as paixões de nosso casal, também cada um dos estágios de suas relações recíprocas foi pré-definido, pré-fabricado. Cada um dos estágios é regulado por um ritual social. Nenhum dos dois inventou o jogo ou qualquer uma de suas partes. Apenas decidiram jogá-lo um com o outro, e não com terceiros.

A identidade não é algo "natural", mas é construída

Peter Berger, no seu livro, agora "clássico" "Perspectivas sociológicas: uma visão humanista" (Vozes: Petrópolis, 1999), afirma que:

A Sociologia aponta a infinita precariedade de todas as identidades atribuídas socialmente. Usando outras palavras, o sociólogo estaria consciente da maquinaria do palco para se deixar arrebatado pela cena representada. O sociólogo terá dificuldades com qualquer conjunto de categorias que oferecem designações para pessoas - "negros", "brancos", "caucasianos" ou "americanos". De uma forma ou de outra, todas essas designações tornam-se exercícios de "má fé" assim que se carregam de implicações ontológicas (ou seja, quando deixamos de perceber que elas são simples categorias, construções sociais...). A Sociologia os leva a entender que um "negro" é uma pessoa assim designada pela sociedade, que essa designação libera pressões que tenderão a transformá-lo na imagem designada, mas também, essas pressões são arbitrarias, incompletas e, principalmente, reversíveis. A compreensão sociológica leva a um grau considerável de desencantamento (desilusão). Um homem desencantado constitui um mau investimento, tanto para movimentos conservadores como revolucionários; para os primeiros porque esse homem não possui a necessária dose de credulidade nas ideologias, e para os segundos porque ele mostrará dúvida em relação às utopias que constituem o pão espiritual dos revolucionários.

tas que argumentam sem examinar criticamente as noções e conceitos de que lançam mão. Aqui, o olhar sociológico se diferencia desses tipos de senso comum: é preciso que se examinem os conceitos e noções usadas correntemente; é preciso investigar sua história, sua finalidade, os usos que se fazem dele e para qual finalidade.

Bourdieu defende que não é possível escapar (liberdade total) das condições objetivas da estrutura social. Os indivíduos se movem, escolhem, vivem, morrem, optam nos limites definidos por essas condições objetivas. Ela molda corpos, modos de pensar e agir, modos de amar e querer, modos de se comunicar e cantar. Dando um exemplo, a partir do que defende essa perspectiva, carregado nas tintas no caso de uma opção amorosa entre duas pessoas (namoro, noivado, casamento, seja lá o que for) e levando-se em conta inúmeros fatores étnicos, sociais, religiosos e outros, pergunta-se: qual a probabilidade de um adepto fervoroso do Candomblé, mas de classe social média ou baixa, namorar ou casar com uma adepta de uma igreja pentecostal (Assembleia de Deus), mas de classe média ou baixa, mantendo suas opções religiosas? Baixíssima probabilidade. Mas, para além dos fatores "objetivos", existem muitas outras questões simbólicas e culturais (que são muito importantes e ao lado das quais me posiciono favoravelmente) que, devido à questão de espaço, não podem ser abordadas aqui com mais detalhes. Fica para outro artigo.

Essa condição objetiva da estrutura social pode, inclusive, criar uma espécie de "invisibilidade". Já foi mencionada em alguns meios de comunicação a tese de mestrado de um psicólogo que passou a conviver com os garis como gari. E ao fazer isso, seus conhecidos passaram a não "enxergá-lo". Um fato mais recente marca a crueza dessa estrutura objetiva do social: o malfadado comentário off-line do jornalista Boris Casoy sobre os garis. Expressa na verdade a visão de parcela da elite sobre as profissões braçais, físicas, que historicamente foram, e ainda o são, desprezadas. Se não há racismo e discriminação

de classe defendida abertamente nas praças há, decerto, ódio e discriminação dissimulados.

O comentário expressa mais implicações, analisadas de forma muito arguta pelo filósofo Paulo Ghiraldelli (2010):

Mas quando ouvimos o que um Boris Casoy diz por detrás das câmeras, não temos como não admitir que Ciro está certo: existe uma "elite branca" no Brasil que sente profundo desprezo para com tudo que é do âmbito popular. E, ao final do artigo diz: Caso queiramos melhorar o Brasil, vamos ter de ver que os brasileiros - muitos - pensam como Boris Casoy. E atenção nisso: não vamos culpá-lo pelos seus cabelos brancos não! Mainardi, na Globo, ainda não tem cabelos brancos e pensa a mesma coisa. Na Band, vocês já viram o tipo de preconceito de classe contra pobres que aparece no CQC? Já viram o menino Danilo Gentili insultando os pobres, jogando comida para eles? Não? Pois saibam que isso ocorreu sim! Esse tipo de humor é necessário? (Fonte: <http://ghiraldelli.pro.br/2010/01/boriscasoy/>).

E como os conflitos ocorrem na sociedade? É a sociedade que se sobrepõe ao indivíduo ou este à sociedade? Uma resposta que não deve remeter para um dos polos, mas englobar ao mesmo tempo os dois polos: indivíduo e sociedade.

A estrutura (ordem social, para Durkheim; e estrutura econômica, para Marx, por exemplo) seria maior que o indivíduo, independente e dotada de leis. Esse postulado está presente nas mais diversas correntes e suscitaram reações em contrário: a ideia enfatizada passou a ser que os seres humanos são naturalmente egoístas e competitivos (com desejos e aversões) e a ordem social, um ajuste artificial orientado por interesses calculados e racionais entre os homens.

Outro postulado, oposto a esse, é a ideia de que a sociedade não é maior que o indivíduo, ou anterior a ele, e essa estrutura é negociada, construída a partir dos indivíduos e de suas ações. A ideia de que os homens são "naturalmente" egoístas, agressivos e competitivos tem suas origens no



filósofo inglês, de 1600, Thomas Hobbes. A ideia de que os homens fazem uma espécie de contrato (as chamadas teorias contratualistas) para instituírem uma ordem política, ou outro tipo de ordem, também vai guiar muitas tendências.

Para o sociólogo Herbert Blumer, a sociedade pode ser concebida como interação simbólica, ou seja, não existem estruturas que coagem os homens, existem interações que eles estabelecem entre si a partir dos símbolos partilhados. Símbolos remetem a estruturas de signos, de significantes e significados. Remete a questões da cultura. Essa perspectiva dá ênfase aos aspectos “encobertos” e subjetivos do comportamento, acreditando que o comportamento humano só seria comportamento em termos do que as situações simbóli-

caso respeito às regras (“regras são regras”, poderia responder) ou levar em consideração as ponderações do motorista. De qualquer forma, a existência das regras é construída a partir da interação entre o policial e o motorista, já que, antes, essas regras e normas eram pura abstração.

Na perspectiva da microsociologia, essa regra só existe quando os dois atores em questão, o motorista e o policial, travam uma relação social concreta e negociam a aplicação e, por vezes, a extensão e o sentido da regra. Portanto, a regra não fica fluando no ar. Ela só existe concretamente, quando os atores sociais estão em contato. Outro postulado importante da corrente interacionista é a consideração dos fatos sociais como realizações práticas mediadas pela linguagem. Se alguém quiser

Para o sociólogo Herbert Blumer, a sociedade pode ser concebida como interação simbólica, ou seja, não existem estruturas que coagem os homens, existem interações que eles estabelecem entre si a partir dos símbolos partilhados

zam. Isso começa pelo próprio indivíduo, que não responderia meramente aos outros, mas responderia também a si mesmo, podendo tornar-se o objeto de suas próprias ações (vendo-se “de fora”, ou seja, colocando-se no lugar ou no papel dos outros e vendo-se a si próprio, ou agindo para si mesmo, daquela posição, tal como definida socialmente).

É o fato social que precisa ser explicado. Durkheim partia do fato social como se fosse uma realidade que explicaria as outras realidades. Tome-se uma situação cotidiana: um motorista estaciona com pressa sob uma placa que diz: É proibido estacionar. Vem um policial aplicar-lhe uma multa. Mas, o motorista procura convencer o policial a não multá-lo (“não vi a placa”, poderia dizer); o policial pode lançar mão de sua autoridade para manter o

entender as relações sociais, o mundo, que preste atenção naquilo que as pessoas dizem, na forma como dizem, naquilo que ocultam ao falar.

Por fim, a sociedade não é um tijolo que cai sobre as cabeças das pessoas, mas uma construção social e simbólica, fabricada cotidianamente, em meio às interações com outros atores sociais (o médico, o professor, cuja identificação nunca é objetiva e abstrata; o policial é o Fulano da Silva, morador de um bairro, que interage e mantém relações com outras pessoas, que possui uma história, que está imerso numa rede de relações). Mais do que tomar essas ideias como verdades, elas devem ser tomadas como proposições de resposta ao problema da sociedade, da dinâmica criadora da cultura, dos símbolos, das organizações, da vida social enfim. ■

BIBLIOGRAFIA

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BERGER, Peter. *Perspectivas sociológicas: Uma visão humanista*. Petrópolis, Vozes, 1999.

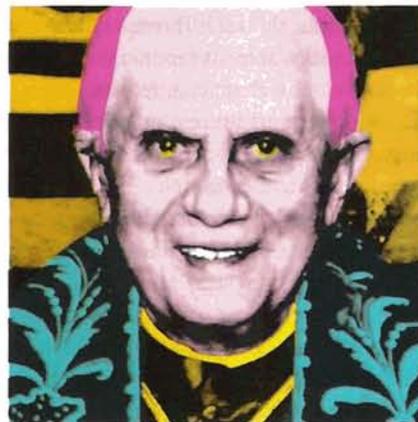
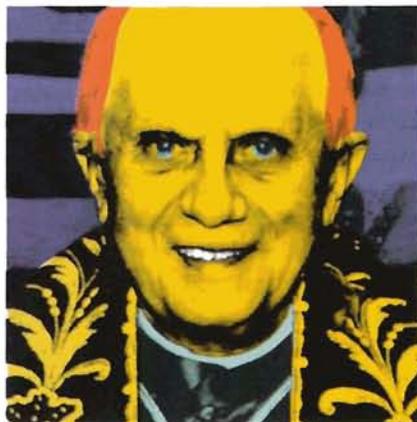
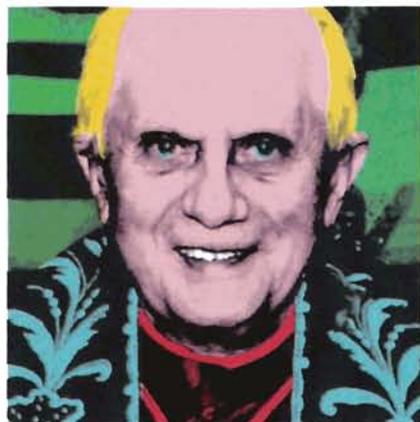
CAILLÉ, Alain. *Nem Holismo, nem Individualismo Metodológicos*. Marcel Mauss e o paradigma da dádiva. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 13, n. 38, p. 5-38. São Paulo Out. 1998.

DEMO, Pedro. *Introdução à sociologia: complexidade, interdisciplinaridade e desigualdade social*. São Paulo: Atlas, 2002.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GHIRALDELLI JR. Paulo. *Boris Casoy, o filho do Brasil*. Disponível em: <http://ghiraldelli.pro.br/2010/01/boriscasoy/>. Acesso: 04/01/2010.

* **Emerson Sena da Silveira** é antropólogo, doutor em Ciência da Religião - Univ. Federal de Juiz de Fora (UFJF). Pós-doutor em Antropologia (CNPq/UFJF/PPCIR). Publicou o livro: “Corpo, emoção e rito: antropologia dos carismáticos católicos” (Armazém Digital, 2008). Professor universitário (FMS; FACSUM; FSB). E-mail: emerson.pesquisa@gmail.com



CATOLICISMO

VERSUS

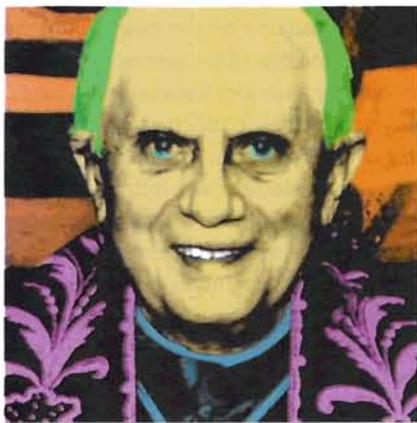
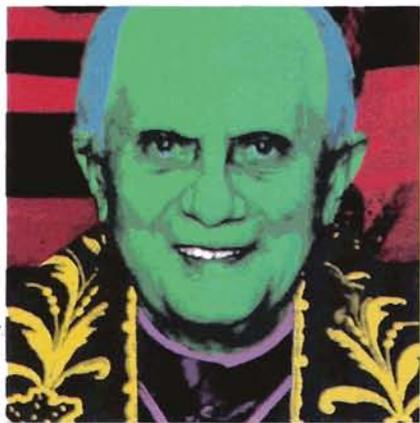
MODERNIDADE

Os desafios da Igreja Católica diante das rápidas mudanças do século XXI e da tensão entre tradição e modernidade

por Luiz Eduardo Souza Pinto *

A Igreja Católica é hoje a instituição mais antiga ainda em funcionamento no planeta, e dois milênios depois de sua fundação continua a ser a maior organização que já existiu sobre a Terra. O centro desta Igreja, o Vaticano, é considerado o menor Estado independente do mundo, no entanto, a extensão de sua influência alcança bilhões de pessoas em diversas línguas e culturas. Porém, toda essa dimensão não está isenta de ameaças. Ao contrário, elas são constantes. A Igreja necessita estar atenta às rápidas mudanças do século XXI e ao mesmo tempo se propor a ser uma guardiã de valores mais tradicionais. O choque entre tradição e modernidade gera uma constante polêmica, especialmente no que se diz respeito às questões contraceptivas, ao celibato, à ordenação de mulheres e ao relativismo cultural.

O cardeal Joseph Ratzinger, hoje Papa Bento XVI, quando ainda era prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, considerou que a administração do Vaticano não é muito diferente do modelo adotado nas empresas privadas, porém destacou que, na sede da instituição, quando uma decisão é tomada, é necessário ponderar toda a história. Assim, o passado assume uma



importância considerável, sendo o orientador das decisões do presente: os dois tempos se comungam constantemente para se projetar o futuro. Ainda hoje, o soberano da Santa Sé considera que há um princípio norteador da doutrina da instituição que não pode ser alterado “de acordo com os ventos”.

Apoiar a continuidade de seus valores independentemente do tempo cronológico é uma das tarefas da Igreja de Roma, tanto que estudiosos do Vaticano dizem que o tempo na Igreja é contado em séculos. Somente para se ter uma ideia, a Basílica de São Pedro, sede do trono papal, foi construída em 120 anos e foram necessárias mais quatro décadas para finalizar a praça no seu entorno, cujas colunas representam braços em volta da fé. Acrescente-se que o latim é, ainda hoje, a língua oficial, reafirmando a ligação com a história.

Presidente do Pontifício Comitê de Ciências Históricas do Vaticano e autor de diversos livros sobre o catolicismo e a religião cristã, publicados em dezenas de países, o Padre Bernard Ardura reconhece que, do ponto de vista numérico, a população mundial cresce, em média, mais que o número de batizados no catolicismo. Entretanto, ele observa que essa questão não é o ponto relevante, pois a essência dessa Igreja está em sua missão: despertar a humanidade para a solidariedade cristã. De acordo com Ardura, essa orientação jamais poderá ser alterada para atender a outros princípios, como, por exemplo, o mercado capitalista e consumista que caracteriza este princípio de século.

O Secretário observa que a sociedade tem experimentado progressos nos campos científico e tecnológico, mas passa por um momento crítico no qual os seres humanos estão vivendo cada vez mais de forma isolada e não compartilham mutuamente as conquistas alcançadas, o que gera uma crise existencial. Para o teórico cultural Stuart Hall, a crise de identidade é um traço marcante da sociedade atual, denominada por ele de pós-moderna. “A assim chamada ‘crise de identidade’ é vista como parte de um processo mais amplo de



FOTOS: DIVULGAÇÃO

“A religiosidade pacífica estabelece normas e cria condições para o rompimento com a indiferença gerada pelo individualismo, e a consequência de tudo isso é a solidariedade”

FRANCO GIOVANELLI, ORGANIZADOR DO MOVIMENTO
TESTEMUNHOS DA RESSURREIÇÃO PARA O 2º MILÊNIO

mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (Stuart Hall, 2006, p.7).

O Padre Ardura entende que a Igreja, ao apresentar uma alternativa a essa sociedade relativizada e sem referências sólidas, propõe uma orientação para um ser humano “desnorteador”. De acordo com sua visão, as posições da Igreja Católica buscam humanizar as relações sociais, por isso, milênios depois de sua criação, suas determinações ainda têm servido de modelo para a sociedade. “Hoje, mais do que nunca, a Igreja é chamada para se pronunciar sobre os grandes temas que afligem a humanidade. E ela não se furta a esse papel”.

O sociólogo inglês Anthony Giddens sugere que nenhum grupo ou pessoa no mundo atual está no controle das ações e das consequências. Assim, as situações vivenciadas pelos seres humanos estão fora do alcance de qualquer entidade ou instituição, individual ou coletiva. Segundo ele, “tão pouco surpreende que entre os que mantêm crenças religiosas, haja uma ten-

dência a ver o potencial de desastre global como uma expressão da ira de Deus. Pois os riscos globais de grandes consequências que todos nós corremos atualmente são elementos básicos do caráter do descontrole da modernidade, e nenhum indivíduo ou grupo específico é responsável por eles ou chamado a pôr as coisas em ordem” (Giddens, 1991, p. 133).

O sociólogo italiano Enzo Pace (2007) acrescenta que a religião, como fonte distribuidora de referências no mundo, está em crise. Ele avalia que as instituições religiosas não são mais fontes propagadoras de sentido e imagens estáveis, cujas autoridades tinham o poder de provocar um sentimento de estabilidade diante das incertezas. Atualmente, de acordo com o sociológico, as instituições religiosas perderam a capacidade de apresentar certezas. Essa constatação poderia ser compreendida como falência dos mecanismos de reprodução simbólica e, por consequência, como o anúncio do fim da religião. A antropóloga e pesquisadora do Instituto de Estudos da Religião – Iser, Regina Novaes, aponta para uma constatação diferente da apresentada por Pace. Ela observa que “na realidade as pesquisas acadêmicas e a mi-

dia de forma geral apontam que a religião está muito presente tanto na esfera pública quanto na biografia concreta de milhões de pessoas que buscam um sentido religioso fora, à margem ou dentro de sua religião de origem” (Novaes, 2006, p.136).

A RESPONSABILIDADE DA IGREJA

Sobre a presença e responsabilidade da Igreja no mundo atual, Ardura considera que ela tem o papel de apontar novas vias e alternativas que visam melhorar a qualidade de vida da população e não apenas dos fiéis católicos. Na avaliação do secretário, “a Igreja funda sua doutrina e orientação na ética e na moral, por isso jamais deixará de ser uma referência importante na sociedade. Quanto mais a humanidade se afasta dos valores considerados nobres, mais necessária se torna a presença da Igreja no mundo”. Em relação à fé, Ardura avalia que ela tem um poder transformador, porque se enraíza na generosidade e na capacidade de amar, sentimento enfraquecido no ser humano.

Integrante e organizador do movimento Testemunhos da Ressurreição para o 2º Milênio, ligado à Congregação dos Salesianos, com sede em Roma, Franco Giovanelli afirma que a religiosidade e a fé, neste início de milênio, são ainda mais importantes do que em outros tempos. De acordo com ele, é notável a desagregação da família, instituição necessária para a estabilidade social, e dos valores éticos e morais, necessários para a manutenção da ordem. Giovanelli pontua que a falta de referências pode fazer com que os seres humanos retornem ao estado de natureza no qual, segundo a concepção hobbesiana do século XVII, os indivíduos viviam isolados e em luta permanente, vigorando a guerra de todos contra todos. Daí a expressão “o homem lobo do homem”. No entendimento do salesiano, “a religiosidade pacífica estabelece normas e cria condições para o rompimento com a indiferença gerada pelo individualismo, e a consequência de tudo isso é a solidariedade”. O professor de Sociologia da Religião da Pontifícia Universi-

dade Salesiana de Roma, Jozse Bajzek, cita que “na era pós-industrial a racionalização econômica se tornou o valor supremo dos seres humanos, a ideia de desenvolvimento ficou restrita à esfera econômica, e a riqueza passou a ser definida unicamente como acumulação de capital, desta forma a vida é observada em uma única dimensão” (Bajzek, 2006, p.173). Giovanelli considera que compreender os humanos analisando prioritariamente o ponto de vista econômico é destituí-lo de significado mais abrangente e reduzir sua dimensão.

O sacerdote americano Timothy Joseph Ring, integrante da Associação Internacional de Direito Pontifício Arautos do Evangelho, em Roma, diz que a religiosidade cria nas pessoas um sentimento de esperança, mesmo que elas habitem em uma sociedade marcada pelo crime, violência e decepções, pois, para os que têm fé, as ações pessoais são orientadas para o serviço, despojamento e solidariedade fraterna. De acordo com o sacerdote, “aquele que acredita e pratica sua espiritualidade cristã se eleva acima das trivialidades cotidianas, criando uma nova dimensão para sua vida, além dos valores materialistas e extremamente racionais que marcam o mundo atual”. Giovanelli ainda considera que a racionalização e o materialismo da sociedade moderna podem corroer sentimentos como a esperança e a crença em uma sociedade solidária, provocando a morte de utopias. Para o doutor em teologia, João Batista Libanio, “é verdade que se anuncia por todos os lados a morte da utopia. Já de longa data. Mas utopistas teimam em reafirmá-la. Discute-se se a utopia é uma dimensão fundamental do ser humano e, portanto, nunca deletável. Hiberna algum tempo, mas sempre eclode. Ou esconde-se num campo e desponta noutra” (Libanio, 2002, p.226).

Na avaliação do reitor do Collegio San Norberto, de Roma, Padre Stephen Boyle, a Igreja, mesmo estando em constante choque com alguns valores modernos e co-existindo com a ditadura do relativismo, representa destacado significado no mundo secularizado. De acordo com



“O cristianismo, historicamente, foi fundamental para nossa orientação ética e moral. Ele provocou um pensamento humanista que foi vital para a constituição de nossa sociedade”

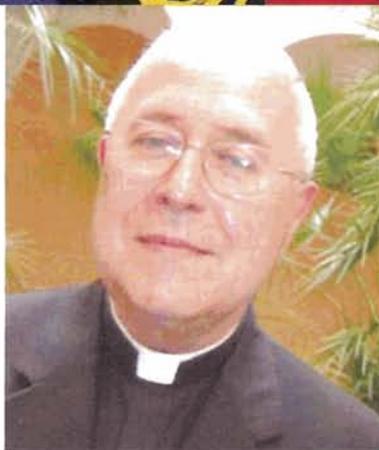
IDA PROSÉRPIO TOSSI, ESTUDIOSA DAS QUESTÕES DO CATOLICISMO E CONSULTORA DE PROFESSORES DA UNIVERSIDADE SALESIANA DE ROMA

o reitor, o cristão deve buscar uma coerência máxima entre a fé professada e a vida cotidiana, por isso deve sair do isolamento e buscar uma existência orientada pela compaixão. Boyle avalia que “a solidariedade é o cerne da mensagem de Cristo. Temos consciência da nossa fragilidade como seres humanos, mas ao mesmo tempo possuímos a compreensão de nossa força quando estamos unidos pela compaixão, esta deve ser a mensagem principal da Igreja para a humanidade”.

A Doutrina Social da Igreja, um conjunto de ensinamentos reunidos para a orientação dos fiéis, cita que a instituição religiosa católica deve ser sempre um instrumento de ajuda aos povos. Nessa doutrina é observado que “a Igreja caminha com toda a humanidade ao longo da história, ela vive no mundo e, mesmo sem ser do mundo, é chamada a servi-lo seguindo a própria vocação íntima. Apoia-se na profunda convicção de que é importante para o mundo reconhecer a Igreja como realidade e fermento da história, assim como para a Igreja não ignorar quanto tem recebido da história e do progresso do gênero humano” (Compêndio da Doutrina Social da Igreja, 2006, p. 24).

CONTRA O INDIVIDUALISMO

“A Igreja Católica ainda levanta sua voz em um mundo secularizado, marcado pelo individualismo, egoísmo, consumismo e busca excessiva pelo prazer”. Esta é a análise de Ida Prosérpio Tossi, uma italiana que há vinte e oito anos vive em Roma. Estudiosa das questões do catolicismo, ela diz que a fé é um símbolo de esperança para os povos. “A mensagem do cristianismo nos leva a acreditar no futuro, mas a partir do momento em que as pessoas deixam de colocar Cristo e sua mensagem como ponto de referência, há uma perda religiosa, ética e moral”. Tossi afirma que a religião cristã é um dos alicerces da cultura ocidental. “O cristianismo, historicamente, foi fundamental para nossa orientação ética e moral. Ele provocou um pensamento huma-



“Hoje, mais do que nunca, a Igreja é chamada para se pronunciar sobre os grandes temas que afligem a humanidade. E ela não se furta a esse papel”

PADRE BERNARDO ARDURA,
PRESIDENTE DO PONTIFÍCIO COMITÊ DE
CIÊNCIAS HISTÓRICAS DO VATICANO

nista que foi vital para a constituição de nossa sociedade”.

A italiana também considera que a falta de solidariedade, o isolamento e o individualismo são características marcantes da sociedade denominada por alguns filósofos e sociólogos de pós-moderna. “Neste tempo em que estamos vivendo, é possível detectar que o tecido social está se rasgando e as pessoas estão se apartando uma das outras. E para enfrentarmos os milhares de desafios que nos são colocados precisaríamos de união fraterna, como cita o Papa atual”.

Tossi aponta a encíclica social do Papa Bento XVI, “Caritas in Veritate”, como uma referência, pois ela trata da solidariedade em vários campos da vida humana. “Não se constitui uma sociedade com indivíduos vivendo separadamente. A sociedade é um conjunto de pessoas vivendo em constante e consistente ajuda mútua”. Tossi avalia que a Igreja, tanto na Europa quanto em outros continentes, tem um importante papel social a cumprir. Mas a estudiosa entende que atualmente o poder de influência da Igreja tem se reduzido. “Muitas vezes a Igreja fala e orienta, mas não é escutada, principalmente entre os jovens que se educam por meio de informações na internet e de outros meios de comunicação e, cada vez menos, dão importância às questões religiosas, ao sagrado. Para boa parte dos jovens europeus, tudo aquilo que não dá prazer imediato ou recompensa financeira não deve ser considerado. Já na América Latina, a participação dos jovens ainda anima os movimentos religiosos e dá

uma renovação à Igreja, pois o sentimento religioso dos latinos é bem mais forte do que o dos europeus”.

Na “Carta Encíclica Fides Et Ratio”, sobre as relações entre fé e razão, escrita sob o papado de João Paulo II, o sumo pontífice já apontava que a modernidade criava sensação de incertezas, sobretudo entre os jovens. A Encíclica cita que “não se pode negar que este período, de mudanças rápidas e complexas, deixa sobretudo os jovens, a quem pertence e de quem depende o futuro, na sensação de estarem privados de pontos de referência autênticos. A necessidade de um alicerce sobre o qual construir a existência pessoal e social faz-se sentir de maneira premente, principalmente quando se é obrigado a constatar o caráter fragmentário de propostas que elevam o efêmero ao nível de valor, iludindo assim a possibilidade de se alcançar o verdadeiro sentido da existência” (“Carta Encíclica Fides Et Ratio”). O Papa João Paulo II descreveu que sentiu a necessidade de intervir sobre o tema fé e razão para que, no terceiro milênio da era cristã, a humanidade tomasse consciência mais clara dos grandes recursos que lhe foram concedidos.

DESAFIO NO SÉCULO XXI

Franco Giovanelli aponta que o individualismo excessivo, traço marcante do ser humano da modernidade, é outra forte ameaça ao catolicismo. Para ele, enquanto o princípio que norteia o cristianismo é o da doação, a lógica individua-



“Temos consciência da nossa fragilidade como seres humanos, mas ao mesmo tempo possuímos a compreensão de nossa força quando estamos unidos pela compaixão, esta deve ser a mensagem principal da Igreja para a humanidade”

PADRE STEPHEN BOYLE, REITOR DO COLLEGIO SANT NORBERTO DE ROMA

O catolicismo pelo mundo

O Anuário Pontifício 2009, divulgado no primeiro semestre deste ano, aponta que há aumento no número absoluto de adeptos ao catolicismo no mundo, em particular na Oceania e África. No entanto, no continente americano se verifica uma redução no número de fiéis desta Igreja. Assim, o volume de católicos aumentou, alcançando a cifra total de 1 bilhão e 147 milhões, aproximadamente (em 2006 eram 1 bilhão e 131 milhões), acompanhando, substancialmente, o ritmo de crescimento demográfico (1,1%). Portanto, como foi divulgado pelo Vaticano, o número de fiéis no mundo permanece, percentualmente, estável - em torno de 17,3%.

Dados da Santa Sé apontam que é relevante o incremento de fiéis batizados na Oceania (4,7%) e na África (3%). Percentual menor, mas ainda positivo, é registrado na Ásia (1,7%) e na Europa (0,8%), enquanto apresenta uma pequena redução na América (-0,1%), que conta a metade dos católicos no mundo inteiro, boa parte deles no Brasil. O Anuário também informou que o número de bispos passou, de 2006 a 2007, de 4.898 para 4.946. Já a quantidade de sacerdotes mantém uma tendência de crescimento moderado, iniciado no ano 2000, após mais de vinte

anos de tendência negativa. De fato, os sacerdotes aumentaram ao longo dos últimos oito anos, passando de cerca de 405 mil, no ano 2000, para mais de 408 mil, no ano 2007.

Segundo divulgação do Vaticano, o número de sacerdotes aumentou, sobretudo, na África e Ásia no período 2000-2007, 27,6% e 21,2%, respectivamente. Nas Américas, permaneceu estável. Já na Europa e Oceania, registrou (no mesmo período) uma forte diminuição, -6,8% e -5,5%, respectivamente. A quantidade de diáconos permanentes continua mostrando crescimento. Aumentou, em 2007, mais de 4,1%, em relação a 2006, passando de 34.520 para 35.942. A consistência dos diáconos melhora em ritmos contínuos tanto na África, Ásia e Oceania, onde eles não chegam ainda a 2% do total.

Na América e na Europa, onde, segundo dados de 2007, encontram-se cerca de 98% do total de diáconos permanentes, eles aumentaram, de 2006 para 2007, cerca de 4%. Dados do Anuário Pontifício 2009 apontam que o número de candidatos ao sacerdócio aumentou 0,4%, alcançando a cifra de quase 116 mil. Também nesse caso, África e Ásia mostraram um sensível crescimento, enquanto a Europa e a América registraram uma diminuição, respectivamente, de 2,1% e de 1%.

lista busca maximizar os ganhos e reduzir as perdas provocando um egoísmo e uma forte tendência hedonista. Giovanelli diz que “o ser humano tem buscado ampliar seus ganhos individuais além de realizar uma constante busca pelo prazer pessoal a todo custo, o que suprime o sentimento religioso, esmagando a proposta cristã de doação ao próximo, caridade e abnegação. Toda essa conjuntura é um desafio à Igreja do século XXI”.

Dentre os desafios enfrentados pelo catolicismo neste século atual se destaca o crescimento vertiginoso das igrejas protestantes e outras denominações religiosas que, ano após ano, ganham adeptos que anteriormente eram católicos. Muitas igrejas abandonam o tradicionalismo e rompem com antigos preceitos religiosos para atrair seguidores no “mercado de féis”. A acelerada mudança comportamental observada desde a segunda metade do último século é outro ponto a que as autoridades eclesásticas católicas estão atentas. Muitas das alterações ocorridas no padrão de comportamento de homens e mulheres, iniciadas no século passado, são contrárias às normas e orientações da Igreja. Como exemplos pode-se citar a adoção de meios contraceptivos, a maior liberdade sexual e a aprovação da lei do divórcio. Mesmo em países cuja população, em sua maioria, é católica, como Espanha, Brasil e Itália, o catolicismo vem perdendo parte de sua capacidade de influenciar comportamentos.

Giddens questiona a capacidade das igrejas de manterem influência, riqueza e

prestígio. "Antigamente, as organizações religiosas podiam exercer uma influência considerável sobre os governos e as agências sociais e impunham um alto respeito da comunidade. Até que ponto essa situação ainda ocorre? A resposta para esta questão está clara. Mesmo que nos limitemos ao século XX, perceberemos que as organizações religiosas sofreram uma perda progressiva de grande parte da influência social e política que tinham anteriormente" (Giddens, 2005, p.438). O próprio Papa Bento XVI, em sua primeira encíclica denominada "Deus Caritas Est", reconhece que a Igreja Católica não mais exerce poder político na sociedade ou toma o lugar do Estado. Entretanto, o Papa considera a que instituição deve promover a justiça e lutar pelo bem comum. Bento XVI cita que "a Igreja não pode nem deve tomar nas suas próprias mãos a batalha política para realizar a sociedade mais justa possível. Não pode nem deve se colocar no lugar do Estado. Mas também não pode nem deve ficar à margem na luta pela justiça. Deve inserir-se nela pela via da argumentação racional e deve despertar as forças espirituais, sem as quais a justiça, que sempre requer renúncias também, não poderá afirmar-se nem prosperar" ("Encíclica Deus Caritas Est", 28a).

O CATOLICISMO SOBREVIVE

Santa e pecadora, a instituição mais antiga em atividade no planeta continua a exercer um importante papel no mundo atual, mesmo diante da redução de sua influência na sociedade. Multisseular, ela conserva sua imponência e majestade traduzidas nas suas suntuosas catedrais, abadias e outros templos espalhados pelo mundo, cuja beleza e simbologia atraem bilhões de pessoas das mais diversas origens. Há ainda uma enorme riqueza cultural sob o domínio do Vaticano, abrigada em igrejas e dioceses: são obras de artes como quadros, pinturas e textos antigos. O Papa, último monarca absoluto da Europa, é fonte de atração para milhões de turistas e peregrinos que, todos os anos,

"Aquele que acredita e pratica sua espiritualidade cristã se eleva acima das trivialidades cotidianas, criando uma nova dimensão para sua vida, além dos valores materialistas e extremamente racionais que marcam o mundo atual"

SACERDOTE TIMOTHY JOSEPH RING, SACERDOTE AMERICANO INTEGRANTE DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE DIREITO PONTIFÍCIO ARAUTOS DO EVANGELHO

vão à Roma ou aos locais onde ocorrem suas viagens apostólicas. A cada aparição do Sumo Pontífice em locais públicos, pessoas das mais variadas correntes religiosas se emocionam. Todos os dias, artigos, livros e textos são publicados em milhares de veículos de comunicação abordando assuntos relativos ao catolicismo.

A tradição diz que a Igreja teria sido fundada por Jesus Cristo ao dar a Pedro, seu apóstolo, as chaves para ligar e desligar, na terra e nos céus. Se isso é mesmo uma verdade, cabe a cada um decidir. Na era da secularidade, do relativismo, do individualismo e do consumismo, a palavra da Igreja ainda encontra refúgio. Por quanto tempo essa instituição permanecerá ativa talvez ninguém saiba precisar. Se é mesmo santa e pecadora, a resposta pode não parecer fácil, mas só o fato de existir há dois mil anos já pode ser prova de um milagre. ■

BIBLIOGRAFIA

- BAJZEK**, Jozef; **MILANESI**, Giancarlo. *Sociologia della Religione*. Torino: Elledici, 2006.
- BENTO XVI**. *Carta Encíclica Deus Caritas Est, sobre o Amor Cristão*. Brasília: Edições CNBB, 2007.
- Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. Tradução da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. São Paulo, Paulinas, 2005.
- GIDDENS**, Anthony. *As Consequências da Modernidade*. Tradução Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- _____. *Sociologia*. Tradução Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- HALL**, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- JOÃO PAULO II**. *Carta Encíclica Fides et Ratio, sobre as Relações entre Fé e Razão*. São Paulo: Edições Paulinas, 2005.
- LIBANIO**, João Batista. *A Religião no Início do Milênio*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- NOVAES**, Regina. *Os Jovens, as Ventos secularizantes e o Espírito do Tempo*. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. *As Religiões no Brasil: Continuidades e Rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- PACE**, Enzo. *Religião e Globalização*. In: Oro, A.P. & STEIL, C.A. (orgs.), *Religião e Globalização*. Petrópolis: Vozes, 2007.

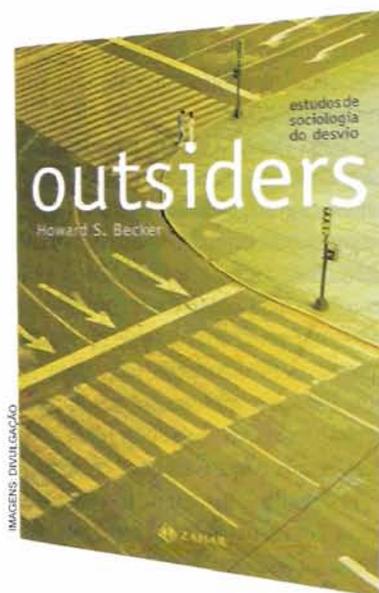
■ **Luiz Eduardo Souza Pinto** é bacharel em Administração e Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Montes Claros, pós-graduado em Pedagogia Empresarial e também em Sociologia e Política pela mesma universidade. E-mail: eduardosouzaite@yahoo.it

FILMES

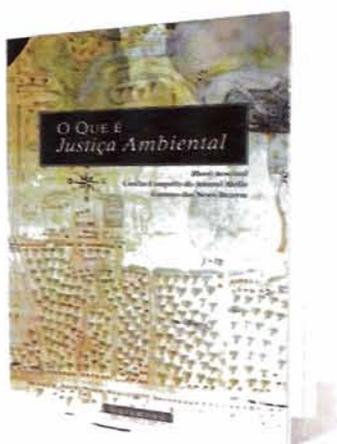
A sociologia do desvio de Howard Becker

O preconceito e a rotulação andam juntos. A sociologia e algumas outras disciplinas contribuem no sentido de revelar os mecanismos dos processos de rotulação e produção do preconceito, e esta é a grande contribuição da obra do sociólogo norte-americano, Howard Becker, "Outsiders". A ideia de que todos os grupos sociais produzem regras e buscam impô-las é o ponto de partida para definir o outsider ("marginal" ou "desviante"). Nessa breve observação, já temos alguns elementos que permitem compreender o "desvio" como fenômeno social, já que é o grupo que cria regras e as impõe, o que significa que sair delas é desvio. Estas regras podem assumir várias formas, tal como a lei e a moral. Aquele que desvia de tais regras tem outra percepção do fenômeno. A partir destas considerações iniciais, realizando uma discussão sobre as definições de desvio e analisando a reação dos outros, Becker passa a resgatar o ponto de vista daqueles que são considerados outsiders. Como exemplos, estuda o caso de usuários de maconha e músicos de jazz, para, na última parte da obra, retomar o problema

da produção e imposição das regras, encerrando com uma reconsideração da "teoria da rotulação", que é outra análise interessante dos processos sociais e efeitos da linguagem sobre a realidade social. Trata-se de uma obra extremamente interessante e importante para o estudo do "desvio". Obviamente que a obra padece de problemas não resolvidos, teses criticáveis, limites analíticos, como quase todas as obras. Porém, possui o mérito de apresentar uma temática socialmente relevante e dar uma abordagem que serve de ponto de partida para outros voos mais ambiciosos. Um maior entrelaçamento teórico com a psicanálise e a psicologia seriam úteis para uma análise mais profunda, bem como uma maior atenção ao problema metodológico da totalidade e do desenvolvimento histórico. Apesar disso, a obra de Becker é uma referência aos estudos sobre os "desviantes", e os seus limites não comprometem a importância da obra e a necessidade de sua leitura.



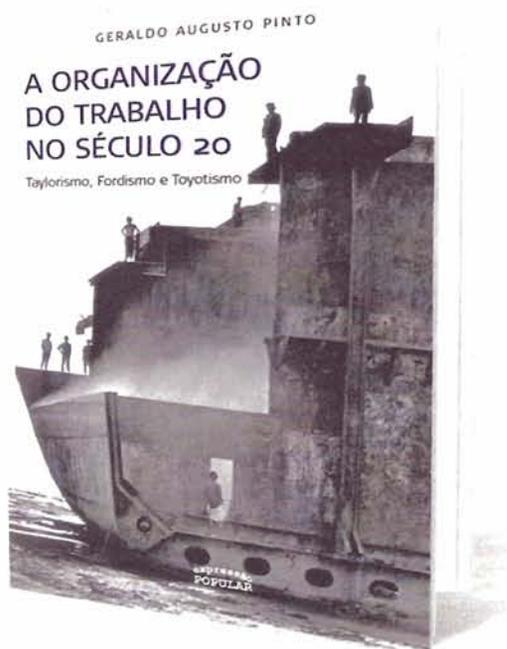
- **Título:** Outsiders - Estudos de Sociologia do desvio
- **Autor:** Howard Becker
- **Cidade:** Rio de Janeiro
- **Editora:** Jorge Zahar
- **Ano:** 2008



- **Título:** O que é Justiça Ambiental
- **Autores:** Henri Acselard, Cecilia Mello e Gustavo Bezerra
- **Cidade:** Rio de Janeiro
- **Editora:** Garamond
- **Ano:** 2009

Justiça e Desigualdade Ambiental

A questão da justiça ambiental mantém relações indissolúveis com as relações sociais e saúde coletiva. A obra "O Que é Justiça Ambiental" aborda esta questão pelo prisma da relação entre justiça ambiental e desigualdade social. É uma obra importante para as sociologias ambiental e do direito.



A Organização do Trabalho no Século 20

Um livro introdutório e útil sobre o desenvolvimento da organização do trabalho, abordando o taylorismo, fordismo e toyotismo, focalizando o último devido a sua contemporaneidade. Apesar de ter alguns limites, é uma boa contribuição principalmente para os iniciantes no estudo de sociologia do trabalho.

■ **Título:** A Organização do Trabalho no Século 20
Autor: Geraldo Augusto Pinto
Cidade: São Paulo
Editora: Expressão Popular
Ano: 2007

FILMES



Troca e Coisificação

O Diabo sob a forma de Leland Gaunt chega em uma pequena cidade e abre uma loja que vende mercadorias, "coisas úteis". Para possuir as mercadorias, os indivíduos se destroem mutuamente. Uma metáfora das relações sociais mercantis e a coisificação na sociedade moderna.

■ **Título:** Trocas Macabras
Diretor: Fraser C. Heston
País: EUA
Ano: 1993
Distribuidora: Columbia Pictures



Vaidade e Competição

Becky Sharp é uma garota de origem humilde que busca, por todos os meios, a ascensão social e participa intensamente da competição das classes privilegiadas, que permanecem imperturbáveis, apesar da guerra e suas vítimas. Uma reprodução fílmica dos valores dominantes e sociabilidade moderna.

■ **Título:** Feira das Vaidades
Diretor: Mira Nair
País: EUA
Ano: 2004
Distribuidora: Focus Features/UIP

* Nildo Viana é professor da UFG - Universidade Federal de Goiás, doutor em Sociologia/UFB, autor dos livros "O Capitalismo na Era da Acumulação Integral" (São Paulo, Ideias e Letras, 2009); "A Concepção Materialista da História do Cinema" (Porto Alegre, Asterisco, 2009); "Os Valores na Sociedade Moderna" (Brasília, Thesaurus, 2007), entre outros.

Sedução Sociológica

Sou doutorando em Sociologia e leciono no Instituto Social da Bahia - ISBA, no Candido Portinari e na Rede Salesiano. Estas instituições há algum tempo já possuem a Sociologia no ensino médio, e de forma gradativa adotamos a **Revista Sociologia Ciência & Vida** como material didático complementar em todas as séries, tanto pelo ineditismo das matérias como pela coerência e pertinência que seus editores dialogam com a sociologia e com as questões sociais. Além, claro, das sugestões que são oferecidas aos leitores, a exemplo da matéria da última edição "Novas mídias, projetos educacionais e a utilização da tecnologia em salas de aula", que ajudou muito a consolidação do meu Plano de Ensino de Sociologia para 2010. Na oportunidade, agradeço ao conselho editorial da revista pela forma séria e sedutora que socializam o conhecimento sociológico. Que continuem a oferecer ao seu leitor tão importante contribuição.

Antonio Mateus de Carvalho Soares, por e-mail

Além da Academia

Escrevo-lhes para, primeiramente, parabenizar pela concepção da **Revista Sociologia Ciência & Vida**. Sou cientista social pela UNESP/Araraquara, atuando na área e no âmbito da educação (níveis médio e superior). Sou assinante da revista há mais de um ano e a utilizo bastante em debates com amigos, colegas, alunos, etc. Indubitavelmente, sua publicação e oferta ao público em geral são um divisor de águas no mercado editorial e educacional, uma vez que as lacunas acerca de temáticas como as de nossa área ainda são sentidas. Com a **Revista Sociologia Ciência & Vida** podemos atenuar parte desse vazio. Assim, agradeço a oferta do debate possível com as matérias oferecidas pela revista.

Com os melhores cumprimentos,

Rogério Lins, por e-mail

Caderno de exercícios

Caros amigos da **Revista Sociologia Ciência & Vida**, gostaria de dizer que o caderno de exercícios das páginas centrais tem me ajudado muito em minhas aulas com a turma que conduzo no segundo ano do ensino médio. Gostaria de sugerir um caderno inteiro sobre juventude brasileira, abordando a questão de nossa etnicidade e realidade socioeconômica. Os jovens gostam de enxergar-se no contexto de suas aulas.

Jair Tucci D'ália (MG), por e-mail

Desenvolvimento brasileiro

Mesmo com diversas vitórias, é triste ver que questões básicas para o crescimento de nosso IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) têm sido tratadas com tão pouco caso, mesmo pela população. Embora a necessidade de mudança apontada para a educação na edição 26 seja prioridade para os cidadãos brasileiros, eles são apenas 21% dos brasileiros que se pulverizam entre outros pontos de vista. Lamentável!

Juliana Amaral, por e-mail



Atendimento ao leitor

Para informações, sugestões, elogios ou reclamações, o atendimento ao leitor esta disponível de segunda a sexta-feira, das 8h às 19h.

Telefone: (11) 3855-1000

E-mail: atendimento@escala.com.br

Edições Anteriores

Adquira as edições anteriores de qualquer revista ou publicação da Escala (sujeito à disponibilidade de estoque).

Telefone: (11) 3855-1000

Site: www.escala.com.br

Assinaturas

Assine as revistas da Editora Escala e receba os exemplares com toda comodidade, em seu endereço.

Telefone: (11) 3855-1000

E-mail: assinatura@escala.com.br

Site: www.assineescala.com.br

(consulte os títulos disponíveis)

Trabalhe na Escala

Preencha o formulário no site: www.escala.com.br/cv.asp



Presente em sua vida

SOCIOLOGIA em sala de aula

Fale com a redação

Contato direto com a redação da revista para que você nos envie sugestões e comentários.

Telefone: (11) 3855-1955

Endereço: Avenida Profª Ida

Kolb, 551

Casa Verde

CEP 02518-000

São Paulo - SP

E-mail:

sociologia@escala.com.br

Para anunciar

Telefone: (11) 3855-2179

CADERNO DE EXERCÍCIOS 20

SOCIOLOGIA EM SALA DE AULA

A fascinante viagem científica de Carl Sagan

Como este cientista influenciou a humanidade a repensar os rumos da investigação espacial e da própria existência

Uma interpretação sociológica para a atualidade

De que maneira a união entre ficção, ecologia e política pode ampliar a percepção das complexas interações sociais

POR
CARLOS ALBERTO LOIOLA DE SOUZA

A fascinante viagem científica de Carl Sagan

por Carlos Alberto Loiola de Souza*

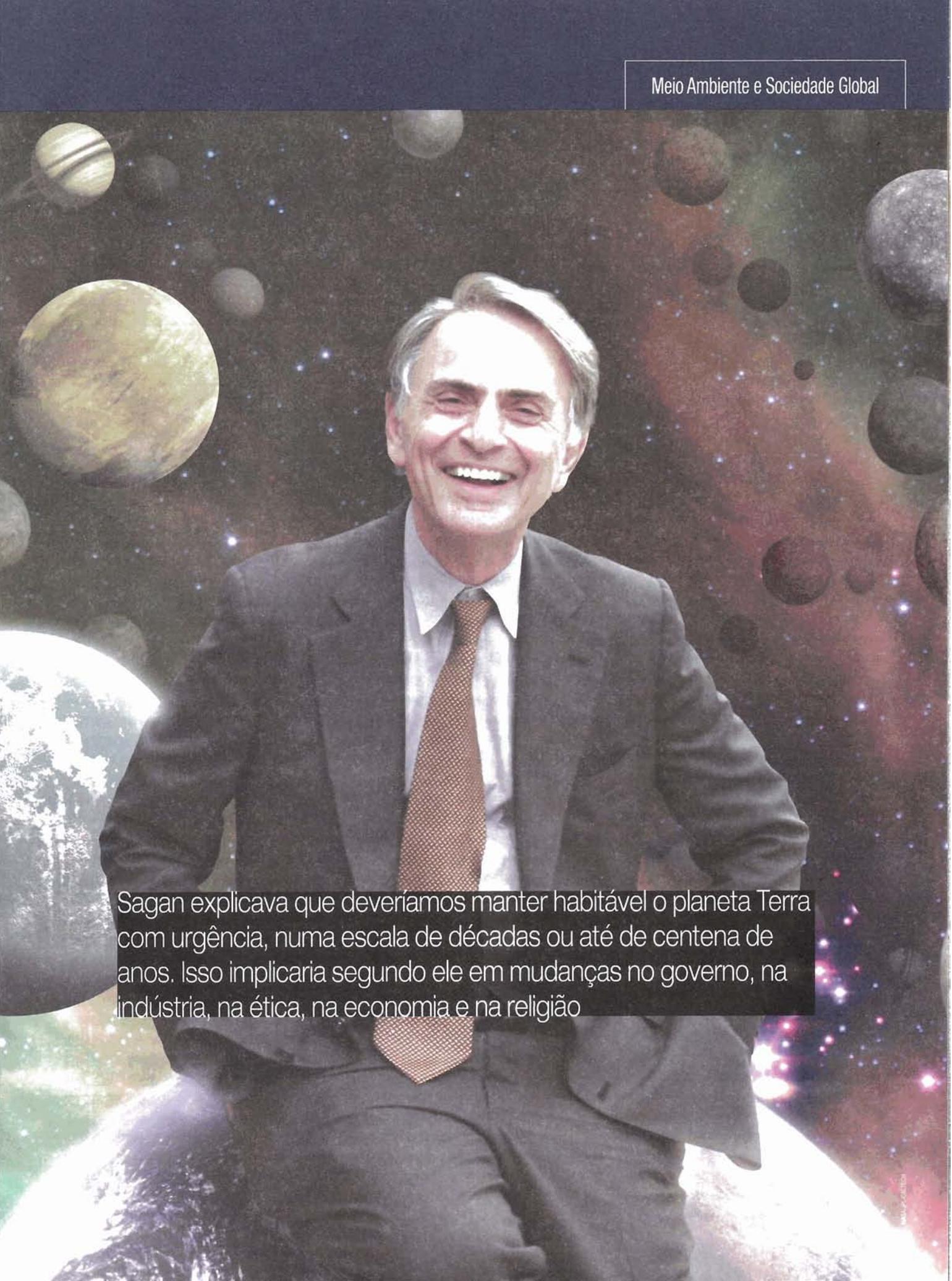
Ousado e inspirador, o pensamento de Carl Sagan nos convida a refletir sobre as questões da exploração espacial, do meio ambiente e da sociedade global

Há muitas gerações, cientistas vêm se empolgando diante da possibilidade de um dia desvendarmos os mistérios que cercam os planetas mais próximos do nosso sistema solar e, futuramente, os sistemas solares mais próximos por meio da exploração humana do espaço. Parte desses mistérios foi desvendada e outros foram reformulados, pois em “A estrutura das revoluções científicas”, Thomas Khun, sugeriu que a ciência se desenvolve por meio de mudanças em seus paradigmas. Uma vez aceitos, os paradigmas enquadram todas as questões e direcionam todas as pesquisas, até que o próximo paradigma apareça e derrube as premissas existentes.

Charles Darwin estabeleceu um paradigma duradouro, tal como Albert Einstein, mas paradigmas conhecidos surgem no campo da ciência o tempo todo. A mudança não é necessariamente ordeira ou agradável; frequentemente há grandes discussões, à medida que os cientistas lutam para proteger ou firmar suas reputações. Pois até os cientistas podem resistir às implicações de dados novos ou desordenados; os velhos paradigmas custam a morrer. Dentre os paradigmas reformulados, está a questão da exploração espacial por meio de viagens interplanetárias, tendo como seu maior defensor o cientista Carl Sagan.

O sucesso de Sagan na popularização do cosmo deixou em segundo plano suas verda-

* Carlos Alberto Loiola de Souza é sociólogo, historiador da Ciência, diretor financeiro do Sindicato dos Sociólogos do Estado de São Paulo (Sinseso), professor de Economia da Fatec Zona Sul e de Geografia na Etec Zona Sul, membro da Sociedade Antroposófica no Brasil (carlosloiola7@hotmail.com)

A composite image featuring Carl Sagan, an elderly man with grey hair, smiling broadly. He is wearing a dark suit jacket, a light-colored shirt, and a patterned tie. The background is a vibrant, colorful space scene with various planets, moons, and stars. A large, bright planet is visible on the left, and a smaller one is on the right. The overall tone is optimistic and hopeful.

Sagan explicava que deveríamos manter habitável o planeta Terra com urgência, numa escala de décadas ou até de centena de anos. Isso implicaria segundo ele em mudanças no governo, na indústria, na ética, na economia e na religião

deiras conquistas como cientista, pensador e escritor. Cientista produtivo, carismático, ganhador do Prêmio Pulitzer e astrônomo por formação, dava a impressão de sentir-se à vontade com disciplinas que iam da Matemática à História. Seu fascínio pelo espaço oferecia segurança, mas também uma sensação de assombro do desconhecido. Ele desenvolveu uma visão benigna do universo como sendo a última fronteira, um horizonte infinito, onde a humanidade poderia refugiar-se após arruinar este planeta e/ou possivelmente destruir-se durante este processo.

O espaço sideral de Sagan oferecia campo suficiente para aliviar os males humanos. Ele via com pessimismo o futuro da humanidade, caso nos confinássemos na Terra por muito tempo. Tinha quase certeza de que, cedo ou tarde, iríamos nos destruir. A única fuga possível desse sentimento de desesperança era a vastidão do espaço e a promessa de planetas distantes, onde a humanidade poderia recomeçar do zero. Essa visão de espaço como uma nova fronteira influenciou a NASA desde os seus primórdios, ao fornecer-lhe um rumo; além disso, inspirou os cientistas mais jovens, ao ampliar o contexto de suas pesquisas. Em meio a todos os atrasos burocráticos e batalhas orçamentárias, Sagan sempre soube o que estava em jogo na exploração espacial: em curto prazo, informação, e, longo prazo, a sobrevivência da humanidade. Ao longo de sua carreira, Sagan cultivou um fascínio especial por Marte. Instigou a NASA a explorar o planeta. E tinha fortes esperanças de que houvesse vida em Marte.

Em 1966, desanimada diante das áridas fotografias enviadas pelas naves *Mariner*, a comunidade científica concluiu que a chance de existir vida em Marte era nula, mas Sagan, quase sozinho entre os cientistas mais importantes, já especulava que tal fenômeno talvez ainda fosse possível. Apesar dessa crença na possibilidade de vida extraterrestre, cientificamente ele sempre manteve um dos pés plantados em terra firme. Insistia que conclusões extraordinárias, tais como a existência de vida em Marte, exigem provas extraordinárias e, na sua opinião, os tentadores indícios de que a vida poderia existir em Marte não preenchiam esses critérios. Ele escreveu sobre Marte para os cientistas e os leitores em geral, misturando engenhosamente especulações e fatos científicos.

Da mesma maneira como fazem os bons escritores de ficção científica, Sagan influenciou toda uma geração de jovens cientistas, os quais têm em suas mãos as alavancas do futuro e acreditam fervorosamente que chegou a hora de mudar o pensamento científico acerca da natureza do universo e de nosso papel dentro dele. Esses mesmos cientistas de hoje continuam seus trabalhos por muitas razões: porque simplesmente não podem viver sem ele; porque a NASA lhes dá os meios de fazer aquilo que desejam desde quando eram crianças e acompanhavam as notícias da corrida espacial, vendo John Glenn entrar em órbita; porque só a NASA tem bons foguetes, as bases de lançamento e a infraestrutura para enviar sondas e homens ao espaço interplanetário; porque um dia a NASA lhes permitirá enviar algo projetado por eles ao espaço; porque são entusiastas da exploração, colonização e das viagens interplanetárias. Porque, em termos de exploração planetária, Sagan teve seu trabalho validado pela NASA aos olhos da comunidade científica do mundo.

Qual a importância da exploração planetária para a História da Ciência e para a humanidade em geral, quando estudamos os artigos e livros de Carl Sagan, nos quais ele manifesta suas opiniões sobre essas explorações por meio de voos interestelares inspirados e divulgados na ficção científica?

Para nós, é importante saber que as influências que Carl Sagan recebeu ao longo de sua vida orientaram, e a outros também, no desenvolvimento de propostas que tinham como objetivo a exploração através das viagens espaciais ou interplanetárias, mas sem fazer uso de um discurso que inaugurou as grandes navegações dos séculos XV e XVI. Estes projetos e estes pesquisadores viveram num contexto histórico distinto da humanidade. A chamada era espacial, assim como a era atômica, são dois fatos que ocorreram no século XX e produtos da Segunda Guerra e da Guerra Fria e suas implicações para a Ciência e seus desdobramentos, já estavam popularizados pela chamada (nos anos 1930) ficção científica. Os pesquisadores e suas pesquisas científicas a respeito deste progresso também inspiraram uma nova geração de escritores e cientistas, como é o caso em questão de Carl Sagan. Ele é importante neste aspecto porque reúne alguns atributos especiais. Primeiro,

foi um leitor de ficção científica, e mais tarde um cientista com ideias arrojadas. Segundo, trabalhou como um dos pioneiros da chamada era espacial, fazendo parte de uma corporação ligada à indústria bélica americana, com propostas como a possibilidade de vida em outros planetas e a pesquisa em inteligência extraterrestre. Por fim, divulgou, numa linguagem bem próxima à da ficção científica, suas descobertas sobre a importância da pesquisa espacial e as preocupações acerca do mundo em que vivemos, num livro e programa de TV mundialmente conhecido no início dos anos 1980 como COSMOS, para poder justificar nestes termos a importância da viagem espacial e o estabelecimento de colônias em outros corpos celestes.

LITERATURA E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Vimos anteriormente que Carl Sagan julgava importante a oportunidade de divulgar ciência através da ficção e que isso era necessário em nossa sociedade. Percebendo quase que ao mesmo tempo a importância da divulgação científica, vários autores propuseram, mas não de comum acordo e sim cada um a seu tempo, a fazê-la da melhor maneira possível. Assim quando Isaac Asimov se tornou professor da Universidade de Boston, em 1952, escreveu um pequeno livro de bioquímica (ele já era escritor consagrado) para adolescentes, descobrindo que era mais fácil, para ele, escrever sobre ciência do que sobre ficção, resolvendo, dessa maneira, ensinar Ciência. Ele notou que as pessoas tinham uma atitude paradoxal com relação às ciências, uma reverência irracional acompanhada de um medo igualmente irracional. E ele sabia o porquê. Em lugar de ser vista como um conjunto de atividades que leva às hipóteses e as refina, as ciências são consideradas provedoras de verdades. Daí a atitude equivocada: acredita-se demais e, quando não funciona, perde-se a crença e nada fica em seu lugar. Asimov tomou para si a tarefa de mostrar que as ciências são acessíveis, belas e humanas. Desde que se evite qualquer absolutismo, tudo estará bem, o escritor acreditava na Ciência sendo colocada em benefício do seu povo.

A partir de 1958, Asimov decidiu contribuir para a popularização da ciência. Em um de seus livros de divulgação, "Civilizações ex-



IMAGEM: SHUTTERSTOCK

traterrenas”, Asimov faz uma declaração simples e objetiva sobre a exploração espacial: “Se a chave do paradoxo da existência de muitas civilizações, num Universo em que, para todos os efeitos, estamos sozinhos, reside na provável dificuldade da exploração espacial; vamos examinar mais detidamente o problema. Afinal, os seres humanos conseguirão colocar a primeira cápsula em órbita, iniciando assim a era espacial, somente em 4 de outubro de 1957. Antes que a era espacial completasse uma dúzia de anos, os homens pisaram na Lua. É um começo bastante promissor. Certamente, agora podemos ir mais longe... Enquanto escrevo, há sondas a caminho de Saturno, e para mais além. Essa distante penetração de instrumentos humanos sem o envolvimento do homem não reúne, porém, a gloriosa auréola de façanhas que associamos com a mística da exploração”. Para Carl Sagan, Asimov era um dos grandes mestres de sua era justamente porque, segundo ele, conseguiu levar para milhões de pessoas a importância da ciência de forma simples e objetiva, influenciando positivamente a vida delas. Por sua vez, Sagan recebeu de Asimov uma dedicatória, publicada em um de seus livros sobre astronomia e cosmologia.

Arthur Charles Clarke, cidadão emérito do Sri Lanka e mais conhecido pelo seu livro que deu origem ao antológico filme “2001: uma odisséia no espaço”, já estava envolvido com a questão das viagens espaciais antes de Asimov e bem antes de Sagan, e, aventurou-se na divul-

gação científica, primeiro como autor e, depois, como palestrante. Em maio de 1951, Clarke escreveu “A exploração do espaço”, um livro que sob muitos aspectos pode ser considerado precursor, porque as ideias nele contidas eram possíveis de realização e, em alguns casos, realmente foram realizadas, exatamente no momento em que Sagan começava a trabalhar com a indústria militar aeroespacial. O futuro mostraria que Clarke não estava errado, mesmo em termos políticos.

Uma vez que os futuros engenheiros e físicos são atraídos para essas carreiras, em parte por serem entusiastas da ficção científica, é natural que o nome Clarke circule amplamente nos meios acadêmicos, mesmo não sendo ele um pesquisador de carreira. E é neste momento que Carl Sagan, a convite de Clarke, vai a um jantar na casa de Stanley Kubrick para resolver um problema, o de como mostrar os alienígenas no filme que se chamaria “2001: uma odisséia no espaço”. Sagan, muito educadamente, argumentou que o número de acontecimentos individualmente improváveis da história evolucionária do homem era tão grande que não era possível que, em algum lugar do universo, alguém semelhante a nós pudesse alguma vez ter evoluído de novo. E que qualquer representação explícita de um ser extraterrestre avançado teria necessariamente de ter pelo menos um elemento de falsidade, e, que a melhor solução seria sugerir e não mostrar explicitamente os extraterrestres.

Da mesma maneira como fazem os bons escritores de ficção científica, Sagan influenciou toda uma geração de jovens cientistas, os quais têm em suas mãos as alavancas do futuro e acreditam fervorosamente que chegou a hora de mudar o pensamento científico acerca da natureza do universo e de nosso papel dentro dele

Desde os anos 1950 e 1960, Carl Sagan sempre foi levando e atualizando suas ideias acerca de UFOS, viagens espaciais, vida extraterrena, biologia planetária. Sua participação em corporações e laboratórios militares e civis possibilitou especular enormemente acerca destes assuntos. Ele pode ser considerado um dos responsáveis pela criação da exobiologia e da planetologia, ou seja, o estudo sobre a vida em outros planetas, e sobre os planetas. Também ajudou em programas de radioastronomia para detectar a existência de sinais extraterrestres, procurando satisfazer seu interesse em procurar a existência de outros seres inteligentes no universo. Em 1973, Sagan começa a escrever uma série de livros que reúnem alguns de seus artigos, entrevistas e ideias acerca do universo e do mundo. Cada um deles é quase como um manual inspirador para futuros escritores de ficção científica. Seu primeiro livro, "Conexões cósmicas" que era, para a época, um livro de divulgação bastante ousado, tornar-se-ia um livro clássico e inspiraria a nova geração de cientistas e entusiastas dos anos 1980.

Neste livro, Sagan comenta sobre muitos tópicos da astrofísica da ciência do sistema solar até a colonização de outros mundos, formação do solo e procura por extraterrestres. Por exemplo, no terceiro capítulo ele diz que a primeira tentativa séria de comunicação com civilizações extraterrestres começou em 3 de março de 1972, com o lançamento da *Pioneer 10*, mas meses antes do lançamento chamaram-lhe a atenção sobre a possibilidade de se enviar algum tipo de mensagem; então, prontamente Sagan entrou em contato com o responsável chefe da missão, que aceitou seu pedido. A ideia consistia em basicamente colocar do lado de fora da nave uma placa de ouro de 15 x 23 centímetros contendo informações sobre ciência, além de comunicar o local, a época e qualquer coisa sobre a natureza dos construtores da nave espacial.

As maiores críticas que recebeu não foram em relação a algum dado científico, embora houvesse céticos a respeito dessa mensagem ser encontrada casualmente no espaço, mas Sagan teve que se defrontar com a reclamação do público em jornais conservadores sobre a representação da mulher e do homem na placa das *Pioneer 10 e 11*. Em outro capítulo, Sagan ava-

lia a possibilidade de existirem civilizações tecnicamente avançadas em algum lugar da galáxia, considerando como um dado mais importante, e sobre o qual pouco se sabe, o tempo de vida de uma tal civilização. Se as civilizações destroem rapidamente a si mesmas após atingirem a fase tecnológica, num dado momento (muito parecido com o da Guerra Fria), poderia haver poucas civilizações para se ter um contato. Por outro lado, se uma pequena fração das civilizações aprender a viver com armas de destruição coletiva e evitar catástrofes, quer naturais ou espontâneas, esse número de civilizações pode ser muito grande.

Isto de certa forma não deixa de ser uma espécie de interpretação sociológica a respeito da nossa própria civilização em relação a possíveis outras comunidades galácticas. Esta ideia das civilizações foi estipulada por Freeman Dyson em 1960. Dyson supõe a existência de ETs em estágios de desenvolvimento tecnológico situados milhões de anos à nossa frente. Os limites de expansão e controle do meio dessas superinteligências derivariam apenas da disponibilidade local de matéria e energia. Para tais civilizações, seria possível, num prazo curto, o controle e utilização de uma massa da magnitude de Júpiter. Essa atividade em larga escala, motivada pelo crescimento populacional, estimularia as espécies inteligentes à formação de biosferas artificiais ao redor de suas estrelas. A abordagem de Dyson parte de uma teoria sobre a natureza e a evolução de sociedades tecnológicas, com base numa análise histórica (nós) e uma projeção futuroológica (eles). Extrapolando a partir do ritmo de desenvolvimento industrial em sua época, projeta velocidades de transformação e, logo, a expansão rumo ao espaço exterior como saída para necessidades impostas pelo crescimento econômico populacional.

Essa tese futuroológica remete à natureza e evolução da própria sociedade, marcada pelo crescimento industrial acelerado e expansão planetária, num movimento que caracterizou a história do Ocidente nos dois últimos séculos. No núcleo da teoria de Dyson verifica-se a presença de uma forma particular de conceber as civilizações, seus ritmos e necessidades. A projeção daí decorrente é construída como uma extrapolação linear de certas peculiaridades locais e temporais (a história ocidental mo-

derna), que, todavia, almejar a universalidade tecnológica. Shlokovskii e Sagan, alguns anos depois, consideravam que o atual fluxo de ondas via rádio, que é diferente das emissões naturais, e a colocação em órbita de satélites artificiais poderiam ser sinais de vida inteligente na escala cósmica. Também especularam sobre a constituição de uma sociedade galáctica intercomunicante, com uma Enciclopédia e um Codex para regular as suas relações, pois a riqueza, a diversidade e o esplendor desse comércio, o intercâmbio da mercadoria e das informações, de argumentos e artefatos, de conceitos e conflitos, devem continuamente estimular a curiosidade e ampliar a vitalidade das sociedades participantes. A colonização da galáxia é, assim, imaginada como uma trajetória bastante plausível para sociedades tecnológicas. Há aqui uma perspectiva que confere ao comportamento de hipotéticos seres num fenômeno marcante da cultura ocidental e, em especial, a moderna, e a expansão e o controle crescente sobre a natureza e outras sociedades.

CIÊNCIA PLANETÁRIA E MEIO AMBIENTE

A ciência planetária foi para Sagan um aprendizado e ajudou a formação de um amplo ponto de vista interdisciplinar, extremamente útil para descobrir e tentar reduzir o perigo dessas ameaçadoras catástrofes ambientais. Quando se começa a conhecer outros mundos, como ele conheceu, ganha-se uma perspectiva sobre a fragilidade dos meios ambientes planetários e sobre outros meios ambientes, bem diversos, que são possíveis. É plausível, acreditava Sagan, que haja catástrofes globais potenciais ainda por descobrir. Se estas se confirmarem, Sagan apostava que os mesmos cientistas planetários desempenhariam um papel central nesta questão. De todas as áreas da Matemática, da Tecnologia e da Ciência, a que tem maior cooperação internacional, pela frequência de artigos de pesquisa é a área (que após a morte de Sagan passou a se chamar planetologia comparada) chamada a Terra e as Ciências Espaciais. O estudo deste mundo e de outros, pela sua própria natureza, tenderia a não ser local ou nacionalista.

As pesquisas por serem internacionais permitem que se descubram outros trabalhos que complementem os de outros pesquisadores de

Para Sagan, a história da humanidade começaria com o desenvolvimento do planeta seguido da evolução da vida, a sobrevivência no meio ambiente, o surgimento da inteligência e a invenção da tecnologia à compreensão das leis da natureza, que podem ser reveladas por experiências e que o seu conhecimento pode ser usado tanto para salvar quanto para destruir vidas, em ambos os casos, em escalas sem precedentes



outras nações; ou que para resolver um problema, precisam de dados ou de outras perspectivas não disponíveis em alguns países. E quando acontecia essa cooperação, os seres humanos (como diria Sagan), de diferentes partes do planeta, trabalham, como parceiros, em questões de interesse comum, por meio de uma linguagem científica mutuamente inteligível. Ele também acreditava ver o mesmo acontecendo em outras questões não científicas, o que já é bem mais difícil porque na política o interesse não é comum. Mas Sagan, avaliando os fatos, a utilidade da exploração do espaço pare-

cia-lhe extremamente prática e urgente para os habitantes da Terra. Mesmo que a perspectiva de explorar outros mundos não despertasse o menor interesse, mesmo que não tivessem um mínimo de espírito aventureiro, mesmo que só se preocupassem consigo mesmos e de maneira bem limitada, ainda assim a exploração planetária constituiria um grande investimento, e para isso Sagan justificou a exploração espacial com algumas das catástrofes.

Em 1993, um grupo de caçadores de asteroides e cometas, Carolyn e Eugene Shoemaker e David Levy, descobriram um que estava muito

próximo de Júpiter. A órbita desse cometa foi, então, determinada com alta precisão. Entre 16 e 22 de julho de 1994, todos os fragmentos cometários, um depois do outro, colidiram com Júpiter. Seus impactos com Júpiter foram espetaculares. Alguns militares na época, influenciados talvez por alguns filmes, propunham a deflexão de asteroides e cometas empregando novas armas nucleares ou motores de fusão nucleares. Na época em que Sagan escreveu "Pálido Ponto Azul", havia uma estimativa de 2000 asteroides maiores de um quilômetro dentre um número de aproximadamente 200 mil com

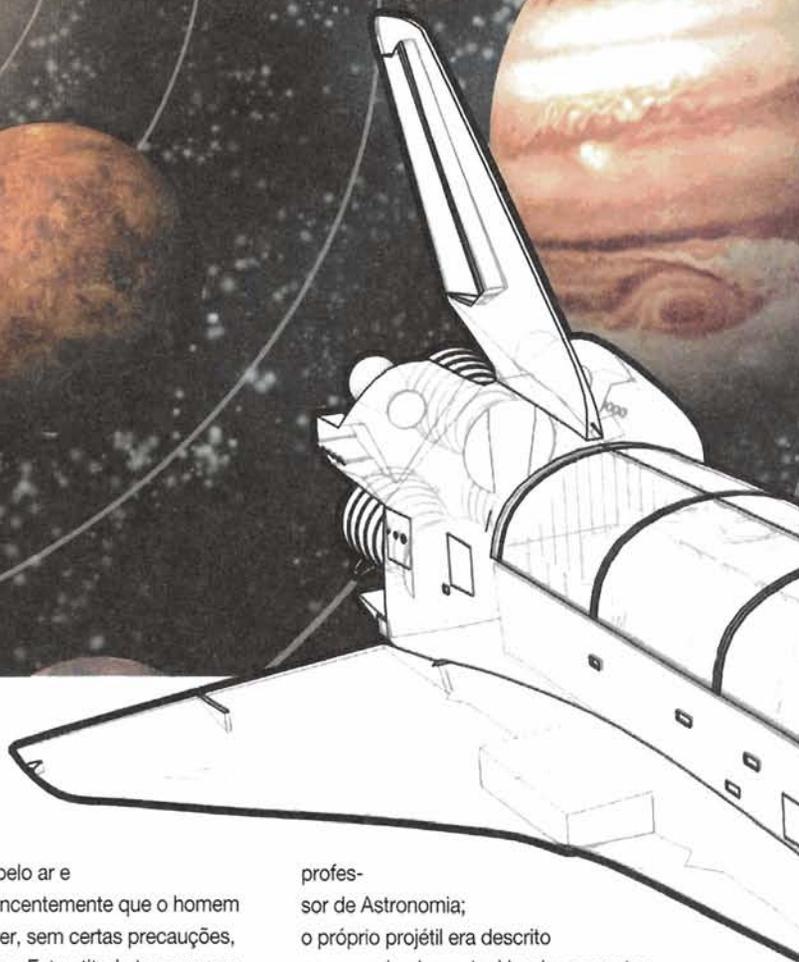
VIAGEM INTERPLANETÁRIA

Muito antes de Carl Sagan escrever seus livros, a questão das viagens interplanetárias ou interestelares já era comentada nos primeiros escritos comprovados na História da Ciência. No século II a.C., já era sabido que os planetas eram realmente mundos. A partir da observação da própria Lua, chegou-se a fazer estimativas de suas dimensões e distância da Terra, obtendo valores que estavam próximos da verdade. Feito isso, era natural especular sobre a natureza da Lua e imaginar se ela seria habitada. Também era natural, ou assim nos parece, que escrevessem histórias sobre viagens inicialmente a esse mundo misterioso e romântico. No alvorecer do século XIX, a história da viagem pelo espaço ainda encontrava obstáculos. Muito se sabia acerca das dificuldades e objeções do voo interplanetário; a ciência não avançava o suficiente para sugerir como vencê-las. A invenção do balão (em

1783) distraía a atenção para a viagem pelo ar e mostrava convincentemente que o homem não poderia viver, sem certas precauções, a grandes alturas. Esta atitude transparece na famosa história de Júlio Verne, “Da Terra à Lua” (1865). Embora grande parte da obra seja uma sátira aos americanos, este livro foi, segundo Clarke, o primeiro trabalho importante de ficção científica, porque foi o primeiro baseado em princípios científicos sólidos. Ele sabia que um corpo projetado da Terra, desde que com velocidade suficiente, alcançaria a Lua, mas em consequência, limitou-se a construir um canhão enorme e a disparar um projétil especialmente equipado, em cujo interior estavam os protagonistas. Todos os cálculos, o tempo gasto e as velocidades da viagem foram efetuados com detalhe pelo cunhado de Verne, que era

professor de Astronomia; o próprio projétil era descrito pormenorizadamente. Um dos aspectos mais interessantes era o de possuir foguetes que o impulsionariam quando alcançassem o espaço vazio.

Verne compreendeu perfeitamente – ao contrário de tantos que o sucederam – que o foguete podia funcionar no vácuo, no espaço onde não havia atmosfera. Para alguns, o livro de Júlio Verne foi o primeiro baseado em trabalhos científicos. Mesmo antes que a era moderna de trabalhos experimentais em larga escala viesse comprovar a precisão das predições desses homens, o foguete havia sido aceito como motor das astronaves na maioria das histórias de viagens interplanetárias. No iní-



diâmetro maior que cem metros em órbita da Terra. Sagan propunha a exploração desses asteroides maiores de 1 km alegando que alguns astronautas já estiveram por tempo maiores que toda a viagem de ida e volta a alguns desses corpos celestes. Também existia a tecnologia de foguetes para chegar até lá.

Seria um passo muito menor do que ir a Marte ou, até mesmo sob vários aspectos, que voltar à Lua, entretanto se algo desse errado, a dificuldade em voltar para casa seria a mesma que estar num desses planetas. Sagan propunha, por exemplo, uma visita ao asteroide Ne-reu. Esta viagem levaria dez meses para ir, passaria trinta dias e voltaria com robôs ou seres humanos. Com essa expedição, poderiam examinar a forma, constituição, o interior, a história passada, a química orgânica, a evolução cósmica e a possível ligação com os cometas desse

pequeno mundo. Poderiam trazer de volta amostras para serem examinadas com calma nos laboratórios da Terra. Poderiam

investigar se existem, de fato, recursos de valor comercial, metais ou minerais no asteroide. Se algum dia enviarmos seres humanos a Marte, os asteroides próximos da Terra forneceriam uma meta intermediária conveniente e apropriada: testar o equipamento e os planos de exploração, enquanto se estuda um pequeno mundo quase totalmente desconhecido. Esta expedição seria, segundo Sagan, para adquirir uma experiência necessária.

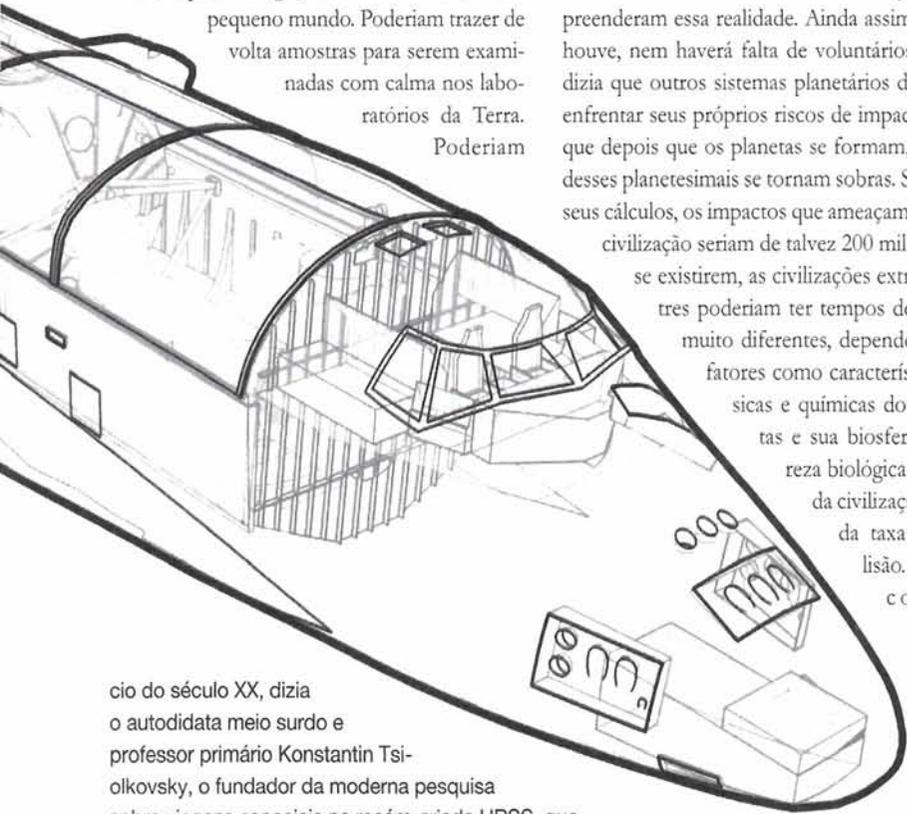
RISCOS E BENEFÍCIOS DA EXPLORAÇÃO ESPACIAL

Sagan sempre esteve ciente dos riscos da exploração espacial e não escondia isso de ninguém, porque enviar pessoas ao espaço exige uma razão muito boa e a compreensão realista de que, é quase certo, que iremos perder vidas. Os astronautas e os cosmonautas sempre compreenderam essa realidade. Ainda assim, nunca houve, nem haverá falta de voluntários. Sagan dizia que outros sistemas planetários deveriam enfrentar seus próprios riscos de impacto, porque depois que os planetas se formam, muitos desses planetesimais se tornam sobras. Segundo seus cálculos, os impactos que ameaçam a nossa civilização seriam de talvez 200 mil anos. E se existirem, as civilizações extraterrestres poderiam ter tempos de espera muito diferentes, dependendo de fatores como características físicas e químicas dos planetas e sua biosfera, natureza biológica e social da civilização, além da taxa de colisão. Sagan conclui

dizendo que se no caso de ser comum o aparecimento de civilizações nos planetas por toda galáxia, poucas serão, ao mesmo tempo, duradouras e não tecnológicas.

Como o perigo dos asteroides e cometas deve se aplicar a todos os planetas habitados da galáxia, se é que eles existem, por toda parte os seres inteligentes deveriam unificar politicamente seus mundos natais, abandonar seus planetas e deslocar os pequenos mundos próximos. E que sua opção definitiva, como a nossa, seria o voo espacial ou a extinção. Eis as justificativas de Sagan para se realizar o voo espacial:

1. Temos queimado combustíveis fósseis por centenas de milhares de anos. Nos anos 1960, havia queimado madeira, carvão, petróleo e gás natural, em tão grande escala, que os cientistas começaram a se preocupar com o crescente efeito estufa; os perigos do aquecimento global começaram lentamente a se introduzir na consciência política, e os acordos não são razoáveis.
2. Os CFCs foram inventados nos anos 1920 e 1930; em 1974, descobriu-se que atacavam a camada protetora de ozônio. Quinze anos mais tarde, entrou em vigor a proibição de sua produção em todo o mundo, mesmo assim de maneira tímida.
3. As armas nucleares foram inventadas em 1945. Só em 1983 é que as consequências globais da guerra termonuclear foram compreendidas. Em 1992, inúmeras ogivas nucleares estavam sendo desmontadas, porém outros países ainda desejam possuir algumas.
4. O primeiro asteroide foi descoberto em 1801. Propostas mais ou menos sérias para deslocá-los foram imaginadas no início dos anos 1980. O reconhecimento dos perigos potenciais da tecnologia de deflexão dos asteroides veio pouco depois.
5. A guerra biológica nos acompanha há séculos, mas seu casamento mortal com a biologia molecular só ocorreu recentemente, e por ser mais barata do que a tecnologia nuclear pode ser fabricada em qualquer lugar.
6. Nós, seres humanos, já provocamos extinções de espécies numa escala sem precedentes desde o final do período cretáceo. Só na última década, no entanto, a magnitude dessas extinções se tornou clara e se



cio do século XX, dizia o autodidata meio surdo e professor primário Konstantin Tsiolkovsky, o fundador da moderna pesquisa sobre viagens espaciais na recém-criada URSS, que, em princípio, surgem a ideia, a fantasia e o conto, depois deles, o cálculo científico e, então, os homens práticos tornam a ideia realidade. Tsiolkovsky disse isso um ano depois do nascimento de Carl Sagan em 1931.

levantou a possibilidade de que, em nossa ignorância das inter-relações da vida na Terra, poderíamos estar pondo em perigo o nosso próprio futuro.

Devido à ação ou inação, e ao mau emprego de nossa tecnologia, vivemos um momento extraordinário em que a nossa espécie poderia destruir a si mesma. No entanto, a mesma espécie tornou-se capaz de viajar para os planetas e estrelas. Sagan justifica esse momento dando uma sensação de uma história linear e inexorável. Para Sagan, a história da humanidade começaria com o desenvolvimento do planeta seguido da evolução da vida, a sobrevivência no meio ambiente, o surgimento da inteligência, e a invenção da tecnologia à compreensão das leis da natureza, que podem ser reveladas por experiências e que o seu conhecimento pode ser usado tanto para salvar quanto para destruir vidas, em ambos os casos, em escalas sem precedentes.

Num lampejo, criam dispositivos que alteram mundos. Algumas civilizações planetárias compreendem seu caminho, estabelecem limites para o que pode e o que não deve ser feito e, em segurança, passam pelo tempo dos perigos. Como, afinal de contas, toda sociedade planetária será ameaçada pelos impactos vindos do espaço, toda civilização sobrevivente é obrigada a empreender a viagem espacial. Não por um entusiasmo exploratório ou romântico, mas pela mais prática das razões imagináveis: manter-se viva. E, uma vez no espaço, durante séculos e milênios, deslocando pequenos mundos e promovendo a engenharia de planetas, a espécie se desprende de seu berço. Se existem, muitas outras civilizações acabarão por se aventurar muito longe de casa.

As piores perspectivas não deveriam, pelo menos para Sagan, serem causa para desespero, e nem as melhores, para complacência. Se pudessemos, acreditava Sagan, agarrarmos o destino pela mão, poderíamos, talvez redirecioná-lo, modificá-lo ou evitá-lo. Sagan explicava que deveríamos manter habitável o planeta Terra com urgência, numa escala de décadas ou até de centenas de anos. Isso implicaria, seguindo ele, em mudanças no governo, na indústria, na ética, na economia e na religião. Sagan tinha receio pelo fato de nunca termos feito

isso antes, ainda mais em escala global e por ser difícil ainda mais pelas tecnologias perigosas estarem muito difundidas e a corrupção muito disseminada. Os grandes líderes estão mais preocupados com o curto prazo e não o longo. Os conflitos entre grupos étnicos, nações, Estados e ideologias impediam (e impedem) que o tipo correto de mudança global seja instituído. Sagan também tinha dúvidas quanto a perceber se realmente compreendia o perigo de forma clara, ou que grande parte do que se ouve a respeito daqueles que têm interesse pessoal em minimizar as mudanças fundamentais.

Sua maior esperança era que acreditava nas mudanças sociais feitas pelos próprios homens e que são duradouras. Desde tempos imemoriais, trabalhamos não apenas em proveito próprio, mas para nossos filhos e netos. E qual seria a solução? Seguindo a linha de raciocínio de Sagan, a resposta seria assim: “Se estivéssemos no espaço, entre os planetas, se houvesse co-

munidades humanas autossuficientes em muitos mundos, nossa espécie ficaria imune à catástrofe. A diminuição da camada de ozônio em um mundo seria, pelo menos, um aviso para se ter cuidados especiais com essa camada protetora em outro. Um impacto cataclísmico num mundo deixaria, provavelmente, todos os outros ilesos. Quanto maior for o número de humanos fora da Terra, quanto maior a diversidade de mundos que habitarmos, quanto mais variada a engenharia planetária, quanto maior o alcance de padrões e valores sociais, mais segura estará a espécie humana.

Caso alguém crescesse nos subterrâneos de um mundo com um centésimo da gravidade da Terra e vendo os céus pretos pelas janelas, não teria o mesmo conjunto de percepções, interesses, preconceitos e predisposições de um habitante da superfície do planeta natal. O mesmo aconteceria se a pessoa vivesse na superfície de Marte, ou em plena convulsão da “terraforma-



★ EXERCÍCIO PRÁTICO

De acordo com este texto, o defensor da exploração espacial a justifica com uma série de razões plausíveis. Faça um debate entre os alunos levantando os pontos principais de seu argumento a favor e contra da exploração espacial e os meios para isso. É necessário nesta primeira parte conhecer os problemas, pois eles estarão reformulados de outra maneira no próximo texto sobre "Duna".

MESTRADO

Este texto do Caderno de Exercícios é uma adaptação da introdução de minha dissertação de Mestrado em História da Ciência intitulada "Carl Sagan: a exploração e colonização de planetas: ficção científica, ciência e divulgação", defendida em 2006 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), sob orientação do Prof. Dr. Eduardo Cruz.

ção" de Vênus, ou em Titã. Essa estratégia imaginada por Sagan tinha um propósito: dividir a população em grupos menores que se autoprogam, cada um com forças e preocupações diferentes, mas todos marcados pelo orgulho local. Isto segundo Sagan poderia ser a chave de nosso próprio entendimento. Esta também era uma das justificativas que faltava para uma presença no espaço: melhorar as nossas chances de sobrevivência não apenas às catástrofes que se

poderiam prever, mas também aquelas que não poderíamos prever.

Prosseguindo em seu raciocínio, Sagan argumentava que não era dispendioso para uma escala de longo prazo para se realizar as coisas na Terra. Não era necessário dobrar os orçamentos das nações que exploram o espaço, e que se considerasse o mesmo gasto com os orçamentos militares, este seria apenas uma fração deles. Tão logo fosse possível estaríamos assentando humanos em asteroides próximos da Terra e estabelecendo bases em Marte. Mesmo com a tecnologia do fim do século XX era possível fazê-lo, num espaço de tempo de uma vida humana. E as tecnologias iriam se aperfeiçoar rapidamente, tornando-nos mais competentes em viagens espaciais.

Um esforço sério para enviar seres humanos a outros mundos é relativamente tão barato numa base por ano que não poderia na realidade competir com as agendas sociais mais urgentes na Terra. Se tomássemos esse caminho da ajuda na recuperação climática do planeta, seria muito mais real que em qualquer época anterior de exploração e descoberta. Sagan remembering a história pensou que, sem dúvida, a exploração e colonização deveriam ser esclarecidas, pautadas por um respeito aos ambientes planetários e ao conhecimento científico que eles encerram. E seria correto que a exploração e a colonização deveriam ser feitas equitativamente e transnacionalmente, por representantes de toda espécie humana. E nossa história colonial passada não é encorajadora nesse sentido; mas desta vez, o que nos moveria não seria o ouro, as especiarias, os escravos, nem a paixão de converter o indígena para uma única fé verdadeira, como aconteceu com os exploradores europeus dos séculos XV e XVI, e sim pela sobrevivência da humanidade. ■

REFERÊNCIAS

A Conquista da lua: de Galileu até hoje. Edição Especial Veja. São Paulo: Abril. s.d.

ASIMOV, I. *Exploradores do futuro.* In: Scientific American Brasil. n.3. São Paulo: Duetto. 2005.

_____. *Antologia I 1958-1974 e II 1974-1989.* Introdução. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1992.

_____. *No mundo da ficção científica.* Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1984.

CLARKE, A. C.; BRADBURY, R. (Orgs.) *Marte e a mente do homem: a conquista de Marte e o futuro do mundo.* Guanabara: Artenova. 1973.

_____. *A exploração do espaço.* São Paulo: Melhoramentos. 1959.

MÉSZAROS, I. *A necessidade de controle social.* São Paulo: Ensaio. 1993.

_____. *O poder da ideologia.* São Paulo: Ensaio. 1996.

NOVAES, W. *A década do impasse: da Rio 92 a Rio -10.* São Paulo: Estação Liberdade. 2002.

SAGAN, C. *As conexões cósmicas: uma perspectiva extraterrestre.* Portugal: Gradiva. 2001.

_____. *O mundo assombrado pelos demônios.* São Paulo: Companhia das Letras. 1997.

_____. *Paido ponto azul: uma visão do futuro da humanidade no espaço.* São Paulo: Companhia das Letras. 1996.

_____. *Cosmos.* Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1980.

_____. *Dragões em Eden.* São Paulo: Circulo do Livro. 1978.

_____. *Broca's brain: reflections on the romance of science.* New York: Ballantine Books. 1974.

TERZIAN, Y.; BILSON, E. (Orgs.) *O universo de Carl Sagan.* Brasília: Universidade de Brasília. 2001.

FILMOGRAFIA

Contato (2007) Direção: Robert Zemeckis. Roteiro: Michael Goldenberg (baseado no livro de Carl Sagan). Elenco: Jodie Foster e Matthew McConaughey. Gênero: Drama/ Ficção Científica.

Uma interpretação sociológica para a atualidade

por Carlos Alberto Loiola de Souza*

Como o enredo de uma ficção científica como
Duna contribui para a compreensão de temas
ecológicos, sociais, econômicos e políticos



Duna, de Frank Herbert, é composto de uma série de 6 livros: “Duna”, “O Messias de Duna”, “O Imperador Deus de Duna”, “Os Filhos de Duna”, “Os Hereges de Duna” e as “Herdeiras de Duna”. No primeiro título da série, “Duna”, o relato concentra-se sobretudo na esfera político-social, nas relações sociais, entre aspectos políticos e religiosos, entre o indivíduo e a sociedade e os desafios de uma ecologia extremamente delicada. Concentra-se de forma original na edificação da História – isso mesmo, História com “H” maiúsculo –, pois a possibilidade de alterar o futuro é a dúvida e a esperança de seres humanos que acreditam ser possível a evolução de uma sociedade como a nossa, de maneira que no futuro possamos até abandonar a forma humana. É possível mudar a História da humanidade?

Mais do que qualquer livro escrito até a época de seu lançamento, em 1965, ele mostra o compromisso integral da ficção científica de caráter mais sociológico do que tecnicista. Não por aspectos ecológicos, combate à política corrupta, trama de amor, desenvolvimento dos poderes de Paul Atreides ou sensação a coisas além de nossa experiência, mas antes pelo fato de Frank Herbert ter criado uma civilização galáctica consistente, coerente, ampla e com profundidade. O enredo enfatiza a luta política e o desenvolvimento de Paul Atreides. Ela começa com uma manobra política, pois o imperador solicitou à família Atreides que deixasse o planeta Caladan, seu domínio ducal por várias gerações, e assumisse o governo de Arrakis, tirando-o das mãos dos Harkonnens, e supervisionasse a colheita ou “melange”. Tanto os Harkonnen como o imperador têm motivos para querer colocar o Duque Leto Atreides numa posição mais vulnerável, pois assim podem destruí-lo.

O papel ativo nesta parceria é desempenhado pelo Barão Vladimir Harkonnen, que introduziu um traidor no lar dos Atreides e tem adeptos em Arrakis. Deste modo, antes que o duque

e sua família pudessem estar plenamente estabelecidos e bem defendidos, as forças de Harkonnen assaltam o castelo e matam. Poucos escapam. Entre os sobreviventes, incluem-se Paul e sua mãe Lady Jessica. Os Fremem, nativos do planeta, sob a orientação de Kynes, o ecologista planetário que lhes deu uma visão do futuro, ajudam Paul e sua mãe a fugir para mais longe. Depois de cruzar o deserto a pé, são capturados por outro grupo de Fremem; embora o líder esteja disposto a acolhê-los a título de experiência, um de seus homens preferiria matá-los imediatamente, em cumprimento às tradições da tribo.

Eventualmente, Paul é forçado a lutar com este homem, Jamis; ele luta e o mata em combate solene. Com isto, ele se impõe à tribo e obtém o nome familiar e formal Fremem, de Usul e Muad'Dib. Pouco depois, Jessica tor-

de combater as incursões dos Fremem, assim como vários motivos políticos, traz as tropas imperiais e dos Harkonnen em grande número a Arrakis. Com a ajuda de uma tempestade e cavalgando os Makers ou vermes de areia, os Fremem, comandados por Paul, derrotam as forças numericamente superiores, dispostas contra eles. Depois de um combate formal com Feyd-Rautha Harkonnen, o qual ele mata, Paul depõe o imperador, casando-se com sua filha, assegurando todavia que ela será a esposa apenas nominalmente. Deste modo, a vingança de Paul pela morte de seu pai é completada.

Embora o tema do desenvolvimento e ascensão de Paul seja mais extensamente desenvolvido e detalhado do que os demais, este não é de maneira alguma o único tema significativo do romance. Além de proporcionar a motivação para muitas das ações na ficção, o

Mais do que qualquer livro escrito até a época de seu lançamento, em 1965, ele mostra o compromisso integral da ficção científica de caráter mais sociológico do que tecnicista. Não por aspectos ecológicos, combate à política corrupta, trama de amor, desenvolvimento dos poderes de Paul Atreides ou sensação a coisas além de nossa experiência, mas antes pelo fato de Frank Herbert ter criado uma civilização galáctica consistente, coerente, ampla e com profundidade

na-se a Reverenda Madre dos Fremem. Alcançando rapidamente uma posição de comando entre eles, os conduz em incursões contra os Harkonnen que haviam se reapossado do planeta. Paul também bebe a Água da Vida, um veneno utilizado para identificar as Reverendas Madres, que possuem o poder de transmutá-lo; ele sobrevive e isto lhes traz toda a essência de seus poderes. Finalmente, a necessidade

de tratamento do poder político e da manobra política no romance é também importante tematicamente. O ditado “o poder corrompe; o poder absoluto corrompe absolutamente” faz jus a este tema. Torna-se bem claro, por exemplo, que a razão principal de o imperador estar querendo ajudar o Barão Harkonnen a destruir a Casa dos Atreides é que ele sente a ameaça dos dois homens, e já que Leto é o mais competente

* Carlos Alberto Loiola de Souza é sociólogo, historiador da Ciência, diretor financeiro do Sindicato dos Sociólogos do Estado de São Paulo (Sinsesp), professor de Economia da Fatec Zona Sul e de Geografia na Etec Zona Sul, membro da Sociedade Antroposófica no Brasil (carlosloiola7@hotmail.com)

dos dois, ele precisa ser destruído; como consequência, ele pode utilizar esta destruição como uma ameaça contra o Barão para poder reprimi-lo. Em poucas palavras, o imperador está utilizando seu poder para preservar esse poder e para preservar o fluxo de dinheiro proveniente da especiaria.

O Barão Harkonnen também é corrupto e um usuário de homens para seus objetivos pessoais. De certo modo, ele é até mais perigoso que o imperador, pois enquanto o imperador tem todo o poder disponível, o Barão desejaria mais do que tem e está inclinado a utilizar qualquer meio possível para obter esse poder. Além disso, estes dois homens são exploradores, preocupados em tirar tudo de Arrakis, tão rápido quanto puderem. Eles não têm preocupação por exaurir o planeta e muito menos pelos homens e equipamentos que fazem o trabalho efetivo de colher a especiaria. Na verdade, parece que estes dois homens, e aqueles que os cercam, realmente ajustam-se àquela citação.

Contrapostos a estes dois, encontramos dois outros líderes que não se ajustam bem a esse modo de ser. O Duque Leto Atréides, por exemplo, é muito mais preocupado com os homens do que com as máquinas ou a especiaria, se precisar fazer alguma escolha entre eles. Alguns de seus planos, para Arrakis, incluem maneiras de tornar mais segura a colheita de especiaria sem que haja ameaça aos homens pelos vermes do deserto. Ele também tenta comandar pelo exemplo e não pelo temor. Procura mais harmonizar do que polarizar. Ele não é perfeito, naturalmente, mas se esforça para considerar o elemento humano em vez de teoria abstrata. Ele está bem ciente do poder que deve ser obtido, formando uma força de combate igual

a do imperador, mas parece estar mais interessado em utilizá-la para preservar o equilíbrio do que em obter poder para si próprio.

Outro exemplo de um bom líder que é pouco corrompido pelo poder é Stilgar, o comandante dos Fremem. Ele impressiona Jessica imediatamente com o conhecimento que tem dos seus homens, com sua maneira de tentar desviá-los de ações que ele não aprova, com sua submissão à opinião da tribo, e com sua compreensão de muitas coisas, inclusive da necessidade de mudança. Além disso, em todas as ações, ele tem o mais alto interesse pelo bem-estar de sua tribo; está disposto a permitir que seja morto, se isto os ajudar no futuro. Apesar de ele lutar por seu poder, não será pela mesma razão que o imperador lutaria pelo seu; Stilgar lutará a fim de assegurar que o desafiador é digno de tomar seu lugar como líder e protegerá seu povo, não apenas para conservar o poder para si. Embora estes dois homens, Leto e Stilgar, possam não ser líderes perfeitos, não se pode dizer que fo-

ram corrompidos pelo seu poder.

Embora o tema ecológico não seja o principal ou o mais claramente desenvolvido do romance, há motivo para pensar que ele contém a ideia que deu impulso para escrever o romance. Basicamente este tema compõe-se de vários elementos: a natureza e o equilíbrio do planeta na época da história; as maneiras pelas quais as pessoas se adaptaram a estas condições, tanto aqueles que convivem com elas como os que lutam contra elas, e o sonho de um planeta verde, inclusive o plano ecologicamente bem fundado para gradualmente transformar este sonho em realidade. Cada um destes elementos é complexo em si mesmo. Obviamente, o fato principal sobre este planeta é que ele é quase totalmente deserto, tendo apenas calotas polares de gelo muito pequenas. Água é uma substância de grande interesse, especialmente entre os que não possuem nem os recursos financeiros nem relações políticas para importar água de outros mundos. É insinuado que há água suficiente

■ A FICÇÃO CIENTÍFICA NAS AULAS DE SOCIOLOGIA

A ficção científica dos livros, ou dos filmes baseados ou não em obras literárias, pode ser um elemento interessante nas atividades em sala de aula. Além do seu caráter alternativo e recreativo, capaz de prender a atenção dos alunos, as obras de ficção científica trazem em seus enredos e metáforas uma reflexão crítica a respeito de vários aspectos da vida social: os valores e as leis, a organização social e política,

a relação com a natureza, os modos de produção, a interação entre os homens...

Desde que ocorra a adequação temática e didática e a correta mediação dos professores, filmes como "Blade Runner - o caçador de andróides" (1982), de Ridley Scott ou "Matrix" (1999), de Andy e Larry Wachowski, podem ser considerados excelentes auxiliares para entendimento de determinados temas.



★ EXERCÍCIOS PRÁTICOS

Nossa proposta neste caderno de exercícios gira em torno da questão central de "Duna" que é: **como você modificaria um planeta deserto de uma maneira ecologicamente bem fundada?** A partir disto, alguém teria de conhecer o próprio planeta, o modo de vida das pessoas que lá vivem, a razão pela qual este planeta é importante e o plano para alterar as atuais condições. Não é difícil deduzir a ideia de que este não é o único planeta habitado, que alternativamente daria origem a algum sistema político, algum meio de transporte entre planetas, um possível conflito entre os nativos e os que estão em busca daquilo que faz o planeta ser interessante para os outros. Este último pormenor exigiria que os nativos, que querem alterar o planeta, busquem algum tipo de poder político se seu sonho é superar a oposição; como consequência, isto requer um líder de poderes extraordinários. Dado o fato de que há um governo global para este sistema de planetas habitados, os dados físicos das distâncias e as dimensões das principais subdivisões políticas, o cenário tem um efeito sobre o sistema governamental; embora a consequência lógica seja uma monarquia dada as condições. O cenário específico, o planeta Arrakis,

ou Duna, afeta a maior parte das ações e está em seu único aspecto importante para o sistema governamental, que é o fato único de que ele produz "melange", uma especiaria que possui muitas propriedades incomparáveis que a tornam valiosa. A fiscalização desta especiaria pode conduzir a manobras políticas. Mais que tudo isso, o cenário e as atitudes dos vários grupos criam um dos temas principais do romance, que pode ser chamado de tema ecológico. Há um conflito entre agricultura e exploração, e entre adaptar-se à terra e adaptar-se a si mesmo. A resposta proporcionada não é simples: ela propõe que pode ser tomado um pouco de cada ponto de vista, se a ecologia do planeta como um todo, inclusive as pessoas que vivem lá, for levada em consideração antes que quaisquer mudanças sejam feitas ou qualquer uso dos recursos seja feito, pois ele conduz aos conflitos políticos. Deste modo, sob a denominação geral de temas políticos, verificamos que a natureza do poder e seus efeitos sobre os que os possuem ou o desejam, a natureza da liderança sincera, as funções de um sistema de controles e equilíbrios, e as relações entre a visão e autoridade política efetiva estão entre os assuntos temáticos específicos tratados.

REFERÊNCIAS

HERBERT, Frank. Tradução de Jorge Luiz Calife. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Os livros da série "Duna"

Duna (1965)

O Messias de Duna (1969)

Os Filhos de Duna (1976)

O Imperador-Deus de Duna (1981)

Os Hereges de Duna (1984)

As Herdeiras de Duna (1985)

FILMOGRAFIA

Duna (1984) - Direção: David Lynch



Embora o tema do desenvolvimento e ascensão de Paul seja mais extensamente desenvolvido e detalhado do que os demais, este não é de maneira alguma o único tema significativo do romance. Além de proporcionar a motivação para muitas das ações na ficção, o tratamento do poder político e da manobra política no romance é também importante tematicamente. O ditado “o poder corrompe; o poder absoluto corrompe absolutamente” faz jus a este tema



FOTOS: MAGUIPI/UNIVERSITY OF ARIZONA

no planeta, para provocar uma mudança destas condições, embora encontrá-la numa forma utilizável é uma coisa muito diferente. De qualquer forma, planejamento extremamente cuidadoso e meios muito sofisticados de obter esta água são necessários para que qualquer esforço nesse sentido seja bem-sucedido. E, naturalmente, muito cuidado é necessário, a fim de preservar a vida que ainda existe lá.

Os Fremem não eram originalmente nativos de Arrakis, tendo sido levados para lá como escravos; entretanto, eles se adaptaram e também todo seu estilo de vida no planeta, devido ao seu desejo de sobreviver. Todos os seus esforços neste sentido são concentrados em coisas relacionadas à água. Seus costumes fúnebres, seu tratamento para com estranhos, seus meios de transporte, suas armaduras; todas estas coisas estão diretamente relacionadas às condições que eles enfrentam e à sobrevivência da tribo. Sua visão do futuro do planeta parece baseada em duas coisas: sua lembrança do mundo de onde vieram, que mantêm viva por meio de um ritual, e as palavras de Kynes sobre como eles podem tornar verde seu mundo.

A paciência é uma característica de sobrevivência neste planeta, por isso eles estão perfeitamente adaptados ao longo período de tempo que é necessário para este plano funcionar. É Kynes quem fornece o plano básico, os meios de efetuar mudança de uma maneira ecologicamente bem fundamentada, de modo que formas de vida necessárias possam ou adaptar-se às condições alteradas ou ser substituídas por outras formas de vida que podem desempenhar uma função similar no meio ambiente alterado. Os Fremem acrescentam a devoção à causa e à aplicação particular dos planos que tornarão este sonho uma realidade. Todos percebem, entretanto, que a mudança não pode ser completa, pois, o que torna importante o planeta é a especiaria, e água é veneno para os vermes do deserto que produzem a especiaria em sua forma inicial.

Há também os temas religiosos: a vinda de um Messias profetizado e dos costumes dos quais os homens estão inconscientes para os propósitos e atividades de um princípio mais elevado, mesmo quando pensam que têm controle de suas ações e um propósito. ■